

60 semanas de sucesso nos EUA!  
1 milhão de livros vendidos!

Robert Fulghum

---

TUDO QUE  
EU DEVIA  
SABER  
NA VIDA  
APRENDI NO  
JARDIM-DE-  
INFÂNCIA

---

Idéias incomuns sobre coisas banais

  
EDITORA BEST SELLER

3ª EDIÇÃO

ROBERT FULGHUM

**TUDO QUE EU DEVIA  
SABER NA VIDA APRENDI  
NO JARDIM-DE-INFÂNCIA**

**IDÉIAS INCOMUNS SOBRE COISAS BANAIS**

Editora Best Seller

Título original:

***All I Really Need to Know I Leamed in Kindergarten***

Copyright © Robert Fulghum, 1986, 1988

Publicado sob licença de Villard Books, a division of Randon House, Inc.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor. Não é permitida a venda em Portugal.

Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa no Brasil adquiridos por EDITORA NOVA CULTURAL LTDA., que se reserva a propriedade desta tradução.

EDITORA BEST SELLER

Uma divisão da Editora Nova Cultural Ltda. Av. Brig. Faria Lima, 2000 – CEPO 1452 -Caixa Postal 9442 São Paulo, SP.

Fotocomposto na Editora Nova Cultural Ltda.

Impresso e acabado na Gráfica do Círculo do Livro S.A.

## DO AUTOR PARA O LEITOR

---

Antes de você começar, quero dizer-lhe duas palavras. Oferecer-lhe uma espécie de roteiro, para que não perca o fio da meada. O que você está começando a ler foi escrito ao longo de muitos anos, aos pouquinhos – e eu pensava em amigos, familiares, numa comunidade religiosa e em mim mesmo –, sem a idéia de que “meus escritos” viessem a se transformar em livro. Não sabia que nome dar ao que fazia e os chamava assim: “meus escritos” – espécie de registro do que se passava em minha cabeça e em minha vida.

Parte desses escritos – a que se refere ao que aprendi no jardim-de-infância – viajou bastante, de um canto a outro do país, antes de ganhar autonomia e vida própria. De repente, o texto chegou às mãos de uma agente literária, trazido da escola na mochila de seu filho. E ela me escreveu, querendo saber se eu tinha mais material. Ora, eu tinha. Daí em diante, numa espécie de maravilhosa corrente, uma coisa foi puxando a outra.

Assim, temos aqui, em livro, os meus primeiros “escritos” e outros que produzi depois. Alterei alguns nomes e acontecimentos para resguardar a privacidade de meus “personagens”, uns tímidos, outros inocentes, outros as duas coisas.

Mais um detalhe: é possível que você encontre contradições no texto. Pode acontecer de estar lendo e pensar: “Mas ele não disse exatamente o contrário poucas páginas atrás?” É. Parece que guardo, arquivadas na cabeça, noções completamente

contraditórias. Por exemplo, é verdade que não vale a pena viver sem questionar a própria vida, mas também é verdade que a ignorância é uma bênção. Coisas assim. Ainda não cheguei a conclusões definitivas sobre tudo.

Que mais lhe poderia dizer?

Vá lendo devagar, sem pressa, pois não faço suspense, nem guardei a grande surpresa para o último capítulo.

Por fim, devo informar que tenho diploma de Contador de Histórias. Um amigo teve o cuidado de datilografá-lo e o colou com fita adesiva na parede, em frente a minha escrivaninha. Por esse diploma, fica-me assegurado o direito de usar a imaginação para “costurar” como quiser os fatos de minha experiência, desde que, com isso, consiga uma boa história, respeitada a Verdade na medida do possível. Em meu diploma pode-se ler, também, o **Credo do Contador de Histórias:**

*Creio que a imaginação pode mais que o conhecimento.*

*Que o mito pode mais que a história.*

*Que os sonhos podem mais que os fatos.*

*Que a esperança sempre vence a experiência.*

*Que só o riso cura a tristeza.*

*E creio que o amor pode mais que a morte.*

Tenho feito de tudo para não escrever nada que dê motivo à cassação do meu diploma.

ROBERT FULGHUM

JÁ FAZ MUITOS ANOS QUE, a cada primavera, imponho-me a tarefa de fazer uma declaração pessoal de fé – de compor um Credo. Quando era mais jovem, meu Credo ocupava páginas e páginas, de tanto que me preocupava em cobrir todas as áreas, sem deixar nada pendente. Era como se tivesse de produzir uma espécie de sentença da Suprema Corte; como se, com palavras, pudesse resolver todos os conflitos sobre o sentido da existência.

Com o tempo, o Credo foi encolhendo. Às vezes acaba soando cínico, às vezes cômico, às vezes sereno, mas continuo trabalhando nele. Recentemente resolvi que tinha de fazê-lo caber inteiro em uma única página e que só podia usar palavras simples, mesmo sabendo que corria o risco de parecer idealista e ingênuo.

A idéia de procurar ser breve, verdadeira inspiração, ocorreu-me num posto de gasolina. Estava abastecendo meu velhíssimo automóvel com a gasolina mais pura, de alta octanagem. Combustível de luxo. O carro protestou: começou a ratear nos cruzamentos, vazava combustível pelas esquinas. Eu logo entendi o que estava acontecendo. De vez em quando me sinto assim, como o tanque de meu carro. Excesso de informação, excesso de complexidade, e eu é que começo a ratear pelas esquinas – um ratear existencial pelos cruzamentos da vida, justamente nos locais e horas em que tenho de tomar as mais difíceis decisões, e inevitavelmente descubro que ou sei demais, ou sei de menos. Quanto mais penso sobre a vida, mais me convenço de que ela não é um piquenique.

Foi quando descobri que já sei praticamente tudo o que é necessário saber para viver com dignidade – o quê, afinal, não é assim tão complicado. Já sei quais são as coisas que realmente contam. E de fato sei há muito tempo, porque tenho vivido essas

coisas. Sim, claro que viver já são “outros quinhentos”. Eis o meu Credo:

Tudo que eu preciso mesmo saber sobre como viver, o que fazer, e como ser, aprendi no jardim-de-infância. A sabedoria não estava no topo da montanha mais alta, no último ano de um curso superior, mas no tanque de areia do pátio da escolinha maternal. Vejam o que aprendi:

Dividir tudo com os companheiros.

Jogar conforme as regras do jogo.

Não bater em ninguém.

Guardar os brinquedos onde os encontrava.

Arrumar a “bagunça” que eu mesmo fazia.

Não tocar no que não era meu.

Pedir desculpas, se machucava alguém.

Lavar as mãos antes de comer.

Apertar a descarga da privada.

Biscoito quente e leite frio fazem bem à saúde.

Fazer de tudo um pouco – estudar, pensar e desenhar, pintar, cantar e dançar, brincar e trabalhar, de tudo um pouco, todos os dias.

Tirar uma soneca todas as tardes.

Ao sair pelo mundo, cuidado com o trânsito, ficar sempre de mãos dadas com o companheiro e sempre “de olho” na professora.

Pense na sementinha de feijão, plantada no copo de plástico: as raízes vão para baixo e para dentro, e a planta cresce para cima –

ninguém sabe como ou por quê, mas a verdade é que nós também somos assim.

Peixes dourados, porquinhos-da-índia, esquilos, hamsters e até a semente no copinho plástico – tudo isso morre. Nós também. E lembre-se ainda dos livros de histórias infantis e da primeira palavra que você aprendeu, a mais importante de todas: Olhe! Tudo que você precisa mesmo saber está por aí, em algum lugar. A regra de ouro, o amor e os princípios de higiene. Ecologia e política, igualdade e vida saudável.

Escolha um desses itens e o elabore em termos sofisticados, em linguagem de adulto; depois aplique-o à vida de sua família, ao seu trabalho, à forma de governo de seu país, ao seu mundo, e verá que a verdade que ele contém mantém-se clara e firme. Pense o quanto o mundo seria melhor se todos nós – o mundo inteiro – fizéssemos um lanche de biscoitos com leite às três da tarde e depois nos deitássemos, sem a menor preocupação, cada um no seu colchãozinho, para uma soneca. Ou se todos os governos adotassem, como política básica, a idéia de recolocar as coisas nos lugares onde estavam quando foram retiradas; arrumar a “bagunça” que tivessem feito.

E é verdade, não importa quantos anos você tenha: ao sair pelo mundo, vá de mãos dadas, e fique sempre “de olho” no companheiro.



ESTOU ENCARREGADO DA LAVANDERIA, em minha casa. Gosto do serviço. Fico com a sensação do dever cumprido. Sinto-me, de algum modo, envolvido com o resto da família. E o tempo que passo lá nos fundos da casa, sozinho, também é bom, às vezes. Gosto de ir separando as peças – leves, escuras, “médias”. Gosto de mexer nos botões – quente, frio, enxaguar, tempo, água fria, água quente. São escolhas que posso entender, opções que faço com a mais autêntica sabedoria, com o mais genuíno know-how. Ainda não conheço bem os novos equipamentos de som estéreo ou a laser, mas sou mestre em máquinas de lavar e em secadoras. A máquina dá sinal, você vai e retira as roupas fofinhas, ainda quentes, põe em cima da mesa da copa, separa a roupa de cada um dos familiares, vai dobrando e fazendo pilhas ou montinhos bem-arrumados. Mas gosto ainda mais quando a roupa sai da secadora carregada de eletricidade estática: você pega as meias, aproxima-as de qualquer pedaço de pele do corpo e elas ficam lá, grudadas. (Minha mulher me surpreendeu, certa vez, todo embandeirado com pés de meia pelos braços e ombros, e me deu um olhar daqueles. Nem sempre se pode explicar um gesto, um movimento. Você sabe como é...)

Quando o trabalho termina, sinto-me realizado, competente. Sou mesmo bom de lavanderia. Pelo menos *nisso*. E lavar roupa, você sabe, é uma experiência religiosa. Água, terra, fogo – os opostos, o seco e o molhado, o quente e o frio, o sujo e o limpo. Os grandes ciclos, o eterno retorno, gira e gira, começo e fim, Alfa e Ômega, amém. E eu lá, em contato com a fantástica e monumental *uma-coisa-ou-outra*. Por um momento, pelo menos, a vida é uma seqüência de fatos ordenados e plenos de sentido. Mas então, outra vez, tudo volta a ser como antes...

Na semana passada a máquina de lavar “pifou”. Acho que a sobrecarreguei de toalhas de banho e, sei lá por quê, as toalhas juntaram-se todas do mesmo lado da máquina, quando o tambor começou a girar. Então foi um tal de ranger de ferragens, de motor gemendo, e a máquina “saiu andando” pela lavanderia e explodiu, levantando a tampa. Pensei que estivesse à minha procura, ou tentando me caçar pela área de serviço. Num instante era um organismo calmo, bem ajustado, e no minuto seguinte lá estava, autêntica besta-fera, com o ventre cheio de toalhas semidigeridas, soltando espuma pela boca porque, provavelmente, exagerei também no sabão em pó. Cinco minutos depois, também a secadora estava parada, morta. Pensei num daqueles casais de velhinhos de casa de repouso que morrem, o marido logo depois da mulher, ou vice-versa, de tão ligadas que foram suas vidas.

Era sábado à tarde e todas as toalhas da casa estavam molhadas, além de todos os meus shorts e meias. E quer saber do pior? Se resolvesse chamar um desses técnicos, precisaria ficar de plantão em casa por trinta e seis horas e ainda convocar o gerente do banco para fazer plantão comigo e avaliar meu cheque de pagamento, porque, sem aval, o tal do técnico nem cruzaria a soleira da porta. Não dava. Eu não tinha tempo. A única solução possível era levar tudo para a lavanderia *self-service* de um shopping. Desde os tempos de faculdade, eu não passava uma noite de sábado numa dessas lavanderias automáticas. Quanta experiência se perde quando deixamos de freqüentá-las! A rara oportunidade de ver a roupa suja dos outros e de ouvir conversas que não se pode escutar em nenhum outro lugar. Vi uma respeitável velhinha com uma sacola cheia de peças de *lingerie* preta, sensualíssimas, e fiquei pensando se seriam dela ou não. E aprendi com um jovem

universitário, que ensinava o colega, a tirar manchas de casacos de camurça.

Lá sentado, esperando, concentrei-me na caixa de sabão em pó. Uso a marca *Alegria*, porque gosto da idéia de “uma lavagem feliz”. Já tarde da noite, encostado à secadora para me aquecer, comendo salgadinhos sabor de queijo e tomando o vinho branco que trouxera na garrafa térmica (sou um homem previdente!), comecei a pensar no sentido da vida e dei com os olhos na caixa de sabão em pó. Incrível! O produto contém ingredientes que servem para separar a sujeira das fibras do tecido, outros destinados a potencializar o poder “limpante” da água e, não bastasse isso, compostos que protegem as partes da lavadora que ficam em contato com nossa sujeira, mais elementos para apressar os processos de lavagem (sulfato de sódio), pequenas quantidades de um não-sei-o-quê extremamente útil porque evita que a roupa saia da máquina muito enrugada (facilitando portanto o trabalho de passar a roupa a ferro) e evita o amarelecimento dos tecidos. Além de alvejantes, colorantes e perfume. Verdade! E tudo isso, leitor amigo, por uns meros trocados por grama. Ah! É biodegradável e indicado especialmente para máquinas que não trabalham com água quente – elogiável consciência ecológica. Um verdadeiro milagre acondicionado em uma caixa de papelão.

Sentado ali, vendo a roupa girar na secadora, penso na esfera que é nosso mundo e na higiene. A humanidade progrediu muito, é claro. Antigamente pensávamos que toda doença era da responsabilidade de Deus. De repente entendemos que a doença resultava da ignorância humana, e desde então temos nos concentrado em – literalmente – limpar nosso “cocô”. Vivemos ocupados em livrar mãos, roupas, corpos, comidas e casas dos nossos excrementos.

Se pelo menos aparecesse um cientista com algum produto que servisse para tirar a sujeira que se acumula nas cabeças! Uma caixinha qualquer, uma química qualquer, que lavasse nossas vidas, que amaciasse a dureza dos corações, que prevenisse o desgaste íntimo de nossos corpos, que melhorasse nosso desempenho, que impedisse as rugas precoces e o amarelecimento da pele, que nos conservasse para sempre corados, meigos e bons.

Nem adianta tentar doses diárias do sabão em pó que uso. Já experimentei e o gosto é péssimo. (Verdade que nunca mais tive “boca suja”!)



orvalho no ponto certo de umidade para manter firmes os pontos que vai tecendo. Teia pronta, a aranha saiu para dar uma voltinha pelas redondezas e cantos do teto, pensando nas moscas que gostaria de comer no café da manhã. Sente-se bemdisposta, pronta para começar o dia. De repente... o mundo despenca: terremoto, furacão, erupção vulcânica. A teia despedaçada, enrolando-se cada vez mais numa figura tomada do mais terrível frenesi, uma posta de carne crua, mas maquiada, que produz um grito que a aranha jamais ouvira. É uma presa grande demais para manietar e guardar para comer mais tarde, e pula tanto que não vai ser possível mordê-la. Que fazer? Saltar para o chão e lutar? Ficar pendurada por um fio e rezar? Tentar um recuo estratégico?

Um ser humano. Acaba de aprisionar um ser humano. E a pergunta que se impõe é: para onde ele está indo e o que fará quando chegar lá?

Minha vizinha pensa na aranha como um animal parecido com uma lagosta, pelo menos no tamanho, com enormes mandíbulas e garras venenosas. Vai se despir, com certeza, e entrar num banho, com xampu e tudo, para ficar segura de que se livrou da aranha. E depois vai tornar a se vestir, da cabeça aos pés, para garantir que não continua em tão terrível companhia.

A aranha? Bem, se sobreviver, terá muito o que contar: “Vocês precisavam ver o tamanho do bicho que capturei! E cada garra!”

Aranhas, ótimas criaturas. Andam por aí há talvez 350 milhões de anos, e é difícil imaginar as dificuldades que enfrentaram em todo esse tempo. Sempre sobreviveram. Existem aos milhares – sessenta ou setenta mil delas – por lote de terreno.

Mas o que mais invejo nelas é a teia.

Imagine como seriam as coisas se fôssemos como as aranhas. Se tivéssemos aquele buraquinho, junto à base da espinha, através do qual secretássemos a matéria-prima de quilômetros e quilômetros de um fio parecido com a fibra de vidro que conhecemos. Fazer pacotes seria brincadeira de criança! O alpinismo, então, nunca mais seria como é! E os jogos Olímpicos?! E cuidar de crianças que vivem atrasadas e se perdem?! Nem dá para imaginar! Seria fantástico... Mas você já pensou, leitor, no trabalho que teríamos para limpar teias de aranha gigantescas?

Isso me faz lembrar uma canção que conheço. Que fala de uma aranha que arma sua teia na calha de um telhado. Vem a chuva e carrega a teia. A aranha parece perdida. Mas então vem o sol, seca as calhas dos telhados e a aranha torna a escalar o cano, chega à calha e outra vez tece sua teia. É uma antiga canção infantil americana, que todos estamos acostumados a ouvir e a cantar com nossos filhos. Por que todos nos lembramos desses versos, por que continuamos a cantá-los com nossas crianças? Por quê, se afinal de contas fala tão bem da aranha? Ninguém faz Uuuuuuuuuiiiiiiii quando lembra a aranha da música.

Provavelmente porque, na canção da aranha, falamos simplesmente da aventura da vida, em termos simples e claros. O bichinho está bem vivo, à procura de aventuras. Lá está o cano da calha, um longo túnel escuro, com uma luz lá adiante. A aranha não pensa duas vezes – e lá vai ela, túnel acima. Vem a chuva, a nevasca, forças poderosas se erguem contra ela. A aranha cai, é obrigada a retroceder, é jogada para trás, muito mais para trás do que ao começar a jornada. O que faz ela? Pára e dá de ombros: “Este túnel que se dane?” Não! Volta o sol, que seca as calhas e as aranhas, e nossa heroína torna a se aproximar da entrada da calha,

olha para cima e pensa que quer mesmo descobrir o que existe lá, naquele lugar de onde vem a luz.

Da segunda vez, é claro, a aranha já se aproxima da calha com mais cuidado: examina o céu na tentativa de adivinhar se vem chuva, escolhe melhor os pontos de amarração da teia, reza uma oração de aranha e parte, através do túnel e seus mistérios, rumo à luz, sempre em frente, sempre adiante.

Há muitos e muitos anos que os homens fazem exatamente isso. Temos vencido toda espécie de catástrofes, de desastres, de fracassos. Somos sobreviventes e cuidamos de ensinar aos nossos filhos a arte da sobrevivência. E, sem dúvida, as aranhas também, lá do jeito delas.

Não tenho dúvidas de que minha vizinha vai sobreviver e, da próxima vez que sair de casa para o trabalho, tomará mais cuidado. Também a aranha, se sobreviver, será mais cuidadosa da próxima vez que tiver de escolher um lugar para prender a teia. Se não sobreviver, bem, há milhares de aranhas pelo mundo e com certeza muitas ouviram, de longe, aquele espantoso grito de alerta.



NAS ILHAS SALOMÃO, no Pacífico Sul, os nativos descobriram um jeito inusitado de derrubar árvores. Se algum tronco é grosso demais para ser abatido a machado, os nativos o cortam a gritos. (Não sei onde guardei o artigo de jornal, mas juro que li.) Lenhadores dotados de poderes misteriosos sobem na árvore de manhã bem cedo e, de repente, põem-se aos berros. E durante trinta dias, continuam berrando. A árvore morre e cai por terra. A explicação, dizem eles, é que, com a gritaria, matam o espírito da árvore e, ainda segundo os nativos, o método nunca falha.

Pobres inocentes e ingênuos! Como são pitorescos os hábitos da selva! Imagine só, derrubar árvores “no grito”... Que coisa mais primitiva! Que pena que não tenham ainda conquistado as vantagens da tecnologia moderna e da ciência!

Eu? Sim, grito com a minha mulher, grito ao telefone e grito também com meu aparelho de cortar grama. Berro com a televisão, com o jornal e com meus filhos. Até já fui visto, de punhos cerrados, berrando contra os céus.

Meu vizinho vive gritando com seu carro. No verão passado, ouvi-o imprecisar contra a escada de serviço, mais de uma vez. Nós, gente moderna, educada, urbana, gritamos no trânsito, no campo de futebol, contra o juiz do jogo, o caixa do banco, as contas a pagar, e mesmo contra as máquinas registradoras. Principalmente as máquinas! Parentes e máquinas são quem mais ouve berros.

E para que serve tanta gritaria? Com as máquinas, é claro que não serve para nada; elas ficam lá, nem se mexem. Às vezes, nem com pontapés conseguimos abalá-las. Já com *gente*, a coisa muda de figura... Sim, é possível que os nativos das ilhas Salomão tenham feito uma grande descoberta: seres vivos em geral, gente, árvores, são extremamente sensíveis a gritos. Gritar, nesses casos, pode

acabar matando o espírito que há em cada ser vivo. Com paus e pedras podemos partir ossos, mas com palavras partimos os corações.

VOCÊ JÁ VIU UM ÁBACO? Você sabe, aquele quadrinho cheio de contas de madeira enfileiradas uma ao lado da outra. Em geral são vendidos em lojas de artigos orientais e usados até para enfeitar paredes.

Na verdade, o ábaco é ao mesmo tempo máquina de somar, calculadora e computador. Pensando melhor, não é bem assim. O ábaco consiste apenas num dispositivo que registra, visualmente, as operações de computação que acontecem na cabeça de quem se utiliza dele.

Na Ásia, o ábaco é usado por milhares de pessoas, diariamente, e isto há mais de dois mil anos. É um aparelho extremamente útil, além de muito bonito. Agradável à vista e ao tato, feito de madeira, bronze ou marfim. Quanto mais velho, quanto maior o número de mãos que o tocou, mais belo fica o ábaco – mais macio, mais escuro, mais polido. Dura a vida inteira, não precisa de manutenção nem reciclagem, e todo o software necessário a sua operação cabe no espaço compreendido entre as duas orelhas de uma pessoa. Quando quebra, pode ser consertado em casa mesmo, por um menino de oito anos e com as ferramentas que tiver à mão.

A simples existência de um aparelho como o ábaco nos obriga a repensar alguns dos sinais que nos habituamos a considerar como sendo “de progresso”.

Lembro-me de quando um conglomerado nipo-americano da indústria de computação tentou invadir, em grande escala, o mercado chinês. Com o objetivo de provar a utilidade de suas minicalculadoras de bolso, a empresa organizou um concurso de desempenho. Bem, nesse torneio, o fantástico microcomputador chamado ábaco “arrasou”. Seu operador – o do ábaco, é claro –

chamava-se Chan Kai Kit, era chinês de Hong Kong e trabalhava como contador de uma empresa de navegação.

Verdade que o candidato que trabalhava com a calculadora eletrônica terminou de somar sua pilha de notas fiscais com 44 segundos de vantagem sobre Chan Kai Kit e seu ábaco. Mas a conta dele estava errada, o resultado não conferia. Ao que parece, de tão preocupado em provar que sua máquina era superior à dos concorrentes, o operador alimentou-a com dados errados.

Mas vamos com calma, não me entendam mal. As calculadoras eletrônicas de bolso estão aí para ficar e, claro, são bem-vindas. Não sou “maquinóforo”, não acho que as máquinas sejam “o Mal” encarnado em plástico e parafusos. E um homem calmo, metódico e atento como Chan Kai Kit talvez conseguisse um desempenho ainda melhor com uma minicalculadora do que com seu ábaco, quem sabe?

O caso é que jamais deixarei de me comover com os prodígios que a mente e as mãos do homem são capazes de operar. E quando encontro uma evidência de que nossas fantásticas habilidades mantêm-se imbatíveis, mesmo quando confrontadas com a microparafênica dos microcircuitos e dos microchips... fico todo contente. É um conforto descobrir que alguns dos velhos sistemas que usamos para ir de um ponto a outro de nossas vidas continuam dando certo.

E me deslumbra o fato de que um ábaco, antigo e já muito usado, tenha chegado às paredes do século 20 como objeto de arte, capaz de nos emocionar, belo porque é útil – e útil, também, por ser belo. Eu mesmo tenho em casa uma tábua de carne e um facão de cozinha antigos, e aposto neles, a qualquer momento, contra qualquer superprocessador de alimentos. É a velha história...



NOS ÚLTIMOS DIAS do mês de abril de 1757, sob o comando do coronel Diego Ortiz de Parilla, alguns soldados e cinco padres deslocaram-se de San Antonio rumo ao rio San Saba, no planalto central do Tejas (como os espanhóis chamavam o Texas). Tinham vários objetivos em mente: queriam ampliar o domínio espanhol, queriam catequizar os “gentios” que fossem encontrando pelo caminho, queriam também matar o maior número possível de índios Apache (evidentemente depois de catequizá-los). E queriam, sobretudo, encontrar o tesouro que, dizia-se, estaria enterrado nas escarpas dos *Balcones*.

Construíram um forte, sim, e também uma capela. E começaram a esperar que viessem os índios, carentes de consolo e orientação espiritual, mas carregados de ouro. Para matar o tempo, escreviam diários, que ainda existem até hoje na biblioteca de Austin, a capital do Estado.

“A terra encanta meu espírito com sua beleza singela”, escrevia o padre Molina, “mas por onde andarão os índios?” E Diego Ortiz de Parilla, mais contundente: “O lugar é bom, mas onde estão os índios e onde está esse tesouro?”

As respostas chegaram logo no mês seguinte, em maio. Apareceram dois mil Comanche (a convite dos Apache), com os rostos pintados de preto e vermelho, seu adorno de guerra, e corações repletos de péssimas intenções, com o agravante da premeditação.

Depois desse dia San Saba voltou aos seus melhores tempos de paz e tranquilidade. O forte, a capela e a maioria dos *hidalgos* metidos a aventureiros foram varridos da face da Terra. Os demais, sem nenhum ouro nas mochilas, voltaram a San Antonio e por lá ficaram.

Para que ninguém jamais esqueça o que se passou naquele dia, entre soldados, padres, aventureiros e índios Comanche, erigiuse um monumento na praça central de San Saba e nele gravouse uma espécie de “breve histórico”. Esse “breve histórico” foi o que eu li, na primavera passada, suplementado pelas informações colhidas de dois velhinhos que matavam o tempo sentados no banco da praça, em frente à prefeitura. Aprendi que os texanos “correram” com os mexicanos e com os índios, tomando posse do território que era seu, de direito. E desde então, a cidade de San Saba, Texas, vive sossegada. “Capital Mundial da Pecá e dos Bodes”, como dizia a manchete do *The San Saba News & Star*, jornal que é publicado há 111 anos.

O motivo que me levou a San Saba foi apenas o desejo de voltar “às raízes”. Nos fins de semana eu costumava sair de Waco, onde morava, para ir a San Saba visitar uma moça minha amiga, chamada Louise, por quem tinha certa queda. E, mesmo depois que Louise teve o mau gosto de ficar noiva de outro, continuei a passar uns dias na cidade. Por uma simples razão: em San Saba podia-se comprar cerveja. O meu município passava a seco (não, era seco), como só uma comunidade de batistas consegue ser. Além da cerveja, havia um pequeno rodeio em San Saba, com prova de laço-ao-bode, e isso até que é bem divertido, quando não se tem nada mais para fazer. Os bodes não descem a rampa de acesso à arena calmamente, como pedem as regras do espetáculo, nem desfilam até a outra ponta da passarela para que o público possa aplaudi-los; eles fazem, *sempre*, o que bem entendem. Pulam, correm para um lado e outro, empacam de repente, fazem meia-volta e ficam chifrando a baia como se quisessem, a qualquer custo, meter-se lá dentro. E ficam querendo chifrar quando você os derruba para amarrá-los. A gente nunca sabe do que um bode é

capaz. Até que vale a pena viajar tanto para assistir a uma prova de laço-ao-bode. De quebra, há a cerveja, você tem só dezoito anos e Louise pode muito bem ter mudado de idéia...

Tinha também o baile ao ar livre, depois do rodeio, num tablado montado à margem do rio San Saba. Você podia ficar sentado por ali em paz, ver o pessoal dançar, comer um sanduíche em pão de centeio acompanhado de batatas fritas e rosquinhas de chocolate, com meia dúzia de cervejas. Depois você ia dançar, rezando para não vomitar.

San Saba, Texas. Era um segundo lar. Não havia mudado muito, razão pela qual eu estava lá, na primavera. Índios e espanhóis desapareceram há muito tempo, direto rumo ao passado; e a rodovia interestadual e os shopping-centers do Novo Texas chegaram, vindos em direção contrária. Sobrou pouco, mas de algum modo o Texas permaneceu parado no tempo, lá pelos anos 40. O grande assunto da cidade agora é que o time de basquete do ginásio, o *San Saba Armadillos* está classificado para as finais estaduais. E o Templo-Mor das Testemunhas de Jeová, recémconstruído, que pegou fogo. Há gente dizendo que foi culpa dos batistas, mas não sei. Foi o que consegui ouvir de uma conversa entre dois sujeitos, no bar de Bob Everett. Tomei uma Coca-Cola grande, comi torta de maçã feita pela mulher do dono e engoli um café requentado – tudo isso por menos de um dólar. Dali fui até a loja de Harry, comprar um par de botas das que só Tony Lama faz, com salto, que é o modelo recomendado para a prática do laço-ao-bode. Paguei com cheque – cheque “de-fora” – e eles nem pediram meu RG. Devem ter pensado que eu estava mesmo precisando de botas. A moça da caixa comentou que eram poucos os que viajavam de Seattle até lá para comprar botas e fez cara de quem tentava descobrir se, no meu caso, tratava-se de



honestidade ou estupidez. Apostou na honestidade e aceitou meu cheque.

Depois até a praça, comprar luvas de pele de veado próprias para laço-ao-bode, as melhores luvas de trabalho do mundo! Luvas de laçar bode, novinhas em folha, têm um perfume único e quando você encontra o seu número, certinho, precisa de um cirurgião para ajudá-lo a tirá-las. Luvas compradas, fui direto ao leilão de bodes e ovelhas das sextas-feiras à tarde. Por pouco não compro também um bode. Com vinte dólares, em San Saba, pode-se comprar um pequeno, mas bonitinho. Eu adoro bode.

À noite, San Saba, Texas, é um sossego. Depois que você janta seu filé de frango frito à moda local, com molho bechamel, e cozido de milho verde e feijão com purê de batatas, você prende um palito de pinho entre os dentes e sai para passear na calçada, em frente ao Café Alamo, vai até a praça do Fórum, até a beira do rio, e ouve somente o canto dos grilos e o coaxar dos sapos saudando a primavera.

E é assim em todas as tranqüilas cidadezinhas do interior do Texas. Ali, muito calmamente, cai a noite. Calma – antiga, simples, comum e muito, muito real. Um segundo lar.

Ah, eu sei. Você está pensando que eu inventei tudo isso. Mas não, é tudo verdade. Quase tudo. E sim, claro que San Saba não é o paraíso. Às vezes é terrível, um tédio sem fim, e eu não gostaria de ficar morando lá nem por uma semana. Mas então, por que estou falando desse lugarejo? É simples: é que todos temos uma cidade de onde saímos – cidadezinhas profundamente comuns, profundamente enraizadas em nós, ou nós nelas – que nos fez ser quem somos. Cada vez que nos esquecemos dela, ou a tratamos

com pouco caso, criamos um risco para nós mesmos. Damos as costas à nossa cidade e começamos a dar as costas a nós mesmos.

Há um motivo pelo qual, às vezes, sentimos necessidade de “voltar para casa”; um motivo pelo qual *podemos* voltar para casa. Não tentando voltar ao passado nem querendo recuperar “o nosso lar”. Nada disso. Voltamos para reverenciar a memória.

Numa coisa, pelo menos, os espanhóis tinham razão. Sobre San Saba, quero dizer. É difícil explicar, mas as histórias que se contavam naquele tempo eram verdadeiras. Há um tesouro guardado lá.

OS RUSSOS SÃO VÂNDALOS, indecentes, imorais, violentos, cruéis, maldosos. A responsabilidade por todos os problemas deste mundo é dos russos. Os russos não são como nós.”

Eis aí um resumo bastante fiel das manchetes diárias, sobre os russos. Mas às vezes alguma coisa escapa através da rede dos preconceitos, um sinal pequeno, mas tão claro, verdadeiro e limpo, que é suficiente para fazer com que se abram os portões enferrujados da Cortina de Ferro; e conseguimos ver então, do outro lado, não um inimigo, mas um companheiro de viagem, um parceiro da grande Confraria da Alegria e Dor deste mundo.

Veja o caso de Nicolai Pestretsov. Conheço pouco sobre ele, não sei por onde anda, mas, o que sei, vou contar.

Nicolai era primeiro-sargento do Exército soviético, com 36 anos. Estava servindo em Angola, muito longe de casa, e sua mulher havia viajado à Africa para visitá-lo.

Dia 24 de agosto Angola foi invadida por unidades militares sul-africanas, numa ofensiva contra a guerrilha nacionalista negra que se refugiava ali. Na vila de N-Giva, os sul-africanos encontraram um grupo de soldados russos. Quatro deles foram mortos e os demais fugiram, com exceção do primeiro-sargento Pestretsov, que caiu prisioneiro. Eis o que dizia o comunicado das tropas sul-africanas: “O primeiro-sargento Nicolai Pestretsov recusou-se a abandonar o corpo de sua esposa, morta durante o assalto à vila”.

Foi como se os sul-africanos não acreditassem, eles mesmos, no que havia acontecido, pois o comunicado repetia a mesma informação: “O primeiro-sargento aproximou-se do cadáver da esposa e se recusou a separar-se dela mesmo sabendo que estava morta”.

Coisa estranha! Por que não fugiu, por que não ficou escondido onde estava, a salvo? O que o fez voltar? Talvez porque a amasse? Talvez porque quisesse abraçá-la ainda uma última vez? Talvez porque precisasse chorar? Seria possível que estivesse, de repente, descobrindo a estupidez da guerra? Ou lastimando seu destino ingrato? Estaria pensando nas crianças, nas que tivessem nascido e nas que jamais nasceriam? Poderia ter-se dado que ele, de repente, já nem ligasse para o que pudesse lhe acontecer?

Tudo é possível, e não temos respostas para essas perguntas. Não temos, pelo menos, respostas precisas. Mas podemos ler muita coisa nos próprios atos do primeiro-sargento.

E lá o temos, sozinho, numa prisão sul-africana. Não é um “russo”, nem um “comunista”, não é nem mesmo um “soldado” e muito menos um “inimigo”. É só um homem que amava só uma mulher e queria estar ao lado dela só mais uma vez. Apenas isso.

Meu “escrito” é para você, Nicolai Pestretsov, onde quer que esteja, quem quer que seja, por ter sido capaz de dar sentido, um sentido verdadeiro e profundo, às promessas, às juras que são sempre as mesmas, em qualquer canto do mundo; por ter dado dignidade ao juramento que também é o mesmo em todas as línguas do mundo – “na alegria e na dor, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para honrá-la, amá-la e respeitá-la, até que a morte nos separe, amém”. Você manteve a fé, manteve-a alta, luminosa. Deus o abençoe!

(Ah! Os russos são vândalos, indecentes, imorais, violentos, cruéis, maldosos. A responsabilidade por todos os problemas deste mundo é dos russos. Os russos não são como nós.)

Oh, sim, com certeza...

O QUE VEM AGORA É assunto pessoal. Pode parecer um pouco água-com-açúcar, ou um pouco melodramático, por isso cuidado. Começou como um bilhete para a minha mulher. Mas depois eu pensei que, como você talvez tenha marido ou mulher, e às vezes talvez se sinta como eu me sentia naquele dia, poderia ser interessante falar-lhe sobre este tema. A história, aliás, não é minha. É a história de Charles Boyer.

Lembra-se dele? Suave, elegante, charmoso, não muito alto. Amante das mais belas e famosas estrelas da tela. Isso em frente às câmeras, ou nas revistas de mexericos, pois na vida real era muito diferente.

Charles Boyer foi homem de uma mulher só, por 44 anos. Seus amigos diziam que ele e Patrícia, sua esposa, eram como eternos namorados, namorados de uma vida inteira. Mas foram tam

bém amigos, amantes e companheiros, do primeiro ao último dia de vida em comum.

Até que Patrícia adoeceu, com câncer no fígado. O médico contou a verdade a Charles, mas ele não teve coragem de contar à esposa. E ficou à cabeceira dela, para ampará-la e dar-lhe esperança, dia e noite, por seis meses.

Sabia que não podia mudar o destino. Ninguém pode evitar o inevitável. Patrícia morreu em seus braços, e dois dias depois de sua morte Charles suicidou-se, dizendo que não queria viver sem ela. “O amor dela era a vida, para mim”, afirmou.

Não, não era um filme. Como já disse, é a vida real, a história real da vida real de Charles Boyer.

Não me cabe julgar o modo como ele encarou o próprio luto, mas me cabe dizer que, de algum modo, o que fez me comoveu e reconfortou. Comoveu-me a profundidade do amor, no cenário agitado e confuso das relações pessoais numa cidade como Hollywood. E me reconfortou descobrir que um homem e uma mulher podem amar-se tanto, por tanto tempo.

Não sei o que faria em circunstâncias iguais. Não sei como enfrentaria minha própria dor, meu luto, e peço a Deus que jamais me faça passar pelo que ele passou (aqui é que começa a parte pessoal), mas há momentos, quando olho para o outro lado da sala – em plena normalidade diária da vida – e vejo a quem chamo de minha mulher, minha amiga e minha companheira. É quando entendo por que Charles Boyer fez o que fez. É mesmo possível amar tanto quanto ele amou. Sei que é, pode acreditar, tenho certeza que é.

DIA DESTES VI um homem pendurando numa vitrina um cartaz de Dia dos Namorados, que nos Estados Unidos é festejado em 15 de fevereiro, dia de São Valentim. Ainda estamos em meados de janeiro, mas acho que os comerciantes precisam tirar do amor o máximo de proveito possível. Não me entendam mal, os comerciantes são gente boa. Dão-nos opções de escolha e nos mantêm informados sobre as grandes datas, sobre os feriados que se aproximam. Sem eles, como poderíamos nos preparar para o Natal, para o Dia dos Namorados ou para o Dia das Mães? Como teríamos tempo de comprar presentes, se os comerciantes não estivessem a postos, alertando-nos com a devida antecedência?

Outros que nunca se esquecem das grandes datas – um pessoal em quem também confio muito – são as professoras do jardim-de-infância ou do pré-primário. Nunca esquecem um feriado e, quando se trata de Dia dos Pais ou qualquer outra data que tenha a ver com “amor”, então elas são imbatíveis. O que as “tias” da escolinha inventam, não há loja que venda nem dinheiro que compre.

Refiro-me a um objeto no qual sempre penso, até hoje, como minha “arca do tesouro”. Começou com uma caixa de sapatos que meu filho mais velho enfeitou e me deu de presente. E que logo passou a ser o repositório de mil outras relíquias que os dois menores viviam me dando. Só com o tempo é que a caixa de sapatos foi-se transformando em “arca do tesouro”.

Era uma caixa comum, de papelão, revestida com papelcamurça de três cores, rosa, vermelho e branco, que já estão completamente desbotadas, e decorada com papel-alumínio, pedacinhos de outros papéis, três tipos de macarrão, uma bala de menta, confeitos coloridos e alguns coraçõezinhos brancos (desses chamados

“sabor hortelã”) com mensagens escritas, e *tudo isso* grudado com litros de cola escolar (atóxica e também “sabor hortelã”).

Na verdade, a caixa de sapatos já não está tão bonita. Está meio torta, amassada na tampa, meio melada, no lugar onde a bala de menta e os confeitos derreteram. Tem algumas manchas e parece mais bege do que vermelha e branca. Se você levantar a tampa, porém, vai começar a entender por que continuo a guardá-la comigo. Vai encontrar uma pilha de bilhetes rabiscados em pedaços de folhas de caderno, gastos, dobrados e redobrados: “Oi, pai”, e “Felissidades”, e “Eu amu você”. Montes de “Eu amu você”. No fundo da caixa estão colados 23 “X” e “O” feitos de macarrão fininho. Já contei várias vezes. E, rabiscados por toda parte, estão os nomes de três crianças.

Os tesouros de Tutancâmon não valem nada, comparados à minha arca.

Será que você não tem, aí pela sua casa, alguma coisa parecida com a minha arca, onde estejam guardadas as mais simples, sinceras e confiáveis provas de amor que já recebeu na vida? Você pode viver muitos, muitos anos. Pode receber presentes os mais valiosos, os mais belos. Pode amar muito e ser muito amado. Mas você jamais confiará na mão que lhe trouxe os presentes ou que o afagou, como confia na mão que lhe fez a arca, que a deu a você, que escreveu os bilhetes e colou os pedacinhos de macarrão. É essa confiança, essa fé, que move o mundo e faz com que valha a pena acompanhá-lo em suas andanças, apesar de todas as dificuldades.

Os três meninos cresceram e continuam me amando, mas já não andam pela casa deixando pistas tão claras. É que o amor vai se complicando com a idade, com tudo quanto se vai aprendendo, com os valores que se vão confundindo. Continua sendo amor,



sem dúvida, mas já não é tão simples. Passa a não caber mais numa caixa de sapatos.

Minha relíquia grudenta está guardada na prateleira de cima, dentro do meu armário. Ninguém mais se lembra dela, só eu. Para mim, é uma espécie de talismã, uma espécie de monumento ao passado, e penso nela todas as manhãs, enquanto estou me vestindo. De vez em quando, tiro a caixa do armário e abro. É algo em que posso tocar, sentir com as mãos e acreditar, especialmente quando o exercício do amor começa a dar trabalho e já não tenho bracinhos macios em volta de meu pescoço.

Ora, sei que esta conversa pode parecer bobagem de “pai coruja”, que você talvez tenha ficado constrangido com o que contei. Afinal, são histórias da minha intimidade. Mas garanto que minha arca do tesouro funciona mil vezes melhor que qualquer mantra, que qualquer esforço de pensamento positivo, quando se está precisando de conforto espiritual.

Desculpe, mas sou como sou, e para mim o amor é aquela caixa de sapatos, minha arca do tesouro. Quero que a enterrem comigo. Quero levá-la sempre comigo, para onde quer que eu vá.

E AGORA VOU FALAR DE UMA CASA onde morei faz muito tempo. Era um sobrado antigo, construído no fim do século passado, perto do fim da estrada. Servia de casa de campo nas férias de verão e vínhamos de Seattle, de carroça e a cavalo, atravessando bosques, vales e trilhas de lenhadores. Lugar selvagem naquela época, continua assim até hoje.

A antiga casa de tijolos erguia-se entre pés de amoreira e trepadeiras em constante luta pela sobrevivência. E embora o lugar fique, hoje, a poucos minutos da cidade, havia esquilos, coelhos, gatos-do-mato e outros bichos que jamais vi, mas que podia ouvir, e que viviam por lá como legítimos senhores da propriedade.

E os guaxinins! Havia guaxinins em nossa casa. Dos grandes, e muitos.

Por razões que só Deus ou os hormônios dos guaxinins poderão explicar, o lugar escolhido para a lua-de-mel da espécie era justamente o porão de minha casa. Os encontros amorosos aconteciam sempre, durante a primavera, a partir das três horas da manhã.

Se você não sabe o que é namoro de guaxinim no porão, bem embaixo de seu quarto, pode ter certeza de que perdeu uma das experiências mais sensacionais de sua vida.

Para não exagerar, pode-se dizer que é um acontecimento pelo menos “diferente”. Se você já ouviu as insuportáveis brigas de gatos, madrugada adentro, pode começar a ter uma idéia. Mas precisa multiplicar por dez, tanto o volume quanto a intensidade dos sons. Não é nada que possa, nem de longe, lembrar um som sensual ou erótico. É mais parecido com três sirenes de carro de bombeiro disparadas ao mesmo tempo.

Lembro-me da primeira vez que “aquilo” aconteceu. Como as condições não eram favoráveis a um sono reparador, saltei da cama. E quando digo “saltei”, quero dizer exatamente “saltei”, isto é, metro e meio para cima, eu, os lençóis e os cobertores.

Depois de ter recomeçado a respirar e de haver ajustado meus batimentos cardíacos à nova taxa de adrenalina, procurei uma lanterna e fui espiar no porão. Vi a guaxinim-noiva e seu noivoguaxinim de dentes arreganhados, cobertos de sangue e lama, com ares de quem fazia a guerra, não o amor. Em postura nada, nada sexy.

Nem minha presença nem a luz da lanterna conseguiram distraí-los. Entre mordidas, urros, uivos e rosnados, o embate amoroso prosseguiu. Sem se perturbar com a minha presença, o casal deu andamento aos trâmites sexuais de sua espécie, até ter o assunto encerrado, concluído e selado. Sem pruridos, sem timidez. O que tinha de ser feito, eles fizeram, com a dignidade possível. Depois saíram do porão, ainda meio zonzos, de pernas bambas, para começar a vida a dois, como quer que seja a vida a dois dos guaxinins.

Fiquei sentado na chuva, a luz da lanterna iluminando ainda o canto do porão que servira de câmara de tortura dos guaxinins. E comecei a pensar: por que, às vezes, é preciso tanta luta, tanta dor, para levar a vida adiante? E eu lhe pergunto: por quê?

Penso na minha mulher, tão doce e suavemente adormecida no beliche de cima, e em nossa vida, na qual tanto se misturam conflitos e afetos. O que pensaria um guaxinim se ouvisse os ruídos noturnos de um casal de humanos, aquelas conversas intermináveis tipo “se-você-me-amasse-mesmo-de-verdade-você-nãodeixava-suas-meias-no-chão-do-banheiro-nem...”, seguido

imediatamente de um “ah, é? mas-você-já-esqueceu-do-dia-em-que-eu-lhe-pedi-que... e-você- nem...”

Por que o amor não é um pouco mais fácil?!

Sei lá... E os guaxinins guardam a sete chaves o seu segredo.

CASSIDA RUBIGNOSA É O NOME científico de um besouro. Em seu estado larval, o *Cassida rubignosa* carrega um pequeno saco de lixo às costas. Possui uma espécie de antena, como um garfo, que constitui o último segmento de seu abdome. Quando a larva se desenvolve, sua pele velha enrola-se no garfo e forma uma bolsa, o tal saco de lixo de que lhe falava. Como o orifício anal da larva fica próximo, ela usa a bolsa para depositar também suas fezes. Durante anos os zoólogos tentaram descobrir a causa de tal arranjo anatômico.

Até que perceberam a existência de uma formiga. Uma formiga caçadora, que se alimentava das larvas do besouro. Mas uma formiga especial entre os vários tipos de formiga que há na natureza: uma formiga que vivia se limpando, cuidadosamente mantendo-se sempre muito limpa e asseada. (Já viu o que vai acontecer, não é?)

Pois é. Quando a formiga se aproxima da larva do besouro, para uma avaliação preliminar quanto às possibilidades de comê-la no almoço, a larva lhe joga pela cabeça o lixo que carrega no saco. A formiga corre para se limpar daquela sujeira toda, e a larva corre para salvar a vida. Os zoólogos referem-se ao saco de lixo da larva como seu “escudo fecal”.

E eu, embora jamais tenha presenciado um desses encontros (apenas li sobre o assunto num livro, e se foi num livro deve ser verdade), comecei a pensar.

Ainda recentemente estava num coquetel e vi um homem e uma mulher travando relações de larva de *Cassida Rubignosa* e formiga caçadora metida a asseada.

Porque a verdade é que a natureza sempre dá um jeito de, vez por outra, cada um receber pelo menos uma dose do que merece, seja

de bom, seja de ruim. E assim como há os mansos de coração que às vezes são bem-aventurados, mas parecem esquecidos por Deus, há também os que aprendem a se defender.

TENHO UM AMIGO ADVOGADO, que todo verão me faz uma visita. Semana passada ele chegou, vindo da Califórnia, com duas filhas de dezoito anos e uma pequena jibóia. Numa Kombi anêmica, com PAZ, AMOR E LUZ escrito na porta. Por dentro, a Kombi parecia o cenário de *Alice no País das Maravilhas*. Meu amigo está com 47 anos, tem esposa, quatro filhos, casa nas colinas de Berkeley, escritório na cidade, uma grande empresa... a calamidade completa.

Gosto dele porque ele sempre viveu um pouco à frente de seu tempo. Viajou o quanto quis – e quando digo que viajou, é porque viajou *mesmo*, as mais alucinantes viagens. É uma espécie de experiência sociológica ambulante sobre os efeitos dos anos 60 na cultura americana. Direitos humanos, Vietnã, hippies, maconha, haxixe, comida vegetariana, zen, massagem, LSI), quiromancia, dez diferentes “linhas” de Yoga, macramé, psicanálise, hidromassagem, nudismo, magnetismo mineral, mais seitas religiosas do que há na lista telefônica, e vitaminas. Para cada descoberta nova, meu amigo comprava o equipamento necessário – piteiras, cachimbos, incensórios, bicicletas, roupas de laicra colorida, cremes, óleos, unguentos e lâmpadas de bronzeamento instantâneo.

Neste verão, alcançou o estágio superior da ignorância total. “Não dá”, diz ele. “Só mentiras, mentiras e mais mentiras. Seus sentidos mentem a você, o presidente mente, quanto mais você procura menos acha, quanto mais quer melhorar, pior fica. Só a ignorância salva. Não pense mais, ô *cara*, não faça mais nada... Só seja. É isto, *meu*, trate de ser enquanto é tempo. O *mundo* está se *acabando!*”

Na véspera de sua partida, meu amigo mergulhou de uma das docas do porto, completamente vestido, para salvar um menino que se afogava. E confessou que estava na cidade para participar

da convenção anual da Ordem dos Advogados Americanos, da qual era membro, ligado à Comissão de Justiça Social.

“Mas então”, perguntei, “se é tudo mentira, se a meta é alcançar a perfeição da mais perfeita ignorância, se a *viagem* agora é *ser* e o mundo vai-se acabar... como é que você...”

E ele: “Ora... *mas e se eu estiver enganado?*”

Encontram-se cacos ainda aproveitáveis de sanidade mental mesmo nas praias mais poluídas. E ser cético e realista não é exatamente a mesma coisa que ser cínico e pessimista. Pensei nesta história porque acho que uma boa frase para se escrever nas camisetas da moda, sobre os anos 80, seria: *Mas e se eu estiver enganado?*



VELHOS AMIGOS FINALMENTE resolvem juntar forças e voltar a ser crianças. Sou o padrinho da idéia e acho que ela merece ser levada a sério.

Até agora, eu-adulto só mostrei a mim-menino as boas coisas da vida: chocolate, cerveja, charuto, Beethoven e piadas sujas. Não acho que ele seja grande admirador de Beethoven, mas como só tem um ano e meio de idade, logo, logo vai estar enjoado de chocolate, cerveja, charuto e piadas sujas. Ainda não lhe falei de sexo, mas ele já anda tendo idéias. Não quero entrar em detalhes, mas se você já teve filho pequeno ou se algum dia já foi filho pequeno, vai saber do que estou falando.

Também já o apresentei aos lápis de cera, dos bem grossos, que vêm com um caderno de desenhos para pintar. De semana em semana posso lhe dar uma cor nova e ele irá aprendendo a usá-la. Mas ele tem-se limitado a segurar o lápis de cera e olhar para mim. (Estava com um charuto na outra mão e não via diferença alguma entre o lápis de cera e o charuto.) Depois veio a fase de enfiar tudo o que tinha à mão nos buraquinhos que encontrava. Foi quando o lápis de cera andou em sua boca, no nariz e numa orelha. Finalmente, semana passada, segurei a mão dele e com o lápis de cera vermelho fizemos um grande risco no papel. Ah! Ele entendeu. Acendeu-se uma luz em um dos compartimentos de sua cabeça e ele fez outro risco vermelho, ao lado do primeiro. Agora, vem a mãe dele me dizer, num misto de prazer e dor, que não há quem o faça parar.

Para uma criança, felicidade é uma caixa de lápis de cera e um pouco de imaginação. Fantásticos objetos, os lápis de cera: um pouco de cera, um simples derivado de petróleo, um pingo de tinta, um pouco de cola. Mas até aqui, eu-adulto escolhia o

charuto. É então que você acrescenta à mistura inicial uma pitada de imaginação. As indústrias fabricam mais de dois bilhões desses pedacinhos coloridos de prazer ao ano e exportam para quase todos os países do mundo. Lápis de cera é uma das poucas coisas que toda a raça humana tem ou já teve em comum. No caso dos Estados Unidos, até a caixa é a mesma, verde e amarela, desde 1937. A única diferença é que antes o lápis cor de carne chamava-se “cor de carne” e agora se chama “cor de pêssego”. É um sinal de progresso.

Só sei dessa pequena diferença porque, quando comprei uma caixa de lápis de cera para o meu afilhado, não resisti e comprei também uma para mim. A minha, comprei “das grandes”, com 64 cores e apontador. Nunca tinha tido uma caixa de lápis de cera das grandes. No começo me diziam que eu era muito pequeno para tanto material. Depois, que eu era muito grande para ganhar caixas de lápis de cera. E já que estava comprando lápis de cera, aproveitei e comprei logo uma caixa para o pai do meu afilhado e outra para a mãe dele, explicando que o presente era mesmo para os pais, não para o filho.

Já observei que todos, pais e filhos, adoram ganhar caixas de lápis de cera. As crianças abrem o presente, dão uma “olhadinha”, espalham os lápis pelo chão e imediatamente começam a riscar papéis ou paredes, desenhando o que você quiser, é só dizer. Os adultos fazem um ar de beatitude e sorriem – numa mistura de felicidade, nostalgia e “cara de bobo”. E imediatamente começam a falar sobre lápis de cera, como era a primeira caixa, como conseguiam quebrá-los, como era difícil guardá-los de novo na caixa, que “só valia” na ordem certa, da cor mais clara à mais escura, de quando pegaram seis lápis na mão, de uma só vez, para ver o que acontecia, de quando encheram uma panela com uma

caixa inteira de lápis de cera, os lápis derreteram, eles derramaram cera líquida no papel, no tapete, no chão, pincelaram os vidros com cera derretida, comeram o que sobrou na panela e etc., etc., etc. Se estiver precisando animar uma festa, encomende algumas cervejas e caixas de lápis de cera, é garantido!

Pensando bem, há mais arte produzida a lápis de cera que de qualquer outra espécie. Deve haver bilhões de folhas de papel em cada um dos países do planeta, em bilhões de caixas, armários, sótãos e porões, todas cobertas de desenhos. Nessas caixas, está guardada grande parcela da imaginação que há ou houve no mundo. Aposto que Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev eram loucos por lápis de cera. George Bush também, e Fidel Castro, e Margaret Thatcher, e Gandhi e o sr. Mubarak e (tudo é possível!) até o aiatolá do Irã.

Talvez fosse o caso de desenvolvermos uma bomba de lápis de cera para acrescentá-la ao nosso arsenal. Nossa arma secreta: uma bomba de felicidade. Bomba-beleza. Cada vez que alguma crise estiver para eclodir em algum lugar do mundo, nós despachamos nossa bomba para lá. E ela explodirá bem alto, no céu – uma explosão calma, suave – espalhando sobre a área conflagrada (ou em vias de se conflagrar) milhares, milhões de pequenos pára-quedas coloridos, cada um com sua caixa de lápis de cera. E nada de avareza! Nada de caixas pequenas, “das de 8”! Só “das de 64 cores”, e todas com apontador. Com lápis de cera cor de ouro, cor de prata, “cobre”, “magenta”, “cor de pêssego” (o que se há de fazer? Paciência!), “lima-claro”, “azul-céu”, “verde-musgo”, todas, todinhas! Os adultos vão abrir os pacotes, fazer aquela “cara de bobo” e começar a falar. Parece absurdo, não é? Meio doido, sem pé nem cabeça. É que li nos jornais de hoje sobre a verba que os russos (de um lado) e o Congresso americano (de outro) estão

dispostos a gastar em armamento. E pensei no que aquelas armas podem fazer. E não tenho dúvidas de que a idéia mais doida, mais maluca, mais sem pé nem cabeça não é a minha. Não tenho dúvida alguma quanto à falta que anda fazendo um pouco de imaginação, nos mais baixos e nos mais altos “escalões”, como se diz por aí.

Por favor, quer me passar o “amarelo-crisântemo”?

OS VENTOS DE VERÃO SEMPRE fazem despertar minha alma de filósofo. Fico, por assim dizer, metafísico, e começo a pensar nas necessidades do Homem, nas mais pessoais, nas mais profundas. Necessidades e carências que, quando satisfeitas, nos mergulham numa beatífica sensação de bemestar. Em geral as pessoas não gostam de falar dessas suas carências, com medo que os outros não entendam. Mas como já somos, o leitor e eu, quase velhos amigos, vou criar coragem e falar-lhe de uma das minhas necessidades pessoais mais profundas: filé de frango frito.

Se você já descobriu o que é realmente bom na vida, então já sabe que é preciso pegar um filé de frango (dos grossos), bater nele com o batedor de carne até perder o fôlego, passá-lo no ovo e depois na farinha de trigo e fritá-lo em uma frigideira onde você pôs tirinhas de bacon para derreter. Depois você tira o filé de frango (bem dourado de um lado e de outro) e ao bacon que ficou na frigideira acrescenta farinha de trigo, leite, sal e pimenta. Está feito um molho bechamel ao bacon digno de profissional. Na travessa de servir, você coloca o filé, ervilhas, purê de batatas e cobre tudo com o molho bechamel. Para acompanhar, pão de milho, manteiga e leite gelado. De garfo e faca na mão, você se acocora junto ao cocho, ergue os olhos para o céu, dando graças a Deus pelas maravilhas com que encheu este mundo, e só pára de dar graças depois de haver raspado o último vestígio de molho da travessa, com a última migalha do pão de milho.

Bela droga, você pode estar pensando. É, mas você deve gostar de comidas que o fazem lembrar de casa e o deixam profundamente feliz, das quais eu não me aproximaria sem um esquadrão de reconhecimento e um contador geiger. Tudo bem. Você fica com a sua comida, eu fico com a minha. Podia ser pior.

Todos sabemos que não há quem não tenha algum objetivo secreto na vida. O meu, é manter-me atualizado em matéria de variações sobre filé de frango frito. Para isto, é preciso freqüentar restaurantes de estrada e de pequenas cidades do interior. Pode-se encontrar verdadeiros templos sagrados da gastronomia, bem por ali, no meio do mato.

Se quer uma prova, veja o que encontrei em minhas últimas pesquisas de verão:

- Um botequim, em Weiser, Idaho (palitos gratuitos, além do mais): *Uma estrela*.
- Um bar-restaurant, em Farewell Bend, Oregon (com destaque especial para um *Bife ao Bechamel*, mas isto já é outra história): *Dois estrelas*.
- Outro bar, em Umatilla, Oregon (que oferece balas de hortelã com o café): *Dois estrelas*.
- Lanches “Ao Rabo-de-Galo”, na Quinta Avenida, em Seattle (A proprietária foi motorista de caminhão no Alabama, e sabe tudo sobre filé de frango): *Três estrelas*.

E *cinco estrelas*, com um buquê de flores, para Maud Owens, dona da “Pensão da Maud”, em Payette, Idaho, que serve o filé de frango bem na beiradinha da travessa, com cheiro-verde picadinho, fatias de pêssego, *picles* e um ovo frito. *Além* de palitos e balas de hortelã, tudo de graça, e um mapa de Payette desenhado na toalha de mesa.

O gerente da “Pensão da Maud” me apertou a mão quando saí, a garçonete me deu um beijo no rosto. Para a garçonete, deixei uma gorjeta de dois dólares, mas o que realmente a decidiu ao beijo deve ter sido o fato de que ninguém, antes, “limpara o prato”

como eu. Três dias depois eu ainda sentia gosto de filé de frango frito.

Você já deve estar pensando por que eu estou contando tudo isso. Ora, é que cansei de ouvir falar mal deste mundo, de ouvir dizer que ninguém presta. Que conversa é essa?! Conheço um lugar em Payette, Idaho, onde há uma cozinheira e uma garçonete e um gerente que põem a alma no filé de frango frito que servem aos fregueses.

Os Rolling Stones ficaram famosos, cantando que ninguém pode alcançar sempre toda a *Satisfaction* que almeja, mas a verdade é que, às vezes, podemos encontrar exatamente aquilo de que precisamos. E aqui estou eu, para garantir que é perfeitamente possível alcançar não apenas o que queremos, mas também tudo aquilo de que necessitamos. E com palitos, bala de hortelã... e um beijo! Tudo isso de brinde.

NUM FIM DE TARDE quente e seca um sábado de outubro, as crianças da vizinhança brincam de esconde-esconde. Há quantos anos não brinco de esconde-esconde? Trinta anos, talvez mais, mas lembro-me como se fosse hoje. Quando me convidavam, num minuto eu entrava na brincadeira. Os adultos não sabem brincar de esconde-esconde. Não sabem brincar “certo”, apenas para se divertir. É uma pena.

Será que você já viu um desses garotos que quando se escondem o fazem tão bem que ninguém consegue encontrá-los? Pois na minha turma havia um. Acabávamos desistindo de encontrá-lo e o deixávamos, ele que apodrecesse no esconderijo! Depois de algum tempo ele aparecia, louco da vida, porque não o tínhamos procurado bem. E nós também ficávamos loucos da vida porque ele é que não estava brincando direito. “Você deve se esconder”, dizíamos, “mas em algum lugar onde nós possamos achá-lo; a brincadeira é de esconder e de encontrar, *ora essa!*” E ele respondia que a brincadeira era “de esconde-esconde” e, portanto, “de esconde-e-procura” e não de “esconde-e-desistede-procurar” e então todos começavam a gritar sobre quem é que fazia as regras e quem é que ligava se ele concordava ou não, que nós só permitiríamos que ele brincasse conosco se aprendesse a brincar “certo” e que se não estivesse gostando que fosse “procurar sua turma” e coisas assim. Esconde-esconde, procura-procura e gritaria. Mas fosse como fosse, no outro dia, ele tornava a se esconder bem demais. Pelo que sei, é possível que esteja até hoje no último esconderijo que escolheu e orde não nos lembramos de procurá-lo.

Agora, enquanto escrevo, a brincadeira das crianças da vizinhança continua, e aqui da minha janela vejo um garoto escondido num monte de folhas secas, num canto do jardim. Faz tempo que está



ali, todos os outros meninos já foram descobertos e a turma está a ponto de desistir de procurar por ele. Minha primeira idéia é chegar até os meninos e contar que vi o garoto no monte de folhas. Cheguei a pensar em pôr fogo nas folhas secas para obrigá-lo a aparecer. Por fim, resolvi berrar da janela: “Tem gente no monte de folhas!” E o assustei tanto que ele deve ter feito pipi nas calças, pois saiu a correr chorando e deve ter ido contar “tudo” a sua mãe. Às vezes é muito difícil descobrir o meio mais simples de ajudar alguém.

Ano passado, um conhecido meu descobriu que estava com câncer, em estágio terminal. Era médico. Sabia da morte iminente e não quis que sua família e os amigos sofressem uma dor que, pensava ele, era só sua. Não contou nada a ninguém, guardou seu segredo e morreu. De público, todos disseram que meu amigo havia se comportado como um “valente”, um verdadeiro herói, capaz de suportar em silêncio tanta dor. Mas a família e os amigos, na intimidade, lamentaram que ele não houvesse sentido qualquer necessidade deles, que não houvesse confiado em sua coragem, em seu desejo de ampará-lo e lhe dar forças. E o que mais lhes doeu foi a partida do amigo sem o último adeus.

Era outro dos que se escondem bem demais. Se houvesse escolhido um esconderijo menos perfeito, alguém o teria descoberto, e ele poderia continuar na brincadeira. “Escondeesconde/procura-procura” de gente grande, mas, no fundo, sempre a mesma coisa: querendo esconder-se, precisando ser buscado, confuso de sentir-se descoberto. “Não quero que ninguém saiba.” “O que vão pensar?” “Não quero dar trabalho a ninguém. “

Em lugar do “esconde-esconde” tradicional, sempre preferi outra brincadeira, que chamávamos de “sardinha em lata”. Na “sardinha em lata” a primeira sardinha se esconde e todos têm de encontrá-la. Cada um que descobre onde está a primeira sardinha, mete-se com ela no mesmo esconderijo e fica lá. Em pouco tempo, quase toda a turma está escondida, apertada no esconderijo como autênticas sardinhas numa lata. De repente é um que ri, ou espirra, e todos acabam descobertos.

Os teólogos medievais também descreveram Deus em termos de “esconde-esconde”, chamando-o *Deus Absconditus*, mas Deus, para mim, também prefere brincar de “sardinha em lata”, e acabará sendo descoberto, no fim, por qualquer risadinha de um daqueles que estiverem metidos, com Ele, no nosso esconderijo comum.

“Um-dois-três-começa-tudo-outra-vez...” Na calçada, os meninos gritam para que todos saiam dos esconderijos, pois acabou a brincadeira. Quem ganhou, ganhou; quem perdeu, perdeu. A brincadeira vai recomeçar. E é isto o que eu digo a todos os que têm se escondido bem demais, segundo as regras do jogo: “Apareçam! Saiam de seus esconderijos! Um-dois-três-começa-tudo-outra-vez...”

QUE TAL, PARA VARIAR, alguma notícia boa? Um assunto para você pensar quando estiver naquela de “ninguém-presta-neste-mundo”?

Aqui está uma frase que se ouve a todo o instante: “Não se pode mais confiar em ninguém!” Os médicos são mercenários, os políticos são venais e corruptos, todos interessados apenas nos rendimentos, sem ligar a mínima para a sua saúde ou para o seu futuro!

Nem sempre é assim.

Um homem chamado Steven Brill resolveu testar essa teoria, em Nova York, usando como cobaias os motoristas de táxi da cidade. Apresentou-se bem vestido, como um estrangeiro recémchegado à cidade que mal sabia falar inglês e entrou em dúzias e dúzias de táxis, querendo descobrir quantos motoristas tentariam enganá-lo.

Chegou à constatação de que apenas um motorista, dos 37 táxis nos quais embarcou, não foi honesto. A maioria levou-o diretamente ao local onde queria ir, sem lhe cobrar um vintém além da tabela. Vários recusaram-se a transportá-lo quando a corrida era curta demais e houve até os que saíram do carro para mostrarlhe que estava a um ou dois quarteirões de onde queria ir. A grande ironia da experiência foi que vários motoristas lhe disseram que tomasse cuidado, pois a cidade de Nova York estava cheia de bandidos.

Você, sem dúvida, continuará a ouvir histórias de corrupção, de charlatanismo – policiais que mentem ou aceitam suborno, médicos que prometem curar sem nada saber de medicina. Não se deixe enganar. Os jornais precisam de notícias e estes casos são notícia justamente porque constituem a exceção à regra. Parece, a julgar pela experiência de Steven Brill, que é possível confiar em

muito mais gente do que se imagina. Uma recente pesquisa de opinião indicava que setenta por cento das pessoas consultadas acreditavam firmemente que, na maioria das vezes, se pode antes confiar que desconfiar da maioria das pessoas.

Por que, então, dizer que “ninguém presta”? Que conversa é essa?

TRANSPORTE É ASSUNTO DO DIA, COMO Você já deve ter notado. Temos pelo carro uma devoção quase religiosa. Eric Berne já disse até que “General Motors” é o nome do passatempo mais em voga, atualmente, nos coquetéis e festas. Apesar de tudo o que você possa ter ouvido, a questão não é, de modo algum, um problema da área de economia. É uma questão de identidade e de imagem. Na América, você é o carro que tem. Vá até a garagem e dê uma espiada: lá está você mesmo. A questão vem à baila porque meu velho calhambeque “bateu pino” de modo fatal e irremediável. Daí que a questão de um carro (imagem) novo(a) se impôs.

O Mercedes cinza-prata, com estofamento de pelica, “é a minha cara”, penso eu, mas o gerente do banco discorda. A moto BMW preta, com *side-car*, cintilante, também é parecidíssima comigo. Minha mulher diz que não. Que a parte do *side-car*, principalmente, nada tem a ver com a “cara” *dela*. O Land Rover, equipado para altas excursões de caça, sim, tem muito a ver comigo, mas já não há reservas liberadas aos caçadores pelos arredores da cidade. Há o VW modelo Rabbit, sugestão do mês do *Guia do Consumidor*, mas o problema aqui é que não sirvo para coelho. Se o carro, pelo menos, se chamasse VW modelo Lobo do Mar, ou VW Búfalo das Pradarias, já me sentiria melhor.

Um de meus alunos sugeriu que, em lugar de comprar um carro, eu aplicasse meu dinheiro em drogas: podia, ficando em casa, viajar à vontade. Também não faz meu gênero. Dessas viagens se volta sempre de mãos abanando, sem uma lembrancinha para as crianças.

Tenho na cabeça o protótipo do carro de que preciso: algo que seja, ao mesmo tempo, luxuoso, prático, de fácil manejo e que

consoma um mínimo de combustível. Qualquer coisa como uma perua Porsche movida a água. Cinza-prata, é claro.

É que, na verdade, espero de um veículo de transporte não uma imagem, mas uma sensação.

Lembro-me de uma vez em que voltávamos para casa, no começo das férias de verão, na carroceria de um velho caminhãozinho Ford, eu e meus dois primos de oito anos, com meu tio Roscoe ao volante. Tínhamos nadado e nos encostamos em dois pneus velhos, vestidos com macacões de serviço, nós três e mais o cachorro da família, que era peludo e nos aquecia. Para comer tínhamos biscoitos de chocolate e, para beber, o leite doce que mamávamos de uma garrafa térmica. E berrávamos como doidos, cantando uma canção da moda. Acima de nós só o céu, as estrelas e Deus, além dos sonhos que guardávamos para a hora de dormir, no calor de nossas camas, em casa.

Isto é que é veículo de transporte! É assim que gosto de viajar. Aquele Ford, sim, é que é a “minha cara”! Se você souber de algum à venda, por bom preço, por favor, me telefone!

DURANTE CERTO TEMPO, morei em um sobrado decrépito, nossa “casa de campo”, o tipo de casa que qualquer bom corretor de imóveis chamaria de “charmosa”, o que significa que estava praticamente em ruínas, mas tinha uma linda vista.

Para não interferir no estilo da casa, decidi manter o jardim no estilo “rústico-selvagem”, deixando brotar e crescer o que quer que lá desejasse brotar e crescer. Lembro-me de que, cada vez que chegava, entrando pelo portão da frente, dizia às plantas do jardim: “Vocês estão entregues a si mesmas. Boa sorte!”

Na mesma colina, um pouco mais acima, pela estrada, vivia o sr. Washington, em uma mansão estilo *country*. Madeira envernizada, vidro, tudo na mais perfeita harmonia com um gramado verdejante tratado com ciência de estufa e atenção de campo de golfe profissional. O gramado era a menina dos olhos de meu vizinho.

Já de meia-idade, corretor de seguros e campeão em torneios culinários que envolvessem *know-how* para churrasco de costela, o sr. Washington era também negro. E eu não (nos últimos tempos, aliás, venho até adquirindo uma estranha cor de pele, mais “verde-pardo” que propriamente “branca”).

Corriam os anos 60 e eu andava envolvido nas campanhas pelos direitos civis, obsessivamente liberal a propósito de todo e qualquer assunto que você se dê o trabalho de imaginar. O sr. Washington, por sua vez, era obsessivamente... sei lá! Conclua você mesmo, pelas palavras dele, que passo a citar *literalmente* “Fulghum, você não passa de um branquelo que pensa que ascensão social se faz de cima para baixo, e eu sou um crioulo que sabe que ascensão social se faz de baixo para cima, e não esqueça do que lhe digo!” Dizia e ria, ria, ria.

Eu ficava nervoso cada vez que ouvia aquela palavra. Com o “branquelo” até que nem me incomodava muito, mas o problema era o “crioulo”. Ele mesmo se chamava de “crioulo”, e sempre ria.

O Sr. Washington olhava meu jardim da varanda de sua mansão, com ar de pena, de piedade. Dizia que só mantinha relações comigo porque eu sabia preparar um *chili* melhor que o dele e porque eu tinha melhores ferramentas que os outros vizinhos.

Às vezes jogávamos pôquer; éramos apreciadores de bons charutos e casados com mulheres que odiavam charutos. Fomos parceiros em algumas das passeatas de então, nas que eram a favor da justiça e nas que eram contra a guerra. Gostávamos das mesmas músicas e *sabíamos* passar horas comparando os solos de John Coltrane e Johnny Hodges.

E meu vizinho ria. Por mais sombrio ou sério que estivesse o mundo, ele sabia lê-lo em termos de revista em quadrinhos. Como você verá, mais adiante, servíamos de contraponto um ao outro cada vez que conversávamos sobre as coisas da vida.

O sr. Washington já morreu e sinto saudade dele. Ainda tenho nos ouvidos o som de sua risada e ela me é especialmente importante nos momentos difíceis da vida. Mas não me deixou apenas esta lembrança e a saudade: deixou-me também o segredo de seus churrascos de costela.



O SR. WASHINGTON ERA VICIADO em gramados. O jardim dele e o meu até que combinavam, de certa maneira, sob um ponto de vista ambíguo.

Uma vez por ano, meu vizinho era acometido de uma espécie de sanha assassina contra as ervas daninhas. Metia-se na garagem de sua casa e punha-se a misturar latas e latas das mais estranhas poções e filtros, o que sempre acabava em encrenca.

Certa manhã dei com ele no meu jardim, aspergindo seus venenos nas *minhas* ervas daninhas. “Tenho certeza de que você não vai se incomodar”, disse ele, cheio de cortesia.

– *Me incomodar!* Pois se você acaba de matar minhas flores! – berrei eu, também com cortesia.

– Flores?! – Ele olhou em volta, lançando chispas de desprezo sobre meus pés de dente-de-leão. – Só vejo ervas daninhas!

– Ervas daninhas são plantas que crescem onde ninguém as deseja – disse eu. – Em outras palavras, *daninhos* são seus olhos, não as minhas flores! Para mim, dente-de-leão é flor!

– Por mim, pode encher seu *jardim* de esterco de cavalo! – disse ele, dando-me as costas e voltando para casa, querendo fugir de meu repentino ataque de loucura.

Pois eu adoro meus dentes-de-leão. Ano após ano eles cobrem meu jardim com suas flores amarelas, sem que eu precise mover uma palha. Cuidam da vida deles enquanto eu cuido da minha. Com as folhas mais novas fazemos uma ótima salada. As flores dão cor e buquê a um de nossos melhores vinhos brancos. Torre e moa as raízes e vai ter um pó de café muito razoável. Com os brotos, se faz um ótimo chá para restaurar energias. As folhas mais verdes, quando torradas, são ricas em ferro, vitaminas A e C, além

de excelente laxante. As abelhas adoram dentes-deleão e fazem com seu pólen um mel de primeira!

Faz 30 milhões de anos que há dentes-de-leão no planeta, são verdadeiros fósseis vivos, parentes próximos da alface e da rúcula. São ervas perenes, gênero *Taraxacum*, da família das Asteraceae. O nome é de origem francesa, e a espécie distribuiu-se por toda a Europa, Ásia e América do Norte e deve ter chegado até tão longe sem o auxílio de ninguém. Resiste às doenças, aos insetos, ao calor, ao frio, ao vento, à chuva e aos seres humanos.

Se os dentes-de-leão fossem raros e frágeis, andariam agora pelas estufas mais sofisticadas, vendidos a 15 dólares o vaso “dos pequenos”; com certeza já haveria até a Associação de Defesa dos Dentes-de-leão, ou coisa parecida. Mas existem por toda a parte, não precisam de nós e têm todo o direito de fazer o que bem entendem. Por isso nós os tratamos como ervas daninhas, e os assassinamos logo na primeira oportunidade.

Estou dizendo que são *flores* e, meu Deus, é claro que são flores, e muito bonitas! Sinto-me honrado que tenham escolhido brotar justamente no meu jardim, onde são bem-vindas.

E além de todas as qualidades dos dentes-de-leão às quais já me referi, é preciso dizer, também, que são flores mágicas. Quando as flores secam, você pega um galhinho e sopra com força e pensa num desejo, e enquanto aqueles pequenos helicópteros luminosos saem voando, seu desejo se realiza. Pura mágica. E se você tem namorada, os dentes-de-leão ficam lindos no cabelo dela.

Desafio meu vizinho a me mostrar alguma planta do seu jardim que possa ao menos se comparar aos meus dentes-de-leão. E se tudo isso ainda não basta, pense que os dentes-de-leão são absolutamente gratuitos. Ninguém nunca reclama se você os colhe.

Você pode colhê-los e fazer um buquê, pode levar quantos conseguir carregar. Ora, “erva daninha”...

O VIZINHO DA CASA AO LADO limpou ontem as calhas e os drenos das calhas de sua casa. Já o vi fazendo o mesmo serviço no ano passado. É incrível! Eu tinha quarenta anos quando descobri que se deve limpar e desentupir calhas e drenos de calhas. Mas até hoje ainda não aprendi como se faz. Sou um eterno deslumbrado por pessoas capazes de fazer esses pequenos consertos e serviços domésticos. Pessoas que sempre fazem o que é preciso fazer e o fazem bem-feito. Sei até de gente que, mensalmente, atualiza as anotações dos canhotos de seus talões de cheques. Sei que é difícil de acreditar, mas juro que existe gente assim.

São pessoas que têm em casa arquivos “de verdade” (*não caixas de sapato*), com papéis e fichas na mais perfeita ordem, e que sempre acham as coisas sem precisar passar duas horas procurando. O armário do banheiro deles é um primor de ordem e organização, e também seus armários de quarto, suas gavetas e o porta-malas do carro. Chegam à perfeição de trocar o filtro da lareira uma vez por ano. Mantêm aparelhos e ferramentas sempre lubrificados, os seguros de vida em dia e não apenas sabem consertar a lanterna, sabem onde *está* a lanterna!

Sabem a data de trocar o óleo do carro, mantêm as ferramentas na garagem, organizadas, cada uma em seu prego, na parede. Os impostos que pagam são calculados à base de fatos, não de palpites ou rezas. Quando põem a cabeça no travesseiro para dormir, à noite, sua lista de “coisas a fazer hoje” está completamente cumprida, item após item. E, quando levantam, sempre encontram o roupão ao lado da cama, limpo e passado. As meias? Na gaveta, claro, dobradas, todos os pés certos. E, ao se preparar para sair e dar início a mais um dia de trabalho, sabem perfeitamente onde deixaram a chave do carro e não precisam pensar na carga da bateria, ou se o carro tem ou não tem gasolina suficiente para

chegar até o posto mais próximo e onde fica o posto mais próximo.

Há gente assim, que vive como se o caos inicial jamais tivesse existido, à margem das leis da entropia. Vejo-os sempre por aí, sólidos pilares da sociedade. São aqueles colegas que, na formatura, você desejava ser “quando crescesse”. Aqueles que “chegaram lá”.

Bem, não sou desses. Faço mais o gênero leite derramado, frigideira queimada, preta. Na maior parte do tempo a vida, para mim, é um eterno procurar agulha no palheiro. A vida diária, no meu caso, é uma espécie de vôo cego. E não me peça detalhes.

Mas tenho uma fantasia, um sonho, que sempre se repete e através do qual, em certo sentido, me redimo. É meu sonho de polir bastões de beisebol.

Um dia uma comissão de respeitáveis senhores baterá à minha porta e me dirá que é chegada a hora de cumprir o ritual de polimento dos bastões de beisebol – um ritual de passagem, obrigatório para todos os bons-de-coração-mas-patologicamentedesorganizados.

Eis como funciona o ritual. Você é escolhido por ser tão bemintencionado que “eles” entendem que já e mais que hora de que o mundo reconheça a qualidade e a intensidade de suas boas intenções. A primeira coisa que lhe oferecem é uma semana inteira livre de qualquer obrigação. Nada, sete dias de calendário sem um único dever, reuniões no escritório, contas atrasadas, cartas por responder ou telefonemas. Então levam você para um local tranquilo, onde tudo é paz, silêncio, zen e serenidade. Eles tomam conta de você, lhe fazem elogios, repetem e repetem que você é incrível e lhe dão comida de primeira. Em troca, você só tem uma obrigação: passar a semana inteira polindo um bastão de beisebol.

Para isto, lhe dão lixa, óleo de peroba e flanelas, além do bastão de beisebol, é claro, um simples, embora lindo, bastão de madeira. E caberá a você poli-lo, só isto. Poli-lo o melhor que puder, trabalhando só quando se sentir inspirado. É isto: *tratar de polir o bastão.*

Ao final da semana, os tais senhores voltam para avaliar seu trabalho, com a máxima seriedade. E o cobrem de elogios, dizem que você é mesmo um grande polidor de bastões de beisebol, que é sensível, que tem *feeling* e “jeito para a coisa”. “Jamais se viu antes um bastão de beisebol tão bem polido!” dizem eles. Você vira celebridade, aparece na televisão, nos jornais. As manchetes trazem, em letras garrafais: “Homem bom e puro de coração consegue dar polimento perfeito ao seu bastão de beisebol!” Você volta para casa em triunfo. Seus parentes, amigos e vizinhos passam a olhá-lo com respeito. Ao andar pela rua, você é reconhecido, as pessoas sorriem, acenam e fazem sinais de “positivo” com o polegar. Você estará consagrado, e poderá então ser admitido a um estágio superior de humanidade.

E não apenas isso. A partir desse dia, você estará liberado e poderá esquecer para sempre as calhas e drenos de sua casa. Seu talão de cheques, seus arquivos, seus formulários de recolhimento de impostos, suas gavetas, até o porta-malas do carro, você passará a ter alguém encarregado especialmente de mantê-los em dia e em ordem. Você conseguiu isenção plena de todas essas preocupações. Estará liberto do ônus de ter “coisas para fazer”... pois *poliu o bastão de beisebol!*

Olhe lá o bastão, em cima da cômoda. Você agora pode se orgulhar: é um emérito polidor de bastões de beisebol! É basta! Ah, como eu queria!

MEU VIZINHO DO LADO E EU vivemos nos olhando, desconfiadíssimos um do outro. Ele é maníaco, vive de pá, vassoura ou ancinho em punho, autêntica pedra no caminho da evolução natural do planeta, espécie de filho bastardo da raça de bravos que conquistou as pradarias. Mas pensa em mim em termos bem mais simples: um preguiçoso.

Meu vizinho passa o outono no jardim, juntando montinhos e montinhos de folhinhas secas. E quando neva, lá está ele, armado de pá, atormentando a neve. Uma vez, por pressa ou por vingança, chegou ao cúmulo de querer varrer um sapo. “Não vou permitir que a velha Mãe Natureza me passe a perna”, diz ele.

E eu lhe digo que ele não está entendendo que tudo acontece como se Deus estivesse jogando dados conosco. Com extremo cuidado, sim, de um modo em certo sentido premeditado. “Faz milhares e milhares de anos que as folhas caem”, eu continuo, “e até agora a terra tem conseguido dar jeito nas folhas secas. Mesmo antes das vassouras e ancinhos e pás dos homens. Nossa velha Mãe Natureza faz com que as folhas caiam exatamente onde quer, para que se misturem à terra e produzam mais terra.” “Você sabe”, digo eu, “quanto mais terra, melhor... terra faz falta.”

E quanto à neve, ora, a neve não é minha inimiga pessoal. Deus, quando faz nevar, está querendo nos dizer que é hora de “ir com calma”, hora de descansar, de passar um dia inteiro na cama. Além do mais, a neve sabe derreter sozinha, quando chega a hora: mistura-se às folhas caídas e também “vira terra”.

Tenho de reconhecer que o jardim dele brilha de tão limpo, *supondo* que limpeza seja assim tão importante. E tenho de reconhecer também que meu vizinho não escorregou na neve da calçada, meses atrás, quando nevou muito. E eu sim, levei um tombo

horrível. E o coitado até que é bom vizinho, apesar da mania de vassoura, pá e ancinho. (Sou liberal em relação a certos hábitos.)

Mas a verdade é que é o *meu* jardim que exhibe um autêntico tapete persa, bordado em púrpura, ouro-velho, verdes e castanhos. O dele é um desastre! E gasto tanto tempo quanto ele e sua pá, mas recolhendo a neve em garrafas, para misturá-la com suco de laranja, quando chega o verão. E tomei o cuidado de gravar o som da neve caindo e tenho agora uma fita para incluir nos meus pacotes de presentes de Natal. *A neve tem mil e uma utilidades.*

Dei ao meu vizinho, no Natal, uma garrafa de licor de neve, safra “do ano” e uma caixinha com a tal fita gravada. E ele me deu um ancinho. Agora, andamos ocupados em ensinar, um ao outro, como tirar o máximo proveito de nossos presentes. Desconfio que ele seja ateu e às vezes tento convertê-lo. Ele desconfia que eu bebo demais e às vezes quer me ajudar a voltar para casa.

Mas ao foral das contas, no fim, fim mesmo, quem ganha sou eu. Porque, mais cedo ou mais tarde, ele, eu – e até mesmo você, leitor – acabaremos nos misturando à neve, às folhas, transformados em pó, em terra, como elas. E isto, sem jamais ter posto *um dedo* num ancinho!



SE VOCÊ PERGUNTAR AO MEU VIZINHO como é que ele ganha a vida, vai responder que é jogador profissional, ligado ao crime organizado. Na verdade, é corretor de seguros. Alimenta um saudável desrespeito em relação aos seus negócios, e trata com igual ceticismo todos os temas da vida.

“Somos todos jogadores”, diz ele, “todo mundo, e a vida não passa de uma mão de dados, uma rodada de pôquer, um páreo no jôquei”. E sempre acrescenta: “E eu *adoro* esse jogo!”.

É daqueles que gosta de subir as apostas, mas se protege apostando nas duas pontas, quando as chances são praticamente iguais nas duas. Em termos filosóficos, meu vizinho se expressa através dos lemas que mandou montar em quadro e pendurou na parede do escritório:

Confie sempre no parceiro. E corte você o baralho.

Confie sempre em Deus. E não more em casa de barranco.

Confie sempre em seu vizinho. E escolha um bairro bom. Nem a corrida é *só* para o mais rápido, nem a batalha só para o mais forte. Mas é mais seguro apostar como se fossem.

Jogue suas fichas no meio, entre “oferecer-a-outra-face” e “destavez-você-me-encheu”.

Jogue com calma: nem tanto a “pressa-é-inimiga-da-perfeição” nem tanto “seguro-morreu-de-velho”.

Sobre “ganhar”: Não é importante. O importante é competir.

Sobre “perder”: Não é importante. O importante é competir.

Sobre “competir”: Não é importante. Aposte para *ganhar!*

Será que meu vizinho acredita mesmo nisso? Será que vive para o jogo? Não sei. Mas jogo pôquer com ele e comprei dele o meu

seguro de vida. Gosto dos palpites. Gosto das dicas de “cocheira”  
que ele me dá.

O CRESCIMENTO MÉDIO dos fios de cabelo é de aproximadamente 1,5 centímetro ao mês. Não sei de onde o sr. Washington tira esses dados, mas me veio com esta dia desses, quando conversávamos sobre barbeiros. Descobri, então, que *meu* barbeiro havia cortado quase dois metros de fios de cabelo e barba (por fio) de minha cabeça e rosto, nos últimos dezesseis anos.

Já nem lembrava mais do assunto, até que fui ao barbeiro, para mim visita mensal habitual, e soube que ele havia trocado de ramo, e passaria a se dedicar às atividades de porteiro de prédio. Mas... como?! Como era possível? O meu barbeiro! Para mim, foi como perder um parente. Havia uma relação tão profunda entre nós, tão mais profunda que uma simples consideração estatística sobre metros de pêlos aparados!

Começamos afastados um do outro: eu era o “freguês”, ele era o “barbeiro”. Mais tarde nos tornamos “*seu* barbeiro ignorante-e-cabeça-quente” (ele) e “seu pastor careca-cabeça-deovo” (eu). Uma vez por mês passávamos em revista a situação mundial, nossas situações domésticas e reavaliávamos nossas posições. Chegamos quase às vias de fato sobre direitos civis, guerra do Vietnã e muitas eleições. Acabamos virando espelho um do outro, confidentes, confessores, psicoterapeutas e cúmplices. Passamos juntos pela “crise dos 30 anos” e depois pela “dos 40”. Discutimos como cão e gato, brigamos e contamos piadas, mas mantendo sempre uma espécie de deferência respeitosa entre nós. Afinal, eu era o “freguês” e ficava praticamente atado àquela cadeira, e ele era o “barbeiro”, de pé, com a navalha na mão.

Descobri que seu pai era policial numa cidade do interior, que ele havia sido criado numa cidade pequena e que tinha preconceito contra índios. E ele descobriu que eu também era “do interior” e

que já estava bem crescidinho quando aprendi que “preto também é gente”. Tínhamos filhos da mesma idade e atravessamos com total solidariedade várias das etapas de padecimento e desespero da alegria de ser pai. Eu lhe contava “as gracinhas das crianças”, as histórias da minha mulher, as despesas com o carro e meus problemas com o gramado de casa. Ele me consolava, ou se consolava, contando “gracinhas”, histórias, despesas e problemas idênticos. Descobri que, nos dias de folga, ele trabalhava num asilo de pobres, fazendo barba e cabelo dos velinhos. E ele deve ter descoberto algumas poucas coisas boas que eu também fazia.

Nunca o vi fora da barbearia, não conheci nem sua mulher nem seus filhos, jamais sentei na sala da casa dele e nunca comemos juntos. Mas, ainda assim, meu barbeiro era um dos personagens mais importantes de minha vida. Mais importante, talvez, do que se tivéssemos sido vizinhos de porta. Nossa relação foi o que foi, pelo menos em parte, porque havia uma certa distância entre nós.

Sinto perdê-lo. É como se, de agora em diante, nunca mais possa fazer “barba e cabelo”, embora vá ficar esquisito eu andando aí, com dois metros de cabelos pelas costas.

Embora sem saber, preenchíamos vazios importantes, um na vida do outro. É o mesmo que acontece com o pastor da igreja e a congregação. Ou com o rapaz da loja de doces da esquina, com o mecânico da oficina da cidade, com o médico da família, com os professores, vizinhos e companheiros de trabalho. Gente boa, que sempre está *lá*, gente em que você, de um certo modo restrito, mas muito importante, pode confiar. Pessoas que nos ensinam coisas, que nos apóiam, que nos dão coragem, que nos reconfortam nas horas mais críticas da vida de todos os dias. E nunca paramos para dizer-lhes estas coisas. Não sei por quê, mas nunca paramos.

Claro que, vista a cena por outro lado, nós também fazemos o mesmo em relação a tantos que dependem de nós, nos tomam como exemplo, aprendem conosco. E nem nos apercebemos.

Não nos subestimemos. É possível que jamais tenhamos uma única prova concreta do quanto somos importantes para alguém, mas somos, para muita, muita gente.

Isto me faz lembrar uma história contada pelos antigos sufi, seita de muçulmanos místicos. Diz a história que certa vez Deus decidiu conceder um único pedido que lhe fosse feito por um homem bom. O homem bom disse que a única coisa que realmente desejava era poder continuar a fazer o bem sem saber que o fazia. E Deus, cumprindo a palavra, o atendeu. Depois, pensando melhor, Deus teria descoberto que a idéia era tão boa, mas tão boa, que valeria a pena estender o mesmo dom a toda a humanidade. E desde então, é assim que tem sido.

GIGANTE, BRUXO E ANÃO. Era disso que íamos brincar.

Tendo recebido a missão de tomar conta de quase oitenta crianças, entre sete e oito anos, enquanto seus pais saíam para fazer não sei quanta coisa que pai e mãe têm de fazer na rua, tratei de reunir minhas tropas no saguão social da igreja e expliqueilhes do que se tratava.

A brincadeira é uma versão em grande escala do “Pedra, Papel, Tesoura” e envolve um certo grau de discernimento intelectual. Mas o grande objetivo, afinal, é conseguir o máximo de gritaria e correria possível, até que ninguém mais saiba de que lado está, e se ganhou ou perdeu.

Não é simples nem fácil organizar oitenta crianças, todas em máxima rotação, separá-las em grupos, explicar-lhes as regras do jogo e convencê-las a aceitar, sem berros e pontapés, o grupo onde caíam, mas nós conseguimos, até que com boa vontade por parte das crianças, e estávamos prontos para começar.

A animação geral ameaçava atingir níveis críticos e eu precisei berrar a plenos pulmões: “Vocês têm de decidir agora quem vai ser Gigante, quem vai ser Bruxo e quem vai ser Anão! E cada grupo, num canto do salão”.

Estavam os exércitos em plenas confabulações, cochichos, empurrões, quando senti que alguém puxava, doce mas firmemente, a perna da minha calça. Uma menina das menorzinhas, de pescoço esticado para cima, a voz séria e preocupada, que perguntou: “E para onde é que vão as Sereias?”

Pausa longa. Uma pausa *muito* longa. “E para onde é que vão as Sereias?”, disse eu.

“É. Você sabe, é o meu grupo. *Eu* sou uma Sereia.” “É que... Sereia não existe.”

“Ora, claro que existe. Eu sou uma Sereia.”

Ela não estava absolutamente interessada em ser Gigante, Bruxo ou Anão. Era Sereia e sabia da importância de sua categoria. Não concordaria jamais em ficar fora da brincadeira, nem admitiria ver-se relegada a um canto de parede, lugar onde se iam juntando os que eram apanhados. Queria era entrar no jogo, participar, mas precisava saber onde as de sua espécie se encaixariam, na hierarquia geral das coisas. E isso sem abrir mão da identidade, da dignidade. Para ela, era *claro* que havia um lugar reservado para as Sereias e eu lhe parecia ser a mais confiável das fontes de informação.

Pois aí está! “Para onde é que vão as Sereias?” Todas as Sereias – todos os seres, reais e imaginários, que não têm lugar previsto na “ordem natural das coisas”, os que não cabem nem aceitam viver presos nas gaiolas, entre as paredes ou nos modelos que existem por aí?

Encontre a resposta para essa pergunta, e você poderá construir uma escola, um país, um mundo!

Mas quer saber como resolvi a questão, no hall social da igreja, “no calor da hora”? Tive uma inspiração de gênio. Disse:

“As Sereias ficam aqui mesmo, de mão dada com o Rei dos Oceanos!” (É, bem aqui, de mão dada com o “Bobo da Corte”, pensei com meus botões.)

E lá ficamos, mão na mão, assistindo ao combate insano dos Gigantes, Bruxos e Anões, que corriam, gritavam e suavam. Ah, e antes que me esqueça, não é verdade que Sereia não existe. Existe

sim. Eu, pelo menos, já conheci uma, pessoalmente. Ela até me deu a mão.



HOUVE UM ANO em que recebi pouquíssimos cartões de Natal. Já em fevereiro do ano seguinte, numa daquelas tardes negras que todos temos na vida, a lembrança da tragédia saltou de repente do fundo do porão de meu cérebro, lá onde se arquivam todas as informações mais inúteis e descartáveis. Provavelmente porque eu estava mesmo procurando um bom motivo para ficar deprimido e aquela lembrança era “tiro e queda”. Mas não falei sobre o assunto. Sou durão. Não vou andar por aí me lastimando só porque os péssimos amigos que tenho, aqueles ingratos, sequer se deram ao trabalho de me mandar uma droga de cartão de Natal. Passo muito bem sem amor. Certo.

Em agosto eu andava mexendo no sótão, tentando estabelecer alguma ordem no caos, quando encontrei, guardada com os enfeites da árvore de Natal, uma caixa cheia de envelopes ainda fechados. Eram os cartões do ano anterior. Eu mesmo os guardara, esperando um momento de sossego para abri-los. Como sossego é o que menos se tem no pânico generalizado das festas de fim de ano, a tal caixa acabou esquecida. E, com certeza, foi carregada para o sótão em meio à síndrome do “pegue-tudo-istoe-entfie-no-sótão-que-ano-que-vem-eu-dou-um-jeito”, que sempre por esta época assola minha casa.

Trouxe a caixa para baixo e em pleno mês de agosto – veja você! –, de calção de banho, sentado numa espreguiçadeira na varanda de casa, de óculos escuros e manteiga de cacau nos lábios, um copo de chá gelado ao alcance da mão e sem saber exatamente o que estaria para acontecer, dediquei-me a abrir meus cartões de Natal. Para criar “clima”, trouxe também o gravador portátil para a varanda, com as fitas de música de Natal, e o liguei no máximo de volume.

Lá estavam! Os anjos, a neve, o Papai Noel, velas acesas, ramos de pinheiros, renas, a Sagrada Família e os gnomos. Quilômetros de mensagens impressas tratando de amor, paz, alegria, homens de boa-vontade. Mas não era só isso: havia também as mensagens escritas a mão por tantos dos péssimos amigos que tenho, aqueles ingratos que se haviam dado ao trabalho de me mandar uma droga de cartão de Natal.

Comecei a chorar. Raras vezes na vida consegui sentir-me tão bem e tão mal ao mesmo tempo; maravilhosamente calhorda e triste, mas com toda a elegância, melancólico, nostálgico e etc. etc. Crise. “Branco total” em pleno palco.

O destino, que vive nos pregando peças, quis por bem que minha vizinha aparecesse justamente nessa hora, atraída ao palco pela música de Natal. Me olhou e começou a rir. Mostrei-lhe os cartões e ela caiu em prantos. E nós dois juntos passamos o mais lacrimoso Natal de nossas vidas, na varanda de minha casa, em pleno mês de agosto, cantando junto com o Coro do Tabernáculo Mórmon, desafinando só nos agudos: “NOOOOOOite FelIIIIIIz, NOOOOOite FelIIIIIIz...”

O que mais posso dizer? Acho que há sempre algo de deslumbrante, de maravilhoso e de vivo mesmo nas idéias mais descartáveis que jogamos no porão de nossa mente e que não é preciso grande esforço para resgatá-lo. Além do mais, há mesmo muita coisa de triste no Natal, chegue ele em dezembro ou no final de agosto.

ERA UMA TARDE DE SÁBADO, pouco antes do Natal. Perfeito inverno com chuva, vento e frio. A lista das coisas por fazer já estava longa e continuava crescendo como mofo. Humor: mau. Biorritmo: negativo. Horóscopo: sugerindo cautela. E os jornais da manhã propondo corrupção, mortes e destruição como tema para a meditação do dia. Nada de “propício”, para melhorar o astral.

O momento sagrado da Bênção do Senhor foi interrompido por alguém que batia à porta. Suspiro fundo: e agora? O que será? Abro, resignado a encarar qualquer que fosse a desgraça, e levo um susto.

Uma criança, com uma máscara barata de Papai Noel e um saco de papel amassado na mão, aponta o saco para a minha barriga:

– É truque ou é trato? – grita o Papai Noel. – O quê?!

– É truque ou é trato? – Papai Noel torna a gritar, sempre com o saco apontado para a minha barriga.

Mudo, aterrado, fico sem saber o que fazer. Mas a aparição sacode o saco de papel na minha barriga e eu, automaticamente, meto a mão no bolso para apanhar a carteira e lhe dar um dólar. Papai Noel então tira a máscara e vejo um menino de traços orientais, com o rosto aberto num sorriso de mais de dez dólares:

– Quer que eu cante uma canção de Natal? – perguntou, num inglês cheio de sotaque.

Já havia reconhecido o moleque. É de uma família que mora nas vizinhanças desde o ano passado. Refugiados, acho que vieram do Vietnã. No Dia das Bruxas ele, seus irmãos e irmãs passaram por aqui e eu lhes enchi a sacola com balas e doces. Chamase Hong

Duc, deve ter oito anos. No Dia das Bruxas parecia um Rei Mago em miniatura, com um roupão e um pano de prato na cabeça.

– Quer que eu cante uma canção de Natal?

Fiz que sim com a cabeça, imaginando que atrás dele viria uma legião de pequenos refugiados, até ali escondida entre as árvores, à espera de que seu líder desse por encerradas as negociações preliminares.

– Claro que sim, mas aonde está o coral? – O coral sou eu – disse o menino.

E soltou a voz numa versão em rotação acelerada de *Jingle Bells*. Emendou logo, sempre a plenos pulmões, o que identifiquei como *Noite Feliz*, mas apenas por aproximação. Logo, porém, mudou de estilo e brindou-me com outra versão de *Noite Feliz*, agora de olhos fechados, a cabeça levemente caída para trás, reverente, emocionado, cantando com toda a alma, do fundo do coração.

De olhos rasos d'água, tocado pela impressionante interpretação de meu pequeno visitante, tornei a tirar do bolso a carteira e enfiei uma nota de cinco dólares no saco de papel. Ato contínuo, ele meteu a mão no bolso e tirou de lá metade de um pirulito que, solenemente, me entregou. Com o mesmo sorriso de dez dólares, gritando “Deus o abençoe!”, lá se foi o meu cantor. Quem era o menino da máscara? Hong Duc, um cantor que, sozinho, valia por um coral inteiro e que ia, de porta em porta, como menino de entregas, trazendo o Natal.

Confesso que, em geral, o Natal me deixa atrapalhado. Na verdade, acho que nunca o entendi direito. Parece-me meio irreal. Desde o dia em que descobri que Papai Noel não existe, transformei-me numa espécie de cínico de coração. Falar e cantar, pensando num

trenó puxado por uma rena, é ridículo. Nunca vi coisa semelhante nem nunca andei num trenó desses. Jamais comi castanhas assadas em fogueiras de rua. Não sei como seriam as coisas se tivesse *mesmo* tido um trenó puxado por renas, mas de qualquer modo já ouvi dizer que não é grande coisa. Reis Magos com presentes e pastores que passam a vida andando por aí atrás de ovelhas sempre me deixaram muito desconfiado. Nunca pus os olhos num anjo e minha experiência com virgens é extremamente limitada. Não tenho o mínimo interesse em reis recém-nascidos e acho que, quanto a mim, já nasci partidário da República. Bebês e renas cheiram mal, e sei disso por experiência própria com ambos. A cidade de Belém, a julgar pelo depoimento dos que andaram por lá, é um buraco.

Cantar sobre coisas que nunca vi ou fiz ou desejei, sonhar com um Natal ao qual não assisti... O Natal não me parece real. E, no entanto, apesar de tudo... Suponho que seja porque já estou velho demais para acreditar, mas continuo criança demais para abrir mão de minhas fantasias. Cínico demais para aceitar, e desamparado demais para esquecer.

Será o Natal apenas aquela cantoria, muita comida, montanhas de dinheiro gastas em presentes, aquela trabalhadeira doida? *É truque ou é trato?* Depois que fechei a porta e meu pequeno cantor se foi, eu estava à beira da histeria – ria e chorava e tinha todas aquelas sensações estranhas que temos quando se descobre que, mais uma vez, é Natal. Bem ali, pela chaminé de minha casa, Papai-Hong-Duc-Noel havia descido com seu saco. Claro que chegou um tanto atrapalhado com os detalhes da cerimônia, como eu, aliás, mas trazia bem claros sinais de que havia entendido o espírito geral “da coisa”. Pode parecer que eu esteja apenas querendo um bom

pretexto para “entrar na festa”, comer e beber e ganhar presentes de consciência tranqüila. Mas não.

Perguntei a mim mesmo: “Onde estará o Natal?” E ouvi uma resposta bem clara:

– Estou aqui...

E tornei a perguntar, e o eco tornou a responder. Lá estava: de olhos fechados, a cabeça levemente caída para trás, reverente, emocionado. Foi então que cantei, e nem lembro qual foi a canção que tive coragem de cantar, mas era uma canção de Natal, em pleno espírito de Natal, como aprendi com Hong Duc.

Dizem que Deus certa vez enviou ao mundo uma criança numa noite estrelada, para trazer esperança e alegria aos homens. Acho que não acredito muito nessa história, ou nas outras centenas de histórias que foram se acumulando sobre o enredo original ao longo de dois mil anos. Mas não tenho dúvidas de que acredito em Hong Duc, o menino-coral, que propunha um “trato”, de porta em porta. Não sei quem, ou o quê, o teria enviado até minha casa, mas sei que veio fazer “um trato” comigo, me convidar a participar de seu coral, que anda pelo mundo semeando uma mensagem de alegria e esperança. Uma criança, outra vez, me “contratou” para o Natal.

E POR FALAR EM PRESENTES vou lhe ensinar uma regra. Não fui eu quem a inventou ou descobriu. Na verdade, eu a ouvi de um homem muito esnobe numa festa de Natal no escritório. O sujeito tinha ar de quem sofria de mania-de-Tio-Patinhas em estágio terminal e acabava de desembulhar o presentinho que lhe cabia, retirado da pilha de presentinhos que se acumulavam sob a pequena árvore de Natal da festa. Balançando a cabeça num meio sorriso, ele disse, sem se dirigir a ninguém em especial:

– Sabe, não é verdade que, em matéria de presentes, o que vale é a intenção, não o presente em si. Isso é pura mentira. Minha mãe também andou tentando me enganar com essa conversa. Já perdi a conta das porcarias embrulhadas “para presente” que quiseram empurrar para cima de mim ao longo dos anos...

Existe gente que, para cumprir a obrigação de dar um presente, entra na primeira porta que vê aberta e compra a primeira porcaria de plástico colorido que vê... Embrulha as intenções mais reles do mundo num papel colorido qualquer e lá se vai, acobertado pela tal história das “boas intenções”... A verdade *verdadeira* é que o que interessa, a única coisa que interessa de *verdade*, é o *presente*. Não que a intenção não conte, claro que *conta*. Mas está provado que não *basta*. Minha longa experiência ensinou-me que há uma relação infalível entre “intenções” e “presentes”: quem tem “boas intenções”, dá “bons presentes”. O contrário também é verdadeiro: com uma droga de presente, vem uma droga de intenção. A esta relação matemática infalível, costume chamar “Regra número um da troca-de-presentesem-festa-de-Natal”.

E, enquanto falava, o homem aproximava-se da lata de lixo, segurando o presente como se fosse um rato morto.

Bem, parece cruel, parece um julgamento severo demais; porém, como a experiência à qual se referia é nossa velha conhecida, fica ainda mais difícil de engolir.

A verdade é que, no começo, não foi assim. Deus – pelo que se sabe – foi o primeiro a pensar em nos dar um presente e teve o cuidado de escolher o melhor possível. Os Reis Magos, por sua vez, não apareceram junto àquela manjedoura com quinquilharias: trouxeram também o que tinham de mais valioso, com as mais elevadas intenções. Mesmo Papai Noel, quando prepara sua lista, a lê, relê e revisa cuidadosamente. O Anjo da Anunciação trouxe “A Boa Nova” que, como se sabe, não se consegue por aí nas liquidações.

Sei, na ponta da língua, o que quero ganhar no Natal. Desde os meus 40 anos que sei: brinquedos de dar corda que fazem barulho e ficam dando voltas e voltas e fazendo coisas engraçadas. Nada de brinquedos eletrônicos ou movidos à pilha. Quero brinquedos que às vezes precisem de mim, quando enguiçam ou quando a corda acaba. Daqueles de lata, coloridos, que existiam quando eu era menino. É isto o que quero ganhar no Natal. Ninguém acredita... Mas é a pura verdade!

Está bem, está bem! Não é *bem* isto... Mas é quase! O que quero, mesmo, é prazer e simplicidade. Gritaria, barulheira e sonho. Anjos, milagres, maravilhas, magia e inocência. Aí, já estamos bem perto do que quero ganhar mesmo, de verdade.

É difícil falar destas coisas, mas o que eu mais queria, mesmo, ganhar de Natal é apenas o seguinte:

Voltar a ter cinco anos durante uma hora.



Rir, rir, até cansar e depois chorar, chorar, até cansar. Dormir no colo de alguém na cadeira de balanço e depois, só mais uma vez, ser levado para a cama.

Ah, como sei exatamente o que queria ganhar de Natal! Queria, simplesmente, ter de volta a minha infância. É um presente que ninguém pode me dar, mas, se tentar, talvez eu mesmo reencontre minhas lembranças, para me dar de presente, e, assim, *me* presentear no Natal.

Talvez não faça muito sentido, mas desde quando o Natal tem alguma coisa a ver com “fazer sentido”?

O Natal, no começo, era a história de uma criança, há muito tempo, numa terra distante; porém, ainda é a história de uma criança, aqui e nos tempos de hoje. Da criança que trago em mim e que você, leitor, traz aí dentro de si. Crianças que esperam, escondidas atrás da porta, que algum milagre aconteça. Uma criança que não sabe ter atitudes práticas, que nem sempre consegue ser objetiva e realista, que nem sempre é “a primeira da classe”, que é terrivelmente vulnerável à alegria. Uma criança que, com muita razão e sabedoria, não quer ser obrigada a *entender* um presente. Que não quer saber de reles intenções, disfarçadas “para presente” em par de meia, gravata feia, charuto mofado, disco ruim, porta-lápis, camisa sem bolso.

O “Tio Patinhas” do escritório tinha razão: a tal “Regra número um” continua valendo.

SEMPRE QUIS TER UM RELÓGIO CUCO. Dos grandes, uma daquelas engenhocas estilo barroco alemão, de madeira superenfeitada, com aquele passarinho que de hora em hora aparece e entoa suas profundas reflexões sobre a vida. Saí e comprei um, de presente para a minha melhor amiga que, por acaso, é também minha mulher e mora comigo na mesma casa. Considerei que, como ela em geral não gosta muito dos presentes de Natal que lhe dou, e como sou sempre eu quem – no final – acaba ficando com eles, o mais aconselhável seria, daquela vez, escolher logo um presente que me agradasse; assim, depois da festa, teríamos em casa pelo menos uma pessoa sinceramente agradecida. Ela ficaria com a “boa intenção” e eu, com o “presente”. Sei que é reles, vil e baixo, mas também é econômico, prático e realista. (E não me venha com a velha conversa de “uma-ídéia-tão-horrível-jamais-me-passaria-pela-cabeça”! Sei das coisas.)

O que eu queria, mesmo, era um autêntico e antigo relógio cuco. Custava uma fortuna. Acabei encontrando um modelo menos “antigo”, não tão “autêntico”, enalhado numa loja de relógios a preço de liquidação. Grande negócio! E fiquei com ele. Havia dois papezinhos colados no fundo da caixa da embalagem, escritos em letra minúscula, os quais não me dei ao trabalho de ler. *Made in South Korea*, dizia um. *O interior deve ser montado*, dizia o outro.

De dentro da embalagem de meu cuco tirei cinco sacos plásticos de cacos, o chamado *interior* a ser montado. E também o simulacro perfeito de um abrigo de bodes, estilo alpino-bávaro, já montado, com uma etiqueta pendurada à porta: AUTÊNTICA IMITAÇÃO DE MADEIRA. À guisa de coroa, coleí no topo do abrigo de bodes uma cabeça de veado de plástico, que lá ficou me olhando com ar de mãe do Bambi.

Modéstia à parte, montei o *interior* sem que sobrassem peças e pendurei o relógio na parede. Regulei os pesos, acionei o pêndulo e dei um passo atrás para assistir. Perfeito. O abrigo de bodes tiquetaqueava como autêntico relógio cuco, reconfortante. Era a primeira vez, em toda a minha existência, que conseguia dar conta de uma tarefa como aquela, delicadíssima, altamente complexa. E havia dado certo! A droga do abrigo de bode funcionava!

Chegou a hora. A portinha se abriu. O passarinho não saiu. E de dentro do abrigo de bodes vinha um ruído terrível, cavernoso, abafado: “cucouuu, cucouu, cucou”. Três “cucouuuuus”? Mas, se era meio-dia no relógio?!

Tornei a mergulhar nas entranhas do abrigo de bodes estilo alpina-bávaro em imitação de madeira. Lá estava o cuco. Com o auxílio de um furador de gelo e de um pauzinho de restaurante chinês, tentei ajudá-lo a vir à luz. Consegui soltá-lo. Pelo menos, foi o que pensei, embora reconhecendo que, como passara a hora de sua total liberdade, fosse até normal que ele ainda estivesse *um pouco* preso. Acabei decidindo adiantar o relógio para

acabar logo com aquela agonia e o acertei para dar 3 horas. Ele tiquetaqueou. A portinha abriu, escancarou-se. E nada de passarinho. Das profundas do abrigo de bode vinha um “cuc, cuc” que não era nem “cucouuu” nem “cucuu” nem nada.

Aplicando o princípio do “se-não-vai-por-bem-vai-por-mal”, peguei um martelo e um alicate “dos grandes” e, em posse de ambos ainda acrescentei, por via das dúvidas, o poder de meia dúzia de sacudidelas “das fortes”. Tornei a acertar o relógio, deu a hora, a porta abriu. Silêncio.

A inspeção seguinte revelou um pequeno cadáver, caído de lado, estrangulado por uma mola. Devo ser o único homem no planeta

que teve a coragem de matar um passarinho de relógio. Já podia ouvir o diálogo do dia seguinte, manhã de Natal:

– É para você, querida. Um relógio cuco. O cuco morreu. Pois foi o que aconteceu. Dei o relógio a minha mulher, conteilhe toda a história. E ela riu. E até guardou o presente, com o cuco morto e tudo, por um bom tempo.

Agora, já faz anos que o relógio e o cuco se foram de nossa casa. E houve muitos e muitos natais. Mas todos os anos, quando nos reunimos com os amigos em dezembro, essa história é relembrada, e todos riem. Minha mulher olha para mim e pisca, e eu olho para ela e pisco. É para me lembrar de que o verdadeiro cuco da história não era aquela engrenagem emperrada que havia dentro do relógio. “Eu lembro”, diz ela.

E eu também lembro. É, continuo sem relógio cuco, mas parte do que trouxe para casa naquele dia ainda vive comigo. É a tal mensagem de Natal que vinha colada no fundo da caixa da embalagem do relógio. Aquela que avisava: *O interior deve ser montado*. Para jamais esquecer que precisamos “montar” o que há de melhor em nós, para podermos “nos dar”, literalmente, ao próximo. E que temos também de encontrar o lugar que nos cabe, no quebra-cabeça de nossas relações de afeto, para que o conjunto funcione como deve funcionar, para que haja alegria e esperança para todos. Meu mais carinhoso “cucouu” para você, leitor, e Feliz Natal, onde quer que esteja.

O PESSOAL QUE MORA DO OUTRO lado da rua é mesmo gente bem esquisita. Fazem ginástica, comem broto de feijão e reciclam tudo, menos o ar que respiram. São defensores declarados da “liberação” feminina e masculina. São contra o casamento – fizeram um “contrato” – e levam vida independente, cada um a sua. Vêm a vida de modo tão “leve”, que vivem flutuando pela calçada. Boa gente. Dão ao nosso quarteirão um ar moderno, avançado. Ótimo!

Acabam de comprar uma bicicleta de dois lugares e dezoito marchas, o máximo em economia e eficiência. E não há dia em que eu não os veja sair, com macacões iguais, capacetes iguais, garrafinha de suco, equipamento completo. O homem na frente; é sempre ele quem pedala. Sempre. Não me parece muito “pró-liberação”, mas enfim...

Uma conversa em separado com qualquer um deles, o homem ou a mulher, acaba provando a mais antiga das verdades do mundo: ele se acha mais forte que ela, acha que sabe orientar-se melhor; por isso, cabe a ele a tarefa de pedalar e de escolher os caminhos. Ela não protesta. Porque prefere deliciar-se com a paisagem. Porque indo no selim de trás pode parar de pedalar que ele nem vê. Porque, no caso de uma batida, quem quebra o nariz é ele.

Este mundo é uma bicicleta de dois lugares. Os homens na frente, mulheres “lá para o fundo”. É possível que os homens sejam mesmo o “sexo forte”. Mas as mulheres são, isto sim, o “sexo esperto”. Pelo menos a minha vizinha da casa em frente.

“Liberação” é todo mundo fazendo o que pensa que quer, sem pensar no que faz sem querer. Em outras palavras, “liberação” acaba sendo simplesmente a conquista do direito de não fazer o

que não queremos fazer para “livremente” nos escravizarmos às coisas que aprovamos, defendemos ou julgamos serem “mais justas”. É como no caso da bicicleta de dois lugares.

AS BATIDAS NA PORTA ERAM CADA VEZ mais frenéticas, mais urgentes. Crise à vista! Depressa, depressa! E eu corro à porta, deixo cair a chave, me atrapalho, a adrenalina já a nível crítico, estou a postos para qualquer emergência.

Era só um garotinho com uma curiosa expressão no rosto. Estende a mão com um papel escrito, dobrado e redobrado, já amarelo de tão gasto: *Meu nome é Donnie. Posso varrer as folhas de seu jardim? Um dólar o serviço todo. Sou surdo-mudo. Se quiser, escreva. Sei ler. E sei limpar jardins.*

(Nos fundos de nossa casa há quase que um bosque de bordos. São árvores muito respeitáveis, damas de meia-idade, que na época certa se vestem de milhões de pequenos tufo de folhas. Passa o verão e os tufo de folhas se soltam.

Como nosso jardim é abrigado do vento, as folhinhas vão se acomodando aos pés das tais respeitáveis senhoras, como se todas estivessem se preparando para o banho do outono, mas ainda não tivessem acabado de sair dos vestidos.

Gosto de meu jardim do jeito que é. Gosto *muito* de vê-lo atapetado de folhas. Minha mulher detesta. A revista *O Jardim de seus Sonhos*, vive falando mal dele. Que se deve varrer as folhas caídas, que há regras a serem obedecidas para maior beleza dos jardins. Que as folhas abafam a grama. Que mofam, que o chão fica escorregadio. Mas eu gosto tanto de folhas que um dia atapetei minha sala de aula com elas, um tapete macio que chegava até o meu tornozelo.

As folhas têm uma razão de ser. O que não tem razão de ser é grama aparada. É o que eu vivo dizendo. Minha mulher vê as coisas de outro ponto de vista. Paira no ar de minha casa

uma vaga acusação de preguiça. Já discutimos muito o assunto.

Este ano, afinal, chegamos a um acordo, em nome da Metodologia Científica. Metade do jardim fica cuidadosamente varrido e limpo, metade fica entregue aos cuidados da natureza. No verão, avaliamos o resultado. Por isto é que o jardim lá está: metade varrido, metade lindo. Vamos ver no que dá.)

Como piloto em meio à neblina, forçado a confiar em instrumentos de eficácia duvidosa, o menino lá está, olhos postos em mim, à espera de uma resposta. Ele sabe que o jardim está (meio) cheio de folhas. Passou por lá antes de bater e viu. Na verdade, o meu jardim é o *único* jardim nas vizinhanças onde ele vê perspectivas reais de conseguir trabalho. Sabe que cobra caro. Solememente, apresenta-me papel e lápis para que eu responda. Mas como posso explicar-lhe a importância da experiência científica que está em andamento no jardim?

(Em certo sentido, só há bordos por causa das folhas. Numa atitude espantosamente temerária, milhões e milhões

de sementes desceram do céu rumo ao chão, em seus minúsculos helicópteros de folhas, para fazer germinar novos pés de bordo e povoar de verde o planeta. Atrás das sementes pousaram as folhas para cobri-las, protegê-las, aquecê-las, alimentá-las. Os problemas, porém, foram muitos: solo pedregoso, mofo, bactérias, pássaros, esquilos, insetos e gente. De qualquer modo, as sementes mais fortes vingaram. As mais teimosas forcaram pé e insistiram e insistiram e insistiram – tudo em nome da vida. No silêncio da escuridão do inverno, foram deitando raízes, tratando de



garantir uma nova geração de bordos. E tem sido assim há milênios e continuaria a ser assim por milênios, se não inventássemos de nos meter. Aliás, trabalhando contra nossos próprios interesses. Isso é importante.)

*Meu nome é Donnie. Posso varrer as folhas de seu jardim? Um dólar o serviço todo. Sou surdo-mudo. Se quiser, escreva. Sei ler. E sei limpar jardins.* E ele aguarda minha resposta com paciência, esperança e boa vontade.

Há momentos nos quais o mais simples dos acontecimentos da vida diária nos obriga a revisar nossos conceitos existenciais mais profundos. O que é que eu faria se ele não fosse surdomudo? O que ele faria se eu lhe dissesse “não”? E se eu dissesse “sim”? Que diferença haveria? E lá ficamos nós, um frente ao outro, sem ter o que dizer, embora por motivos diferentes. Passado um exato segundo, ele se vira para ir embora e eu apanho o papel e o lápis de sua mão e escrevo, solene: *Sim. Gostaria que você limpasse o jardim.* Da parte dele, um grave aceno de cabeça. *Você limpa mesmo com as folhas molhadas? Afinal, negócio é negócio.*

*Limpo, ele escreve. Você trouxe seu ancinho? Não.*

*O jardim é muito grande. Tem muita folha. Muita.*

*Acho que seria mais justo pagar-lhe dois dólares.* O menino sorri. E escreve: *Três?*

Eu faço uma careta. Mas, afinal, contrato assinado, começa o trabalho. Entrego-lhe o ancinho de minha mulher, e Donnie, meu jardineiro surdo-mudo, mergulha no fusco-fusco de um fim de tarde de novembro. Varre em silêncio. E, do alto de minha janela na casa escura, eu o observo em silêncio. Que sons estará ele ouvindo? Haverá som na cabeça de um surdo-mudo? Não sei.

Talvez ele ouça apenas o zumbido denso de fundo de mar que fica dentro da minha cabeça quando aperto com toda a força os ouvidos com a ponta dos dedos.

Cuidadosamente, ele vai juntando as folhas num grande monte, como aprendeu a fazer. (É, estou pensando que, depois que ele se for, posso ir lá e espalhar as folhas outra vez pelo jardim. Não agüento jardim varrido!) E ele dá voltas pelo jardim, muito atento, recolhendo com a mão as últimas folhinhas que restam e jogando-as sobre o monte. Ele, decerto, não suporta jardim com folha e trato é trato: para ele, “tirar as folhas” do jardim deve significar não deixar nem uma para contar a história.

Depois de escrever que tem de ir embora porque já está escuro e precisa ir para casa porque está com fome, meu jardineiro deixa limpa apenas a parte dos fundos do jardim, recebe pagamento integral adiantado e se vai. Aos 45 anos, cínico irremediável, fico pensando se voltará ou não, no dia seguinte, para completar o trabalho. Horrorosamente cínico.

De manhã cedo, dia seguinte, lá está ele, passando em revista o jardim dos fundos antes de começar o jardim da frente, prevendo que haveria folhas caídas durante sua ausência, portanto, em plena vigência de seu contrato de trabalho. É um profissional que se orgulha do que faz. Não resta uma folha no jardim. De longe, vejo que ele separa algumas das folhas mais douradas, maduras, verde-ouro-velho, e as vai guardando no bolso da camisa. Com as folhas, vão para o bolso da camisa punhados e punhados de sementes, presas aos tufo de folhas de hélices-dehélicóptero.

Outra vez as batidas frenéticas, urgentes, depressa, depressa. Corro à porta. É ele, escrevendo que o serviço está pronto. Da janela, eu o vejo afastar-se pela rua. De tempo em tempo,

mete a mão no bolso, tira um par de hélices-de-helicóptero e as respectivas sementes e joga tudo para cima. São como *fringe benefits*, aquelas vantagens complementares do salário de executivos. E fico eu aqui, na minha porta, no meu silêncio particular, sorrindo por ele. *Fringe benefits*.

Amanhã vou até o jardim e varro o monte de folhas que ele deixou para dentro da ravina nos fundos de casa. Deixo as folhas lá para que fermentem no húmus do fundo da ravina. Trabalharei em silêncio. Este ano as folhas e sementes vão ter de tratar da vida lá no fundo da ravina. Não seria justo desfazer o trabalho do jardineiro. Eu ia morrer de complexo de culpa. Sinto-me obrigado a suspender a experiência científica em andamento no jardim, porque surgiu um fato novo. Um fato humano.

Deixo as folhas “para lá”, as sementes idem, e até eu mesmo deixo “para lá”, com algumas de minhas idéias, e cerro fileiras ao lado de outra espécie da natureza. Que também é frágil, também é imperfeita, mas sabe, bravamente, lutar pela sobrevivência. Vá em frente, Donnie, vá em frente.

ESTOU AO TELEFONE, falando com uma senhora muito amável, ela em plena crise de depressão por causa dessa praga de inverno. Fala-me também de um resfriado que acaba de atingir o estágio terminal, mas ela já vinha espirrando desde o dia 1º de setembro.

– Mas – ela funga –, você nunca fica deprimido?

– Ora – digo eu –, tenho crises tão terríveis que nem com escada Magirus consigo voltar à tona.

– E daí? O que é que você faz? Por favor... *O que é que você faz?*

Ninguém nunca havia feito *aquilo* comigo. Em geral as pessoas perguntam o que eu acho que *elas* devem fazer.

Minha salvação não é a religião, nem a ioga, nem uma garrafa de rum, nem dormir o dia inteiro. Beethoven. Minha salvação

é Ludwig van Beethoven. É meu “ás na manga”. Ponho no aparelho de som a *Nona Sinfonia*, ajusto os fones de ouvido e me deito no chão. A música vem, como no primeiro dia da Criação.

E penso no velho sr. Ludwig. Este sim entendia de depressão e infelicidade! Vivia mudando de cidade, procurando o lugar certo. Teve uma vida amorosa terrível, brigava e discutia com os amigos. O sobrinho que ele mais amava só lhe dava trabalho. Beethoven sonhava em ser pianista. Queria também ser cantor, mas desde bem jovem começou a perder a audição. Para um pianista ou um cantor, não há coisa pior! Em 1818, aos 48 anos, estava surdo como uma porta. O mais incrível é que só terminou de compor sua famosa *Nona Sinfonia* cinco anos mais tarde. Na verdade, nem chegou a ouvi-la! Só a *imaginou!*

E lá estava eu, deitado no chão, com os fones de ouvido, imaginando se aquela música seria para Beethoven o que era para

mim. Vem o *crescendo* e meu osso esterno começa a vibrar. E quando, no fim, os tímboles vêm com aqueles Fá monumentais, já estou de pé, cantando desbragadamente no meu alemão miserável, fazendo coro com aqueles anjos todos, pulando feito canguru ao ritmo da batuta do legendário maestro Fulghum, que rege os últimos e deslumbrantes movimentos de “O mundo acaba e aí vem Deus com sua corte de anjos, aleluia!” *A-le-lu-ii-aa! Hhhaamm-cabuum-bam-baaaaaaa!!!* Meu Deus!

Exultante, exaltado, excitado, forte! Vivo! Distante da dor, dos problemas, longe de frustrações e tristezas, resgatado para sempre daquele silêncio eterno e profundo... Tanta majestade, uma explosão de alegria, de exaltação! E ele venceu o destino numa *Aleluia* magnífica!

Não sei resistir a tanta verdade, a tanta beleza. Não consigo continuar parado, encolhido nas minhas cinzas de inverno, contorcendo-me em dores, morrendo de pena de mim mesmo. Não com aquela música! (É excelente contra a depressão e, com certeza, também faz bem contra a gripe.)

E que conversa é essa, sobre inverno e frio e chuva e contas atrasadas e impostos a pagar? – pergunto a mim mesmo. E quem é que está interessado em fracasso, confusão e frustração? É para que tanto barulho sobre a vida e sobre o sucesso dos outros? Nos dias negros, por mais perdido que me sinta, a música de Beethoven soa aos meus ouvidos como uma afirmação irresistível. Nos dias mais sombrios de meus invernos espirituais, encontro dentro de mim mesmo o sol do verão. E um dia, quando eu for rico, numa noite improvável de um dezembro qualquer, vou alugar para mim um teatro enorme, um enorme coro, uma enorme orquestra sinfônica e uma enorme batuta e então vou

reger a *Nona*. E farei questão de me responsabilizar pessoalmente pelos tímbores, do movimento final à glória do último acorde, e também cantando o mais pessoal e desbragadamente que puder!

E, no espantoso silêncio que fica no ar depois da última nota, agradecerei a seja-lá-que-deus-for por nos ter dado Beethoven, a *Nona* e a luz que tiveram.

Vamos pôr no volume máximo?

HÁ UMA PLACA DE ARGILA no Museu Britânico que data, aproximadamente, do ano 3800 a.C., tempo dos babilônios. É o resultado de um recenseamento, de uma contagem da população, feita para que se determinassem os impostos. Tanto os egípcios quanto os romanos também realizavam censos. E lá no museu está também o famoso Livro *de Cadastramento de Terras*, de autoria de Guilherme I (1027-1087, rei da Normandia e da Inglaterra), com os resultados do censo realizado na Inglaterra em 1085).

Nos Estados Unidos, os censos começaram em 1790 e dentro em breve já estaremos, outra vez, às voltas com os tais recenseadores.

Isso de contar a população pode nos levar a descobertas interessantes, principalmente agora, que os computadores nos permitem projetar para o futuro as tendências do presente. Veja, por exemplo: se a população do planeta continuar a crescer às taxas de crescimento populacional de hoje, lá pelo ano de 3530 d.C. o peso total da massa humana, feita de carne e sangue, ficará igual ao peso do planeta; e pouco depois, lá pelo ano 6826 d.C., alcançará o peso de todo o universo conhecido. Dá um nó na cabeça, não é?

Pense em outro dado: no tempo de Júlio Cesar, a população do planeta era de 150 milhões. Hoje, em apenas dois anos, *nascem* na Terra *mais* 150 milhões de pessoas.

Se preferir uma escala menor, enquanto você está aí lendo, duzentas pessoas estão morrendo e 480 estão nascendo. Ou seja, isso equivale a mais ou menos dois minutos de leitura, expresso em termos de vida e morte.

As estatísticas estimam que nasceram até hoje cerca de 60 bilhões de pessoas. Não podemos ter a mesma certeza em relação aos que ainda estão por vir, mas pelo jeito vai ser um monte de gente. E,

contudo – avaliando estatisticamente as estatísticas –, considerando as possibilidades de combinação entre os gametas produzidos por seus pais, é praticamente *garantido* que cada um, dentre os bilhões de seres humanos que existiram até hoje, era profundamente diferente de todos os demais. Tendência que deverá manter-se nos séculos e séculos futuros.

Em outras palavras: se você organizar em fila indiana todos os seres humanos que já nasceram e mais todos os que algum dia virão a nascer, e ainda se dar ao trabalho de passar a fila em revista, *não vai encontrar ninguém igualzinho a você.*

Ah, mas espere! Tem mais!

Se você fizer *outra* fila indiana, com todas as *outras* espécies de coisas vivas que algum dia existiram, além de todas que algum dia virão a existir, e passar em revista também a segunda fila, acabará descobrindo que há mais espécies parecidas com você na primeira fila do que na segunda.

Para concluir: existiu um criminologista francês, Émile Locard, que há uns cinquenta anos apareceu com uma teoria pela qual pretendia demonstrar a validade de uma tal de Lei das Trocas, também conhecida como Lei de Locard. Pela tal lei ficava provado – dizia Locard – que sempre que alguém passa por uma sala, mesmo sem saber que o faz, deixa na sala algo de seu e carrega consigo algo do que estava no aposento. A moderna tecnologia veio comprovar a validade da Lei de Locard, e a Lei de Fulghum veio ampliar seu alcance: *sempre que um homem passa pelo mundo, mesmo sem saber que o faz, deixa nele algo de seu e carrega consigo algo do que estava no mundo.* Na maioria dos casos, são “algos” que não podem ser vistos, ouvidos ou estatisticamente avaliados. Jamais foram



detectados nos recenseamentos. Mas, se não houvesse a troca, os recenseadores não encontrariam nem gente para contar!

ELIAS SCHWARTZ sapateiro, é baixo, gordo careca, solteiro, de meia-idade e judeu. “Não passo de um velho remendão fora de moda”, diz ele, nem mais, nem menos. E eu, considerando algumas evidências, convenci-me de que ele é, também, a 145ª reencarnação do Lama Haiho.

Veja, o Lama Haiho morreu em 1937 e desde então os monges do Mosteiro de Sa-skya, no Tibete, andam à procura do homem no qual sua alma estaria reencarnada, sem no entanto encontrá-lo. No verão passado, o *New York Times* trouxe uma matéria sobre o assunto. Dizia que o Lama poderia ser reconhecido pelo fato de que andava pelo mundo dizendo e fazendo coisas sábias, mas não ostensivamente. Agia sempre de um modo misterioso, sempre com grande humildade. E estaria sempre cumprindo a vontade de Deus, sem entender por quê.

Em razão de alguma pane inimaginável nos canais burocráticos dos céus, o Lama Haiho acabou encarnado em Elias Schwartz. Não tenho a mínima dúvida.

A primeira pista surgiu quando levei meus velhos mocassins para uma reforma geral. O sapateiro tomou-os nas mãos, examinou-os com atenção e afeto e, com a voz embargada – sinceramente entristecido porque cabia a ele me comunicar a gravidade daquele caso médico –, declarou que não valia a pena consertá-los. Tive de me conformar ante o inevitável. Ele então apanhou meus mocassins, levou-os para o fundo da sapataria e me deixou lá plantado, esperando. Voltou com os sapatos numa sacola de plástico. Para eu poder carregar melhor, pensei.

À noite, em casa, quando abri a sacola, encontrei dois presentes e um bilhete. Dentro de cada pé de sapato havia um bombom embrulhado em papel-alumínio, e o bilhete dizia assim: *Sempre que*

*não vale a pena fazer o remendo, vale a pena fazer o não remendo com sabedoria. Medite sobre isso. Elias Schwartz.*

Lama Haiho ataca novamente.

E os monges que continuem procurando, porque não vou abrir o bico. Temos emprego garantido para quantos sejam os Lamas que aparecerem por aqui.

FAZER MUDANÇA acarreta sempre um rude golpe em minha auto-imagem. Habituei-me a acreditar que sou um homem razoavelmente limpo e caprichoso. Mas chega aquele momento em que todos os móveis e demais bens materiais já saíram de casa. Eu volto lá para ver se esqueci alguma coisa, vou olhando pelo chão e pelos cantos, e é aquele mar de lixo. Bem embaixo de onde estava a estante, na parede por trás dela, no canto onde ficava a mesa, junto à cabeceira da cama e no canto da cômoda.

Poeira cinzenta, gordurosa, intratável. Lixo.

Veja quanta sujeira, penso eu. Afmal, fica provado que não sou nem limpo nem asseado, continuo pensando. E o que é que os vizinhos vão dizer? O que diria minha mãe se visse isso? E se aparecerem para inspecionar? Tenho de limpar esta casa! Aca

bar com esta poeira! Mas ela me segue por toda a parte; é só eu aparecer numa sala que lá está ela. Que diabo de poeira é esta?! Li numa revista médica que uma poeira idêntica à que guardo em casa foi analisada por um famoso laboratório. Estavam preocupados com problemas de alergia, mas os resultados a que chegaram as suas pesquisas se aplicam perfeitamente aqui.

O microscópio mostrou na poeira doméstica a presença de fios de lã e algodão, de partículas de papel, asas de insetos, comida, plantas, folhas, cinzas, infinitesimais esporos de fungos e animais unicelulares e mais uma infinidade de elementos, na maioria naturais e orgânicos.

Mas esse é o catálogo geral. Classificados “por assunto”, os componentes da poeira vêm de duas fontes principais: de *gente*, na forma de escamas de pele e fios de cabelo; e de *meteoros* – daqueles que se desintegraram ao alcançar a atmosfera terrestre. (Verdade! Não estou brincando! Todos os dias caem por aí

toneladas de meteoros!) Assim, em outras palavras, o que se acumulou por trás da estante e do armário e embaixo da cômoda é basicamente eu, misturado com pó de estrelas.

Um botânico me contou que, se você juntar um monte de poeira, colocar num vaso, molhar, deixar no sol e plantar ali uma semente, a semente vai desandar a crescer feito doida. Se fizer a mesma coisa, mas deixar o vaso num local úmido e escuro, nascerá um cogumelo. E, depois, se você comer o cogumelo, você verá estrelas.

Mas, se você estiver mesmo interessado em conhecer muita, mas muita poeira, tire os lençóis de sua cama, sacuda e bata num quarto escuro, e depois acenda uma lanterna dessas que dão fecho de luz. E lá estará você no meio da chuva de pó. Como o homenzinho na neve da bola de cristal que ficava sobre a lareira da casa de minha avó.

A ponte de Londres está desmoronando, eu estou praticamente em ruínas e o céu está desabando. Tudo por aí está caindo aos pedaços para tornar a nascer e voltar à dança e, de algum modo, o ciclo recomeçar.

Os cientistas já confirmaram, acima de qualquer suspeita, que nascemos de um parto cósmico. Somos a poeira das estrelas. E ali, atrás da escrivaninha, foi como se silenciosamente eu também tivesse iniciado a viagem de volta às origens. Entrado em recombinação com a poeira do Universo, para virar sabe-selá-o-quê.

Passei a encarar com redobrado respeito a cerimônia que se cumpre pelos cantinhos e frestas do chão de minha sala. Que poeira, que nada! O que guardo ali é precioso composto cósmico.

BOA PARTE DO TRABALHO de um pastor diz respeito à morte e aos mortos. Quartos de hospital, cultos, cemitérios. As coisas que conheço sobre esses temas fazem com que minha vida assuma feições muito peculiares. O que sei sobre tudo isso explica a razão pela qual não desperdiço tempo de vida cortando grama, lavando carros, varrendo jardins, fazendo camas, engraxando sapatos ou lavando pratos. Explica também por que não buzino nos sinais de trânsito quando o verde já apareceu há horas e o outro motorista nem liga. E também por que não mato aranhas.

Não temos nem tempo nem necessidade de fazer tais coisas. É ainda o que conheço sobre cemitérios que explica por que, às vezes, me enfio na Taverna do Búfalo.

A Taverna do Búfalo é a nossa América em versão “vira-lata”.

Fervidos e apertados na Búfalo, numa noite de sábado, os elementos fundamentais atingem o ponto de massa crítica lá pelas onze horas. O agente catalisador da reação é a banda favorita dos fregueses da casa, os *Dynamic Volcanic*. Oito magriços ligados nos embalos mais embalados dos anos 60, tocando *rock'n roll* com fervor suficiente para curar os coxos e mancos. O país “vira-lata” vai ao Búfalo para tomar cerveja, jogar sinuca e dançar. Principalmente para dançar. Para balançar os ossos, se encher de cerveja, suar e dançar. Nas noites de sábado, quando os *Dynamics Volcanic* tocam rock e a turma rola na pista, não se pensa em morte.

Uma noite dessas o Búfalo foi invadido por uma gangue de motoqueiros em concentrado esforço para parecer com os *Hell Angels*, e até que com resultado “pra lá” de satisfatório. Não acho que estivessem fantasiados de figurantes de filme, nem acho que fosse essencial de suas personalidades o fato de os cavalheiros ou

damas que os acompanhavam cheirarem mal, nem qualquer dessas coisas que se costuma pensar desse pessoal.

Com os motoqueiros vinha um índio – um homem velho, de tranças, jaqueta bordada de contas, calça do Exército e tênis. Era muito feio. Sei que, como sou razoavelmente hábil com as palavras, você talvez espere que eu faça uma descrição mais pormenorizada do rosto dele, para tornar a história mais realista. Mas não dá. O índio era, simplesmente, feio. Sentou-se e passou muito tempo às voltas com uma lata de cerveja. E só quando os *Volcanic* atacaram uma versão própria de *Failhouse Rock* em berros vulcânicos, ele se levantou. Aproximou-se de uma das damas de motocicleta e a convidou para dançar. Qualquer outra teria recusado; a escolhida, porém, estava animada. Deu de ombros e o acompanhou.

Ora, não vamos perder tempo com conversa fiada: aquele índio feio, malcheiroso, em estado de ruína, sabia *mesmo* dançar. Sabia *mexer-se*. Nada de violento ou agressivo. Simplesmente movimentava o corpo sem esforço, cheio de ritmo, cheio de *feeling*. A moça sua parceira girava solta, à vontade, girava e dançava e voltava aos braços dele e tornava a girar e, na dança, foi se transformando: foi ficando bonita, foi virando bailarina.

Aos poucos a pista esvaziou-se, deixando espaço livre para os dois. A banda tocou mais baixo, mas a bateria manteve o ritmo. A turma berrou para que a banda não parasse, e a banda continuou tocando. E o índio continuou dançando. Até que a bailarina virou os olhos em suas órbitas, gritou e desmaiou no colo de um dos motoqueiros.

O índio então continuou sozinho. A turma batia palmas, marcando o ritmo. O índio “tirou para dançar” uma cadeira. A turma

foi à loucura. A banda, exausta, parou de tocar. A turma ululou de fúria. O índio levantou as mãos pedindo silêncio, como se fosse fazer um discurso. Olhando para a banda, depois para a turma, disse:

– E então? O que estão esperando? Vamos *dançar!*

Foi uma dupla explosão, da banda e da turma. O pessoal dançava por cima das mesas, no fundo do salão e até atrás do balcão do bar. Havia gente dançando nos banheiros e até em volta das mesas da calçada. Dançavam em nome deles mesmos, em nome dos índios, em nome de Deus. Dançavam “na cara” dos quartos de hospital, das câmaras funerárias, das missas de sétimo dia, dos cemitérios. E, enquanto dançavam, ninguém morreu.

E disse o índio:

– E então? O que estão esperando? Vamos *dançar!*



CABO PARA RECARREGAR BATERIA. Você tem aí um cabo para recarregar bateria, amigo?

– Ora, claro que tenho cabo para recarregar bateria.

Era um jovem professor de inglês e sua doce esposa, nascidos em Nampa, Idaho (como descobri mais tarde), viajando num carrinho importado. Com certeza acendeu os faróis de neblina pela manhã, esqueceu de desligá-los e lá estava, como morto, sem bateria. Precisa de cabo para recarregar sua bateria. Precisa de uma segunda bateria. Precisa de um Bom Samaritano. Precisa de uma mão amiga, de alguém com ar de quem sabe perfeitamente o que fazer com um cabo para recarregar bateria. E sua fada madrinha o entrega *justamente* nas minhas mãos.

Existe o consenso, amplamente difundido, de que *homem* entende de cabo para carregar bateria. Talvez porque esse conhecimento seja parte da herança genética, certo? Mas, ora essa, pode ter ocorrido uma mutação em alguns casos, e pode acontecer de que nasça um homem para o qual tudo o que se esconde sob o capô de um carro seja puro grego. Não entendo nada. E não se fala mais no assunto.

Além do mais, o moço só queria saber se eu estava com o meu cabo para carregar bateria. Não perguntou se eu *sabia* o que fazer com ele. Pelo tom da pergunta, aliás, me dava a impressão de ser mecânico profissional. Pois, se o carro tinha chapa de Idaho e ele estava de botas de caubói e com um boné de beisebol! Gente assim já nasce sabendo o que fazer com o cabo para recarregar bateria, não é mesmo? Provavelmente imaginou que um velhinho como eu, de longas barbas brancas e sapatos “de cidade” bem gastos, e dirigindo um velhíssimo Fusca, tinha grande experiência prática com baterias arriadas.

É nesse estado de espírito que vou até o porta-malas e pego meu cabo para recarregar bateria. Eu ao lado do professor de inglês, me fazendo de “quando-eu-for-um-homem”, muito pimpão, com ar de “num-minuto-esse-motor-vai-estar-zunindo”, falando só de carros, de motores, baterias, velas, essas coisas. Abrimos o capô do carro dele e... nada de bateria.

– Puxa vida! – digo eu. – É por isso que seu carro não quer pegar...  
*Roubaram a bateria!*

– Puxa vida! – ele concorda.

– O lugar da bateria é embaixo do banco de trás – diz a doce esposa.

– Ah!

Assim, tiramos toda a bagagem de cima do banco de trás e arrancamos o assento e o deixamos cair no chão e, claro, encontramos a bateria. Devia ser uma bateria, pois é a única coisa que existe embaixo do banco de trás. E ela ali, só pedindo um cabo para recarregar.

Comecei a ficar mais preocupado, porém, quando o professor deu um sorriso amarelo para a doce esposa e me disse, baixinho, que no ginásio as aulas de educação sexual e de mecânica de automóveis eram dadas pelo mesmo professor e que, talvez

por isso, as “coisas” sempre se confundiam em sua cabeça; assim, ele ficava todo atrapalhado quando o problema era descobrir onde estavam as peças e o que era preciso para fazê-las funcionar. Ele riu, eu ri, mas a doce esposa continuou séria. Limitouse a tirar do porta-luvas o Manual do Proprietário e aplicou-lhe uma folheada geral.

Nossos conhecimentos mecânicos, já somados, diziam que pólo positivo e pólo negativo “tinham a ver”; que pelo menos um dos carros devia ficar com o motor ligado, mas se ficassem os dois ligados também daria certo; que baterias de seis ou doze volts, de qualquer número de volts, às vezes funcionavam, às vezes arriavam.

Imaginei que ele soubesse o que estava fazendo e, digamos assim, resolvi deixá-lo agir. Ele fez o mesmo. E foi desse modo que prendemos ponta de cabo para carregar bateria em pino de bateria, demos a partida no carro dele e no meu ao mesmo tempo e produzimos aquela espécie de arco voltáico entre os automóveis, o que fritou o sistema de ignição *dele* e soldou para sempre o cabo para recarregar bateria a *minha* bateria e fez voar o boné de beisebol *dele*. *Ziich!* Um som parecido com o zunido daquelas máquinas de eletrocutar moscas que se vêem nos bares, eletrocutando a maior mosca do mundo. E mais uma deslumbrante luz azulada e um pouco de fumaça. Até que é bonita a eletricidade.

Nós nos sentamos no banco de trás – o qual, aliás, continuava no chão do estacionamento –, apavorados com o que havíamos feito. É a doce esposa juntou-se a nós, trazendo o Manual do Proprietário, na esperança de encontrar uma idéia semi-aproveitável. Conversamos, mantendo a máxima dignidade possível ante as circunstâncias:

– Ignorância, poder, eletricidade e orgulho fazem uma mistura perigosa... – suspirou ele.

– Ah, sim – concordei –, como fósforo em mão de criança. Carro em mão de adolescente. Fé em coração de santo ou de fanático. Arsenal nuclear em mão de astro de cinema. Cabo para recarregar bateria em mão de idiota... (Tentávamos encon

trar alguma mensagem séria, elevada, cósmica, já que meditávamos sobre o poder. Veja só... depois daquela humilhação!) Tempos mais tarde recebi pelo correio um pacote de Nampa, Idaho, enviado pela doce esposa do professor. Um gesto de misericórdia, perdão e advertência para não tornar a pecar. No pacote, um conjunto de cabos para recarregar bateria à prova de choque, de nó e de idiotas. Completo, com Manual do Proprietário e tudo, contando o que você sempre quis saber e muito mais, em edição bilingüe inglês e espanhol. Meu novo cabo para recarregar bateria dispõe de um acessório que indica – depois de você ter ligado e prendido tudo o que há para ligar e prender – se você fez certo ou não, antes ainda do “leite derramado”. Dá-lhe tempo para *pensar* e resolver se está mesmo interessado em derramar o leite.

Todos nós deveríamos empregar esse acessório do meu cabo para recarregar bateria, sempre que nos ligássemos ao poder. É reconfortante descobrir que tem havido progressos no campo da prevenção da ignorância e do orgulho.

Cabos para recarregar bateria? Você está precisando de um? Posso conectá-lo diretamente com uma usina hidrelétrica, amigo! Posso fazer-lhe uma ligação direta com Deus TodoPoderoso... Ou com qualquer dos tantos poderes que existem. Amém!

QUATRO DE JUNHO DE 1783, há mais de duzentos anos, na praça do mercado da cidadezinha francesa de Annonay, não muito distante de Paris. Sobre uma plataforma alta, existia uma fogueira muito fumacenta, alimentada com palha úmida e trapos de lã. Suspensa acima da fogueira, presa por cordas que já estavam ficando tensas, uma enorme bexiga de tafetá – um *balou* – com dez metros de diâmetro.

Na presença de um “respeitável público” e outros prezados “concidadãos” e sob os mais entusiásticos aplausos, a *machine de l'aerostat* teve suas amarras cortadas e ergueu-se majestosamente aos céus. Subiu à altura de 1 800 metros e voltou à terra, numa plantação, vários quilômetros adiante do ponto de partida, onde foi atacada por camponeses armados de foices e dispostos a se defenderem, até o último homem, daquela “máquina do Diabo”.

Foi o primeiro voo público de um *balou*, o primeiro passo na história dos voos humanos.

Nosso velho Benjamin Franklin estava lá, como embaixador dos recém-criados Estados Americanos. Ben, aquele da chave, da pipa, do relâmpago, das lentes bifocais e da imprensa. Quando um dos presentes perguntou que utilidade poderia ter, algum dia, aquele *balou*, Franklin respondeu com uma frase que ficaria famosa: “*Eh, à quoi bon l'enfant qui vient de naitre?* E que utilidade tem um bebê que acaba de nascer? Homem curioso e de imaginação ativa, o próprio Franklin procurou responder à pergunta e registrou em seu diário: “Com esse *balou*, abrem-se para a humanidade as portas do céu”.

Os camponeses, por sua vez, e lá a seu modo, também acertaram. Com o tempo, o balão acabaria revelando sua face de “máquina do Diabo” e a cidade de Annonay seria arrasada por bombas caídas do céu. Mas estou indo depressa demais.

Poucos meses antes daquele 4 de junho, Joseph-Michel Montgolfier estava sentado num fim de tarde junto à lareira de sua casa, observando as fagulhas e a fumaça que subiam pela chaminé. Com a fumaça, voou também sua imaginação. Se a fumaça flutuava no ar, o que aconteceria se ele a capturasse e a prendesse num saco? Talvez o saco subisse, talvez até arrastasse para cima alguém, ou alguma coisa que estivesse amarrada a ele.

Montgolfier chegava à altura dos quarenta anos, era filho de um próspero fabricante de papel e crente fiel da grande religião que era a Ciência para os homens do século 18. Era um homem brilhante e impaciente, e tinha tempo livre. Assim, com a ajuda de Etienne, seu irmão mais jovem e mais metódico, além dos recursos que obteve junto à fábrica do pai, Montgolfier pôs mãos à obra. Tentou com sacos de papel, depois com sacos de seda e finalmente com sacos de tafetá revestidos de resina. E *voilà!* Em pouco tempo uma ovelha, um galo e um pato decolavam dos jardins de Versailles –, a bordo de um de seus balões – e eram resgatados com vida, o que provava que não havia gases venenosos no “espaço”, como tanto se temia naquela época.

Um dos mais entusiasmados fãs das pesquisas dos irmãos Montgolfier era um jovem químico, Jean-François Pilâtre de Rozier. Não que tivesse qualquer interesse na construção de balões; o que queria era viajar neles.

Os irmãos Montgolfier eram cientistas. Trabalhavam sobre o chão firme, sólido e confiável da Ciência. Pilâtre queria voar. Era jovem, sonhava com grandes aventuras.

Foi assim que, no outono, a 21 de novembro de 1783, Jean-François Pilâtre de Rozier... embarcou.

No jardim do palácio real de La Muette, no Bois de Boulogne, à 1h54 da tarde, num magnífico balão da altura de um prédio de

sete andares, decorado com os signos do zodíaco e levando o brasão do rei, lá se foi ele para cima, cada vez mais para cima; passou das copas das árvores, passou da torre da igreja e acabou descendo, quilômetros adiante do jardim do palácio, do outro lado do Sena.

Joseph-Michel e Etienne Montgolfier tiveram vida longa e pro-fícua e morreram na cama, firmemente presos ao chão. Dois anos após seu vôo histórico, quando tentava atravessar a bordo de um balão o Canal da Mancha no sentido França-Inglaterra, o jovem Jean-François Pilâtre de Rozier despencou em chamas do céu e morreu. Mas um de seus tataranetos viria a ser um dos primeiros pilotos de avião que a França conheceu.

Mas, então, qual é a moral dessa história?

É que estamos falando sobre a força (e o preço) da imaginação. “A imaginação é mais importante que a informação”, disse Einstein, e disso ele entendia.

Estamos falando também do quanto os homens de imaginação dependem uns dos outros. O primeiro estava no chão, o seguinte no balão, o outro já estava na Lua. É assim mesmo.

Muitos de nós só servimos para “apoio em terra” – amarramos as cordas, acendemos as fogueiras, sonhamos, ficamos de pescoço doendo de tanto olhar os balões subirem. Outros nascem com a vocação dos altos vôos, do risco, das grandes aventuras. E essa minha história está falando de todos nós.

Penso nessa história sempre que se aproxima o fim do ano e vejo as crianças sendo aprovadas para o “estágio seguinte” de tudo. Da escola, da universidade, do ninho. Que presente podemos oferecer-lhes nessas ocasiões? Imaginação, um abraço apertado e uma bênção.

“Chegue até aqui”, nós dizemos. “Venha ver daqui da beirada!”, chamamos. “Estamos com medo”, dizem eles. “Mas é lindo!”, “Venham ver daqui, cheguem mais à frente, usem a imaginação!” Eles criam coragem, aproximam-se e olham. E nós os empurramos para a frente. E eles saem voando. E nós ficamos no chão e morremos em nossa cama. E eles se vão para morrer sabe Deus onde, servindo de inspiração aos que vierem depois deles para correr seus próprios riscos. Eles voam.

Penso também nessa história porque estou chegando à exata metade de minha vida. Realmente espero ter vida longa e profícua, espero morrer são e salvo em minha cama, aqui no chão. O problema é que faço aniversário em 4 de junho, data em que se comemora aquele vôo na cidade de Annonay. E participei das festividades de seu bicentenário voando de balão a partir da cidadezinha de La Conner, no vale de Skagit.

Nunca é tarde para voar!



AGORA VOU FALAR DE Larry Walters, meu tipo inesquecível.

Walters é chofer de caminhão, tem 33 anos e lá estava, sentado numa espreguiçadeira no jardim de sua casa, desejando poder voar. Desde a mais tenra infância, o sonho dele era subir. Ser capaz de subir bem alto no céu e conseguir “ver longe”. Mas não teve tempo, dinheiro, escola ou chance de ser piloto de avião. Alpinismo era perigoso demais e, para piorar as coisas, não havia montanhas perto de onde morava.

Assim, ele passava muitas e muitas tardes de verão sentado no jardim de casa, em sua velha espreguiçadeira de estrutura de alumínio, igual a essas que você talvez tenha em seu jardim.

O próximo capítulo dessa história já foi fartamente discutido no rádio, na televisão e pelos jornais. Há fotos do velho Larry Walters suspenso no ar sobre Los Angeles. Até que enfim, voando! Subindo mesmo, de verdade. Sempre sentado em sua velha espreguiçadeira de jardim, embora a espreguiçadeira viaje firmemente amarrada a 45 balões meteorológicos cheios de gás hélio. Larry leva um pára-quedas, um rádio de pilha, meia dúzia de latas de cerveja, sanduíches com geléia e um estilete para ir furando os balões à medida que quiser vir descendo. E não satisfeito em subir apenas alguns metros ali mesmo pelo bairro, deu-lhe na cabeça subir mais de 3 mil metros, e justamente no espaço aéreo conhecido pelos entendidos como “corredor de aproximação” do Aeroporto Internacional de Los Angeles.

Walters é homem de poucas palavras. Questionado pela imprensa sobre os motivos de seu tresloucado gesto, respondeu: – Não dava mais para ficar lá sentado.

Ao ser perguntado sobre o medo, respondeu: – Foi um medo mara-vi-lho-so.

Quiseram saber se tinha planos de voltar a voar. E ele: – Nem morto.

E estava satisfeito por ter feito o que fez?

– Ah! Muito! – comentou com um amplo sorriso para as câmeras.

A humanidade continua sentada em sua espreguiçadeira. Por um lado, porque talvez sinta que não há mais o que se possa fazer. E os Larry Walters da Terra, por outro lado, amarrando balões de gás hélio em espreguiçadeiras de jardim, guiados pelo sonho, tentando fazer “alguma coisa”.

A humanidade sempre na espreguiçadeira, talvez porque sinta que acabou a esperança. E os Larry Walters da Terra, em pleno “espaço sideral”, a garantir: “O impossível não existe! Eu estou voando!”

Aqui, o que conta é a idéia. A história aconteceu há muito tempo, a aeronave era esquisita e pouco adequada. Mas, se o sonho é defendido com unhas e dentes e usamos a imaginação em relação ao que temos bem ao nosso alcance, tudo volta a ser possível.

Sim, claro, há um cínico na multidão que insiste em dizer que “homem não voa”, que “quem voa é passarinho”. Tem toda razão. Mas sei muito bem que, em alguma pequena garagem do país, existe um doido de olhos brilhantes que se fortalece à base de muita vitamina e sais minerais, e já tem conseguido razoáveis marcas no saudável esporte de bater as asas.

DA PRIMEIRA VEZ, ACONTECEU NO APARTAMENTO DE TIA VIOLET, em Washington, no verão em que completei treze anos. Eu havia chegado de trem, direto de Waco, Texas. Uma viagem longa, para conhecer a capital. Tia Violet era uma arrivista “de primeira”, uma adorável esnobe, metida a gourmet. Tinha pretensões a entender de comida, e achava que minha mãe era rigorosa demais comigo. Isso bastou para que nosso primeiro encontro fosse um sucesso total. Nós dois nos entendemos bem à primeira vista. E tudo correu às mil maravilhas, até que chegou a noite do Grande Jantar.

A lista de convidados incluía um senador, dois generais e uma multidão variada de estrangeiros com suas variadas esposas. Um “tremendo” jantar, na verdade, para um menino de Waco, o qual naquela noite se apresentou cuidadosamente embalado por tia Violet num terno de listrinhas com gravata borboleta. Três *chic*?! Uma glória!

Mas começou antes.

Como perguntei se podia ajudar em alguma coisa, me entregaram um saco de papel cheio de sei-lá-o-quê, com instruções para que lavasse o conteúdo e o cortasse em fatias foras, como se fosse “para salada”. No saco, constatei em seguida, havia cogumelos. Umas coisinhas murchas, pálidas, com cara doentia.

Ora, eu conhecia cogumelos e sabia onde nasciam: nos santinhos úmidos do celeiro, embaixo do poleiro das galinhas, lá em Waco. Uma vez, até nasceu um cogumelo dentro de um de meus sapatos de tênis que deixei fechado dentro do armário da quadra de esportes durante um verão inteiro. E de fungos eu também entendia, porque andavam comigo, entre meu dedão e o segundo dedo do pé, quando teimava em usar o mesmo sapato durante o ano inteiro sem faltar um dia. Mas jamais me passara pela cabeça

“cortar em fatias” um cogumelo, ou lavá-lo, e menos ainda pegá-lo com a mão e comer. (Bem que meu pai me avisara que Washington era uma cidade estranha e perigosa!) Daí que, calmamente, larguei o tal saco de papel na lata do lixo, certo de que a tal história de comer cogumelo não passava de brincadeira com o “jeca” do interior.

Testemunhando mais tarde a reação de minha velha tia Violet, quando deu com os cogumelos no lixo, fiquei a pensar que aqueles cogumelos deviam ser mais que simples cogumelos. E devem ter sido a causa de minha exclusão do testamento dela, quando morreu, anos mais tarde. Eu definitivamente não tinha classe. E confesso que até hoje desconfio muito de gente que come cogumelos. Desconfio de cogumelos em geral.

Verdade que, com o tempo, fui adquirindo um verniz de sofisticação fingida e aprendi a comer o que me servem quando vou jantar em casa dos outros, sem comentários, espanto ou horror. Mas continuo desconfiado de cogumelos e de gente que os consome. Pelo menos um pouco.

E há várias outras coisas que também não consigo entender bem. Umhas grandes, outras pequenas. Cheguei a fazer uma lista e ela tem crescido muito à medida que vou envelhecendo: Por que os carrinhos de supermercado sempre têm uma roda que insiste em puxar para um lado, quando as outras três querem ir para o outro?

Por que tanta gente fecha os olhos para escovar os dentes? Por que as pessoas acreditam firmemente que ficar apertando sem parar o botão do elevador faz com que ele chegue mais depressa?

Por que não se escreve logo “ordêvre” em vez de *hors-d’oeuvre*, e fim de papo?

Por que as pessoas põem uma carta na caixa de correspondência e depois espiam ali dentro para ver se está lá?

Por que existem zebras?

Por que as pessoas guardam o saquinho de leite na geladeira, mesmo quando só resta meio centímetro de leite no fundo? Por que todas as árvores têm sempre uma folha que teima em não cair com as outras?

Será que aquele comercial de perfume para cachorro é sinal de alguma outra coisa?

Ah, sei que não são questões de segredo industrial. As coisas realmente graves que eu não consigo entender estão no começo da lista, e isso acontece há muito, muito tempo. Coisas como eletricidade, como o segredo de fazer um ninho de passarinho, e onde fica o fim do arco-íris. E ainda antes destas, mais para o começo da lista, estão as que realmente são sérias. Coisas como por que as pessoas riem, para que serve a arte e o que é que Deus está fazendo que não dá um jeito no mundo. Mas bem lá no topo da lista está a mais séria de todas: por que existe a vida, ora essa, e como é possível que algum dia eu venha a morrer?

O que nos traz de volta ao tema dos cogumelos. Havia cogumelos no jantar de Ano-novo e o assunto voltou à baila. Foi quando resolvi apanhar a enciclopédia e informar-me melhor.

Os cogumelos são fungos, uma espécie de parasita caracterizados pela ausência total de clorofila. Constituem o próprio submundo dos seres vivos – com participação ativa em morte, doença, decadência, putrefação. São seres que abrem seu próprio caminho no mundo alimentando-se de matéria decomposta. Leveduras, germes, pragas das plantas, bolor, cogumelos, provavelmente 100 mil diferentes espécies ou muito mais. Ninguém sabe ao certo.

Estão por toda parte. No chão, no ar, nos lagos, mares e rios, na chuva, dentro de mim, dentro de você também e dentro de todo o mundo – fazendo seu trabalho.

Sem os fungos, não haveria fermento de pão e nem vinho, nem Sua Senhoria, caro leitor. Pão, vinho, queijo, cerveja, boa companhia, carnes raras, bons charutos – tudo cheio de mofo. Os fungos, diz a enciclopédia, “são responsáveis pela desintegração da matéria orgânica e pela liberação, no solo ou na atmosfera, do carbono, oxigênio, nitrogênio e fósforo os quais, sem os fungos, estariam fechados para sempre nos corpos de plantas mortas, bichos e gente em geral”. Os fungos equivalem a parteiras entre não-vida e vida, vida e morte, e assim eternamente.

Há uma verdade terrível e maravilhosa em toda essa história. Ou seja: para que alguma coisa viva, é preciso que outra se afaste para lhe abrir caminho. Não há vida sem morte. E não há exceções. Tudo passa. As coisas vêm e vão. Gente. Anos. Idéias. Tudo. Gira a roda do mundo e o velho abre caminho para o novo servindo-lhe de pasto e de ninho.

Naquele jantar de Ano-novo, servi-me de cogumelos e os mastiguei com o mais profundo respeito, embora sem entusiasmo. Pensando em tudo quanto vai e em tudo quanto vem. Silenciosamente deslumbrado pelas verdades que entendo, mas não sei contar. Descido das alturas num raio de Graça Divina, na qual sei ler, mas sobre a qual não sei falar.

UMA DAS MAIS DESTACADAS figuras da história política da Índia foi V. P. Menon, que viveu durante o período em que esse país lutou por sua independência da Inglaterra, depois da Segunda Guerra Mundial. Ocupava o mais alto posto na hierarquia do Vice-Reinado e foi com ele que Lord Mountbatten falou quando se tornou necessário definir os últimos detalhes do plano para a autonomia indiana. Diferente da maioria dos líderes do movimento de independência, Menon foi uma raridade, um *self-made man*. Não tinha diploma de Oxford ou de Cambridge e lhe decorar as paredes nem casta ou família que servissem de amparo as suas ambições.

Era o mais velho de doze irmãos e abandonou a escola aos treze anos, quando começou a trabalhar como minerador, operário, comerciante e professor. Conseguiu um emprego de contínuo numa das repartições públicas do país e teve uma ascensão meteórica, devida em boa parte à sua integridade pessoal e habilidade para fazer contatos, tanto entre os funcionários britânicos quanto entre os indianos. Nehru e Mountbatten mencionaram seu nome, com grande respeito, como um dos homens que tornaram possível, em termos práticos, a independência da Índia.

Duas de suas características pessoais têm sido mais constantemente referidas: a eficiência, marcada sempre por uma espécie de distanciamento ou desprendimento, e a reputação de homem caridoso.

Depois da morte de Menon, sua filha contou a história de como o pai conquistou essa reputação.

Quando Menon chegou a Nova Delhi, procurando um emprego no governo, foi assaltado na estação de trem e teve roubados os documentos, o dinheiro e muitos de seus bens. Sabia que, a menos que alguém o ajudasse, teria de voltar a pé para casa,

derrotado. Desesperado, procurou um velho sique, explicou o que se passava e pediu que lhe emprestasse 15 rúpias por algum tempo, até que conseguisse um emprego. O sique emprestou-lhe o dinheiro. Quando Menon lhe perguntou onde morava para poder encontrá-lo e pagar a dívida, o homem respondeu que o dinheiro deveria ser pago a qualquer desconhecido que, algum dia, até o fim de sua vida, se aproximasse dele pedindo ajuda. Menon havia sido ajudado por um desconhecido e ficava na obrigação de pagar o favor também a um desconhecido.

Menon jamais esqueceu que tinha uma dívida a pagar. Uma dívida em confiança e uma dívida em dinheiro. Sua filha contou que, na véspera de sua morte, um mendigo aproximou-se da casa onde morava a família, em Bangalore, pedindo dinheiro para comprar sandálias, pois os pés dele estavam cobertos de chagas. Menon pediu à filha que apanhasse sua carteira, tirasse 15 rúpias e as desse ao mendigo. Foi seu último gesto consciente.

Esta história me foi contada por um homem cujo nome desconheço. Estava parado a minha frente no aeroporto de Bombaim, junto ao guarda-malas. Eu havia ido retirar minha bagagem, mas estava sem dinheiro indiano. O encarregado não que ria aceitar cheques de viagem e eu já começava a me conformar com ou perder a bagagem ou perder o avião. O desconhecido pagou os centavos que o encarregado exigia, e contou-me a história de Menon para explicar por que eu não precisava me preocupar em devolver-lhe o que me emprestara.

Seu pai havia trabalhado com Menon, aprendera com ele a fazer caridade, e o que aprendeu cuidou de transmitir ao filho. Este se mantinha fiel à tradição de continuar pagando uma eterna dívida que alguém, antes dele, contraíra junto a um desconhecido.



Começava com um velho sique, passava para um funcionário público indiano, dele ao seu secretário, do secretário ao seu filho e deste chegava até mim, um desconhecido ocidental, surpreendido num momento de frustração e aflição. De minha parte, recebi um pouco menos de dinheiro que Menon e nem me encontrava em situação tão desesperadora quanto a dele, mas o espírito da caridade que recebi não tem preço e me deixa também a mim em dívida, em abençoada dívida.

Várias vezes, quando penso na história do Bom Samaritano, tento descobrir como aquilo poderia ter evoluído. Que efeito teria tido, sobre o homem que ‘havia sido espancado e roubado, a caridade que o Bom Samaritano lhe fez? Teria guardado na memória, em lugar do gesto de caridade que recebeu, a lembrança do assalto, das bordoadas, para construir sua vida sobre essa recordação? Ou a imensa generosidade daquele samaritano teria sido suficiente para levá-lo a modelar sua vida pela dele? Que espécie de compromisso teria passado adiante, em relação a todos os anônimos e carentes e espancados que veio a encontrar no seu caminho?

MELHOR COISA DESSE VERÃO foi uma semana em Weiser, Idaho.

Pode parecer difícil de acreditar. Porque se você alguma vez já estudou o mapa de Idaho, sabe que Weiser não existe. Mas se você toca rabeça, sabe que Weiser, Idaho, é o centro do universo. Na última semana de junho, é em Weiser que se realiza o Grande concurso Nacional dos Velhos Tocadores de Rabeça. E eu, como já tive meus dias de rabequeiro, lá me fui.

Em tempos normais, a cidade tem 4 mil moradores. Mas, quando é época do Concurso, outros 5 mil aparecem das moitas, do mato e de trás das árvores. As lojas da cidade não fecham, há rabeças tocando pelas ruas, dança-se em plena prefeitura, come-se filé de frango frito na Pensão Elks e o acampamento é grátis no pavilhão dos rodeios.

Surge gente de todas as partes, rabequeiros de Pottsboro, Texas; de Sepulpa, Oklahoma; de Thief River Falls, Minnesota; de Caldwell, Kansas; de Three Forks, Montana; e de qualquer outra encruzilhada de fim de mundo que você lembrar. Vem gente até do Japão!

Tradicionalmente, o festival era exclusividade de “gente do interior”, gente direita, de cabelo cortado, missa aos domingos, lugar-de-mulher-é-em-casa, essas coisas. De repente, começaram a aparecer uns tipos cabeludos, sujos, barbudos. E foi um problema. Porque não tinha “gente direita” que tocasse rabeça como os cabeludos. E aquele pessoal, entendia mesmo de rabeça!

Assim, a prefeitura ofereceu o ginásio da cidade e o bairro inteiro do ginásio aos cabeludos para que se instalassem por lá. Para garantir que o julgamento do concurso continuaria a ser honesto como fora até então, decidiram que os juízes dariam seu parecer de dentro de uma espécie de baia fechada, de onde nada viam e

apenas ouviam rabeca. E nada de saber o nome do rabequeiro, ou a cara dele, ou se tinha cabelo comprido. Só a rabeca. Nas palavras do prefeito: “Tô pocu ligandu se u desgraçadu vai pru parcu peladu, ou si toca rabeca cum ossu nu nariz. Se u desgraçadu toca rabeca, valeu. O qui interessa é a música que fazemos”.

E assim lá estava eu, em plena noite enluarada de Weiser, Idaho, com mil pessoas à minha volta, todos dançando e conversando e tocando rabeca – uns carecas, outros com cabelos até o joelho, uns puxando um “fuminho”, outros com uma garrafa casco-escuro de cerveja, uns de jaqueta bordada, outros de camisa xadrez, uns de 18, outros de 80, umas de espartilho, outras sem sutiã, e a música subindo como incenso rumo à escuridão da noite, em honra a quantos deuses de paz e boa vontade possam existir por aí.

Eu estava lá, e um dos policiais fazia a ronda – um desses policiais tementes a Deus e honestos de Weiser, Idaho – dedilhando um banjo (jurol!). Ele comentou:

– Há momentos em que o mundo parece um ótimo lugar, não é?

Ah, sim, e ainda outra vez: sim, sim! Parece, sim. Fique na sua, meu irmão, deixe a música rolar...

EXISTE UM ZOOLÓGICO e um parque onde vivem os animais em San Diego. Há quem diga que são os mais bonitos do mundo. Como sou apaixonado por zoológicos, há pouco tempo passei um dia inteiro lá. Zoológicos são excelente distração para adultos – servem para que os adultos tirem a realidade da cabeça, pelo menos por algumas horas.

Por exemplo, você alguma vez olhou bem de perto para uma girafa? A girafa não pode ser real! Se existe paraíso e se algum dia eu chegar até lá (duas possibilidades nas quais jamais apostaria mais que 1/5 das minhas fichas), a primeira coisa que vou pedir que me expliquem é “uma girafa”.

Ao meu lado, no zoológico, uma garotinha fez suas as minhas palavras, perguntando à mãe:

– Para que serve isso?

A mãe nem fazia idéia. E a girafa? Saberá ela para que serve? E será que o assunto lhe tira o sono? E será, ainda, que pensa sobre o seu peculiar lugar na ordem geral das coisas?

A girafa tem uma língua de 81 centímetros de comprimento e não possui cordas vocais. Talvez porque não tenha muito a dizer. Cabe-lhe apenas e simplesmente girafar e ir levando.

Depois da girafa visitei um canguru e um orangotango. Puras irrealidades. O orangotango era a cara do meu tio Woody, que também não prima pela realidade. Devia morar no zoológico, como diz minha tia. Isso, de repente, me fez imaginar o que aconteceria se determinados espécimes da humanidade fossem também instalados nos zoológicos.

Estava pensando nisso enquanto observava os leões. Um único leão e suas seis esposas leas... Até que a vida no zoológico não é assim tão má. As leas são tão prolíficas que o zoológico precisou

providenciar-lhes DIU; um dispositivo intra-uterino em cada leoa! Daí que a vida do leão passou a ser uma sucessão de dias comendo, dormindo, caçando moscas e fazendo sexo sem se preocupar com as conseqüências. O zoológico lhe dá casa, comida, assistência médica, aposentadoria e ajuda de custo para o funeral. Belo negócio!

Nós, humanos, vivemos nos gabando porque somos os únicos animais que *pensam* em toda a Criação; livre-arbítrio, pensamento crítico, os únicos capazes de produzir frases como “não vale a pena viver sem questionar a própria vida”. Mas eu penso no arranjo que as girafas, os leões, os morcegos, etc. e tal conseguiram com seu senhorio, e fico pensando que a tal de “vida-sem-medir-conseqüências” até que não parece tão mau negócio.

Se o zoológico algum dia demonstrar qualquer interesse em minha contratação, acho que aceitarei, pelo menos para experimentar. Não resta a mínima dúvida de que sou um dos poucos remanescentes de uma espécie em extinção. E só eu sei o que me custa a obrigação de “refletir sobre a vida” a toda hora, por qualquer bobagem.

Você já imaginou? Você e as suas crianças passeando diante de uma ampla, agradável e confortável jaula, o chão forrado de

tocos de charutos velhos e de cinza de charuto, garrafas de conhaque, restos de churrasco. Dão de cara, de repente, com o velho Fulghum, deitado, com uma pilha de seis deslumbrantes donzelas a sua disposição, andando pra lá e pra cá? O seu filho olha para mim e diz:

– Para que serve isso?

E eu, espreguiçando-me, morto de preguiça, querendo dormir, respondo:

– Eu nem ligo...

Como já disse, aliás, zoológicos são ótimos para nos fazer sonhar.

O leão, a girafa, o canguru e o resto da turma fazem o que fazem e são o que são. E dão um jeito de fazê-lo e sê-lo dentro daquela jaula, vivendo sem medir as conseqüências de seus atos.

Nós, humanos, também. Só que somos humanos e ser humano significa saber, interessar-se e perguntar. Passar a vida raspando as barras da jaula da existência, perguntando sem parar: “Para que serve isso?” às pedras, às estrelas, construindo castelos no ar, prisões e palácios de sonho, do lado de fora da jaula. É assim que somos e é assim que fazemos. E é por isso que o zoológico é um ótimo lugar para passear, mas eu não gostaria de morar lá.

AGORA, O CHAMADO “Mistério da 25. Avenida, Nordeste”, que chegou a ter implicações semicósmicas. É sobre o fato de que, certa vez, morei no fundo de um beco sem saída de dois quarteirões de comprimento, no meio de um morro.

Em primeiro lugar, não era um lugar que valesse a pena visitar. Quero dizer, na verdade, não era um lugar que atraísse o olhar alheio. Era estreito, todo torto. No caminho, ficava o furgão de Ed Weathers, a carreta-dormitório marca GM, de duas toneladas, do irmão dele e o velho *trailer* Airstream dos Dillse, que complicavam ainda mais a descida. Mas, mesmo assim, lá de cima via-se o beco inteiro, desde a rua 95 até o fim.

Bem na esquina, na rua 95, ficavam duas placas, uma de cada lado da rua, enormes, amarelas. As duas diziam a mesma coisa: RUA SEM SAÍDA. E aqui embaixo, na nossa ponta da rua, outra placa, branco e preto, com listras, refletores e tudo. Dizia FIM DO BECO. Uma placa que se podia ler a quilômetros de distância.

Bem, com *tudo* isso, havia gente que lá se vinha, ladeira abaixo. Não vinham até a metade do caminho. Não vinham só até onde os chamava alguma necessidade urgente. Não. Vinham vindo, vindo, e só paravam na frente da placa, a preta, enorme, com listras, aquela que dizia FIM DO BECO. E lá paravam, para ler e reler, duas, três, quatro vezes. Como se fossem estrangeiros com dificuldade de tradução. Faziam a volta por trás da placa para ver se não havia uma trilha oculta por ali. Havia até quem parava, sentava-se diante da placa e ali ficava, dois, três minutos, tentando reorganizar as idéias. Depois, então, davam ré e faziam meia-volta, passando o mais junto à placa que podiam. A ré e as demais manobras eram feitas sempre entre o nosso jardim e o canteiro de margaridas da sra. Paulski e um pé de amoreira que existia na

calçada. E não pense que depois de haver feito meia-volta, eles partiam lentamente, dirigindo com o cuidado de quem acabasse de aprender uma lição. Não. Engrenavam uma primeira e partiam em desabalada carreira, como o Diabo fugindo da Cruz. E todos faziam sempre a mesma coisa, fosse quem fosse, em noite escura ou em plena luz do dia. Duas vezes aconteceu com carros de polícia e uma com o caminhão dos bombeiros.

Ceticismo inato ou inata estupidez? Confesso que não sei. Diz um psiquiatra meu amigo que são casos extremos de uma inconsciente necessidade de negar a realidade. Que todos nós *queremos* que os caminhos sigam sempre adiante e não podemos admitir que, às vezes, eles acabem. É por isso que todos seguimos sempre em frente, mesmo sabendo ler e conhecendo os sinais de trânsito. E nem adianta tentar acreditar que com você as coisas são diferentes. Não são.

Comecei a pensar. E se eu mandasse imprimir cópias da informação que meu amigo psiquiatra me oferecera? Penduraria na placa do fundo do beco uma caixinha cheia de folhas coloridas com a informação e uma nota dizendo: *Maiores detalhes sobre o que você veio fazer aqui, inteiramente grátis, à rua Tal, número tal?* Alguém pararia para ler? Faria alguma diferença? Dariam ré e fariam a volta com mais cuidado, pensando no meu jardim e no canteiro de margaridas e na amoreira? Seriam capazes de ir embora com calma, devagar?

Outra possibilidade seria acrescentar uma segunda placa lá em cima, na esquina da rua 95: *NO FIM DA LADEIRA À ESQUERDA, VOCÊ ENCONTRA O SENTIDO ÚLTIMO DA VIDA.* Que aconteceria? Acabaria “virando” o guru do beco ou o idiota do beco? Mas logo nós mudamos de lá, e fiquei sem saber.



CERTA VEZ UM HOMEM CHEIO DE PROBLEMAS foi visitar seu rabino. Um rabino sábio, um bom e velho rabino, como todos os rabinos fazem o possível para ser.

– Rabino – disse o homem torcendo as mãos – eu sou um fracasso. Não consigo acertar nem metade das coisas que preciso fazer.

– Oh! – murmurou o rabino.

– Por favor, rabino, diga alguma coisa sábia – o homem implorou.

Depois de muito pensar, o rabino pronunciou as seguintes palavras:

– Ah, meu filho, ouça o que lhe digo... Na página 930 do Almanaque do Ano do *New York Times*, de 1970, está o segredo que você procura. O segredo de sua paz de espírito.

– Oh! – fez o homem, e partiu à procura do Almanaque. Pois veja o que encontrou: uma tabela com a média de rebatidas por partida dos mais famosos rebatedores de beisebol de todos os tempos. Ty Cobb, o Grande, o maior rebatedor do planeta, conseguiu em toda a sua vida uma modesta média de 0,367 por jogo. O próprio Babe Ruth não alcançou esse número.

O homem cheio de problemas voltou a ter com o rabino e lhe perguntou, intrigado:

– Ty Cobb, 0,367. O que é isso?

– Certo – respondeu o rabino. – Ty Cobb, 0,367... Ele conseguia uma rebatida em cada três tentativas. Seu aproveitamento não chegava nem a 50 por cento. Do que é que você está reclamando?

– Ah! – fez o homem que se sentia um fracasso porque não conseguia acertar nem metade das coisas que tinha de fazer. A Teologia é um assunto interessantíssimo!

ESTAVA PENSANDO... Você alguma vez já esteve na casa de alguém para um jantar ou uma festa qualquer e lá pelas tantas precisou ir ao banheiro? E, estando no banheiro, será que alguma vez você deu uma espiadinha no armário de remédios da família? Só para ter um termo de comparação, sabe como é. Você alguma vez aproveitou-se da privacidade do momento para fazer revista geral em banheiro desconhecido?

Pois eu tenho um amigo que vive fazendo isso. Diz que está levantando dados para uma tese de mestrado em Sociologia. O mesmo amigo me garante que toda a humanidade tem mania de revistar banheiro alheio, mesmo quem não está se preparando para defender tese de Sociologia.

É um assunto sobre o qual ninguém fala – porque todos têm medo de ser o único a sofrer do tal mal e ninguém gosta de parecer diferente, certo?

Meu amigo diz que, se você quer saber a verdade sobre alguém, é só dar uma espiada no banheiro de sua casa. Basta revistar gavetas e portinhas de armário de banheiro, aproveitando para examinar também os roupões, pijamas e camisolas pendurados atrás da porta.

Diz o meu amigo que, apenas com as informações de um simples banheiro, pode-se saber tudo sobre as esperanças, sonhos, tristezas, doenças, ressacas, e até sobre a vida sexual de quem o usa.

Ele costuma dizer que a maioria das pessoas é desajeitada e relaxada. Que os mais profundos mistérios da espécie humana estão ocultos nos escaninhos e gavetas dos banheiros: onde nos trancamos para defrontarmos com nós mesmos diante do espelho, para escovar, cortar, limar ou raspar nossas intimidades; onde tentamos disfarçar as marcas do tempo em nossos corpos e

rostos e deixá-los em forma para mais um dia; onde nos limpamos, para aliviar-nos dos excessos, para pintar e desodorizar nossas superfícies públicas; onde meditamos, lemos e consultamos nosso oráculo, na tentativa de nos tornarmos melhores do que somos.

Ele diz que está tudo no banheiro. Em vidrinhos, latinhas, tubos, potes, caixas e cartelas. Poções, óleos, unguentos, sprays, ferramentas de corte e polimento, e loções e perfumes e pomadas e sabonetes e pastas e pilulas e os mais estranhos equipamentos que se possa imaginar, elétricos e manuais. As maravilhas do progresso de cada época.

Meu amigo conta que às vezes se surpreende ao descobrir que quase todos os banheiros são iguais, o que lhe dá – preciosas informações sobre a unidade que reina entre todos os homens.

Não estou querendo dar início a alguma epidemia de “espia-banheiro-alheio”, mas me ocorreu que seria interessante dar uma olhada, pelo menos, no meu. E fiquei sem saber se ria ou chorava.

Faça como eu: vá até lá e dê uma conferida no seu banheiro. E, por favor, de hoje em diante faça pipi em casa antes de sair, quando vier jantar em minha casa: meu banheiro está interdito ao público.

APESAR DE TER JURADO QUE NÃO PORIA OS PÉS LÁ, acabei indo à reunião comemorativa dos trinta anos de formatura de minha turma de ginásio, lá no interior do Texas. Não via os “rapazes” desde a noite do baile de final de ano, mas uma primeira olhada bastou para confirmar minhas mais funestas previsões: carecas, grisalhos, enrugados, barrigudos, mãos e rostos cobertos de manchas escuras.

Velhos. “Como estamos *velhos*”, pensei, e como o tempo passou depressa. E daqui em diante, é cada vez pior. Só decadência, rugas, doenças e, finalmente, morte e esquecimento. Sentime exaurido. Um segundo depois já andava trôpego, costas encurvadas. Pensei em meu testamento e, mentalmente, comecei a imaginar o funeral dos meus sonhos.

A crise durou trinta longos segundos. Mas me recuperei depressa, lembrando-me de dois homens que havia conhecido pouco antes, no verão, em um bar de caminhoneiros em Burns, Oregon. O sr. Fred Easter, 68 anos, e seu bom amigo, o sr. Leroy Hill, de 62. Os dois estavam indo, de bicicleta, de Pismo Beach, Califórnia, para assistir ao rodeio em Calgary, Alberta, no Canadá. Estavam sentados num banco de praia, lendo o jornal do rodeio, quando um deles disse: “Vamos!” Os dois se levantaram e partiram. E lá estavam eles em Burns, com seus abrigos coloridos, montados em lindas bicicletas *hi-tech*. Quando perguntei ao sr. Easter qual o motivo de tudo aquilo, ele riu:

– Motivo? Ora, nenhum! Só viemos para “curtir”... Só por causa da curtição, irmão...

Quase seis mil quilômetros adiante, passando pelo Colorado e atravessando o Grand Canyon, esperavam estar em casa em outubro, a menos, é claro, que surgisse pelo caminho alguma

outra coisa interessante que os obrigasse a algum desvio. Afmal, de quem é a pressa?

Ao deixá-los, sentia-me jovem, cheio de energia, e já ia preparando uma lista de coisas que queria fazer e de lugares que gostaria de visitar. Coisas que ainda poderiam *ser* nos muitos anos que me restavam.

Me procurem no rodeio de Calgary em 2004. Você vai me reconhecer pela bicicleta *hi-tech* e pelo cartaz: PISMO BEACH OU MORTE!

UMA NOITE DE VERÃO. Na varanda da casa da fazenda de meu avô, à luz vacilante de um velho lampião, jogo uma partida de baralho com cinco otários de dez anos. Primos e amigos de primos. De meu ponto de vista, sou *o baby-sitter*. Do ponto de vista deles, sou “esse desgraçado que quer se fazer de sabido no jogo de cartas”.

Comemos pipoca com geléia de uva e “mandamos ver” no gargalo de uma garrafa de leite que, solenemente, vai passando de mão em mão. Todos de chapéu de caubói, mascando palitos no canto da boca. É a lei: chapéu de caubói e boca torta mascando palitos. É preciso fazer cara de macho para jogar baralho.

Estou numa mesa “da pesada”, mas como tenho experiência com otários como esses, já perdi uma verdadeira fortuna e meu porquinho está praticamente vazio. Ninguém pisca. Um deles tem uma carta escondida na manga e tenta passá-la por baixo da mesa. Mas quem pensa que sou? Como é que posso provar? Não posso etc. etc. e tal. Na verdade, o que me salvou da ruína absoluta nas mãos desses delinqüentes foram as mariposas.

Havia um enxame de mariposas à volta da luz do lampião. De vez em quando uma delas chocava-se contra a camisa do lampião e lá se ia, despencando das alturas, espatifar-se no chão, como avião de combate em filmes de guerra classe B. Até que uma mariposa perdeu o rumo e foi estatelar-se numa enorme teia de aranha. O aracnídeo foi tão rápido em enrolar, imobilizar, matar e comer a mariposa, chupando dela até o último alento de vida, que nosso jogo de baralho parou. Qualquer soldado de tropa de elite teria muito a aprender sobre estratégia de guerrilha com uma aranha daquelas, acrobata e com veneno no batom.

Todos vibraram. Estimulado pela cena de homicídio que acabávamos de presenciar, um dos “rapazes” deixou a mesa de jogo,

apanhou um jornal velho e deu início a um autêntico genocídio, dizimando as tropas de mariposas que insistiam em suas circunvoluções. Primeiro as derrubava a cortantes fatais golpes de jornal; depois as esmigalhava sobre a mesa, sem dó nem piedade, deixando o pano verde coalhado de cadáveres agitados, pedaços sanguinolentos de asas e patas estraçalhadas.

Já não bastava que a luz fizesse delas uma espécie de *kamikaze*, pilotos suicidas? Já não bastava a aranha transformá-las no prato-de-resistência do seu jantar? E agora os “meninos”, de jornal em punho?! Era demais! Parti em defesa das mariposas e perguntei:

– Por que estão matando as pobres criaturas? – Porque mariposa é *ruim* – disse um deles. – Qualquer idiota sabe – completou outro.

– Elas perdem as asas, entram em casa e atacam a roupa da gente!

Não havia como contra-argumentar: mariposa é ruim. *Bom* é borboleta. Ponto, parágrafo, conversa encerrada. Mariposas e borboletas são diferentes entre si. As mariposas se escondem na escuridão dos armários e destroem o suéter da gente, portanto são

feias. Borboletas polinizam as flores na primavera, portanto são boas. Além de lindas. Não se leva em consideração, é claro, que quem faz a seda é um tipo de mariposa ou que existem borboletas venenosas. Com uma firmeza e uma convicção que deixariam o teólogo e reformador francês Calvino orgulhoso, as mariposas já nascem condenadas, hoje, amanhã e sempre, amém! Nos lábios de uma criança se ouve muita verdade, mas também um monte de asneiras.

E foi assim que o jogo de baralho acabou. Levantei-me da mesa furioso, dizendo que jamais jogaria pôquer com um bando de assassinos; eles berraram, em resposta, que jamais jogariam cartas com um sujeito que “limpava” o vidro de geléia e comia todas as

pipocas quando ninguém observava. Fui para a cama pensando: se o futuro dependesse de maníacos como eles, estávamos bem-arranjados.

Na manhã seguinte, o mais novo dos meus ex-parceiros aproximou-se com uma enorme mariposa morta numa das mãos e uma lupa na outra.

– Olhe – disse ele –, esta mariposa parece um ursinho de asas e com penas na cabeça.

– E você gosta de ursinhos? – perguntei. – Gosto.

– E você gostaria de conhecer ursinhos de asas e com penas na cabeça?

– Acho... acho que ia gostar de ursinhos que voassem. Outra vez lá estava eu, de *baby-sitter*.

É preciso, pelo menos às vezes, praticar o que pregamos. E assim como é preciso ver uma mariposa com olhos livres de preconceitos, também é preciso pensar nas crianças com um pouco mais de generosidade. Há espécies de mariposas que tecem seda. E algumas crianças são disciplinadas e sensíveis.



TERÇA-FEIRA PASSADA Sam meu avô me acordou para perguntar se eu o levava a um jogo de futebol. Meu avô adorava jogos de futebol entre estudantes de cidades pequenas, mas gosta ainda mais de jogo de taco na calçada. Meu avô é fã de jogos amadores e de coisas em pequena escala.

Há gente que não consegue entender que coisas boas aconteçam a pessoas ruins e que coisas ruins possam acontecer a pessoas boas. Meu avô interessa-se por milagres, mas apenas pelos bem comuns, que acontecem com pessoas comuns.

Quando um timeco de fim de linha, numa cidade de fim de mundo, só com meia dúzia de jogadores magros entra em campo para enfrentar a turma do “outro bairro” – que aparece de uniforme novo e chega de carro último tipo – e os magros começam a pressionar, chutando com a alma no bico da chuteira e fazendo “um saco” de gols no inimigo e o goleiro magro ainda defende um pênalti no último momento, garantindo a vitória... aí sim é que meu avô se diverte e “lava a alma”.

Nem sempre prevalece a Lei de Murphy, diz meu avô Sam. Vez ou outra, é como se as leis gerais do universo fossem momentaneamente suspensas e não apenas tudo dá certo, como parece que não há força no mundo que as impeça de dar certo. Nem sempre é verdade, são acontecimentos tão dramáticos quanto um míssil de longo alcance atingir o alvo, ou o time da minha rua ganhar do pessoal do “outro bairro”.

Já lhe aconteceu de deixar cair um copo quando está lavando louça e o copo sair saltando, cinco, seis vezes, e parar, sem uma rachadura? Ou de esquecer os faróis do carro ligados durante o dia inteiro e na hora em que precisa do carro descobrir que estacionou numa ladeira, soltar o breque e o carro pegar logo no segundo tranco? Já lhe aconteceu de puxar aquela gaveta da

escrivaninha onde você guarda dez anos de cacarecos velhos, puxá-la com tanta força e com tanta pressa que ela salta para fora e, quando está a um milímetro de escapar dos trilhos, você consegue meter o joelho por baixo e mantê-la suspensa, conseguindo colocá-la outra vez para dentro da escrivaninha? Uma brecada num cruzamento? O copo de leite que baila sobre a mesa mas não derrama sequer uma gota? Aquele depósito no banco que você fez, mas esqueceu que fez e que salva sua vida e seu crédito quando, na segunda-feira, começam a chover cheques que você emitiu? Um enfarte que, você vai ver, não passava de um problema de gases? De quando – aquela única vez – você mudou de fila no engarrafamento e foi justamente a mudança da fila que não andava para a única que andou? De quando abriu a porta do carro usando um barbante enfiado pela janela, da primeira vez que perdeu a chave, e a porta abriu? E tantas e tantas vezes e tantos e tantos milagres.

É assim que os pequenos milagres acontecem, com gente como a gente, numa hora qualquer de vidas como as nossas. Quando não apenas uma tragédia não acontece, como também acontece uma coisa boa, quando uma coisa que com toda a certeza jamais encaixará, entra doce e suavemente nos eixos. A felicidade do que-podia-ter-acontecido-mas-não-aconteceu, e a alegria do dessavez-foi-por-pouco e o prazer de, pelo menos uma vez, você venceu-todas-as-estatísticas. A bênção de hoje-não-aconteceunada-de-especial, como fecho de ouro de um dia rigorosamente normal no qual a vida, simplesmente, deu certo.

Meu avô sempre diz que dá graças a Deus todos os dias de manhã quando sai da cama e percebe que, outra vez, almoçou e jantou, e outra vez escapou de ser almoçado ou jantado.

– E quando me deito – diz ele – é em plena paz dos amadores, sobre os quais chovem bênçãos. E dou graças a Deus por tudo que deu certo no dia. Amém!

EU E MINHA MULHER entramos na lista. E depois que você entra na lista de mala-direta, tanto faz se você entra numa ou em todas: a caixa de correspondência, especialmente no outono, fica transbordando. É um prazer inusitado sentar diante da lareira com toda a sua “correspondência”, depois do jantar, e fazer a digestão pensando em todas as coisas que você não tem, jamais teve e nem sabia que existiam. Estamos voltando aos velhos tempos em que o velho catálogo da Sears inflamava os velhos corações com velhas ofertas de incríveis velhos produtos que nos enchiam de velhos desejos.

Num desses serões defronte à lareira, minha mulher perguntou-me se havia alguma coisa que eu ainda não tivesse e que quisesse mesmo ter. Omiti boa parte do que me veio à cabeça e depois de haver discorrido longamente sobre experiências sexuais exóticas, comidas incríveis e ânsia desmedida por dinheiro, a discussão tomou um rumo realmente instrutivo:

Gostaria de ver o mundo através dos olhos de outra pessoa, pelo menos por um dia.

Gostaria de reviver aquela manhã do verão de 1984, exatamente como aconteceu.

Gostaria de falar dez línguas estrangeiras tão bem que fosse capaz de rir das piadas *deles*.

Gostaria de conversar com Sócrates e de ficar calado assistindo Michelangelo esculpir o *David*.

E por aí afora. Nossa conversa correu nesses termos e avançou noite adentro. E nada do que queríamos estava sendo oferecido nos catálogos que recebemos. Nossos desejos nasciam da saudade e da imaginação, embalados em pacotes só encontrados em sonhos.

Mais do que qualquer outro desejo, gostaria que meu avô ainda estivesse vivo. Meus dois avôs são verdadeiros mistérios para mim. O pai de meu pai foi morto num *saloon* no Texas, em 1919. No mesmo ano, o pai de minha mãe saiu de casa, certa manhã, para ir trabalhar e nunca mais voltou nem foi encontrado. Não sei o que aconteceu e quem sabe não conta. Na fábrica de contos de fadas da minha mente, imagino que, se tivesse tido pelo menos um avô, ele seria, certamente, um velhinho adorável. Uma parte filósofo, uma parte mágico, uma parte bruxo.

Nesta semana, pelo menos, ele viria acordar-me perguntando se eu sabia das notícias de que foi descoberto um novo sistema solar em torno de uma estrela duas vezes maior e dez vezes mais brilhante que nosso Sol, chamada Beta Pictoris. À volta desta estrela, junta-se um anel de partículas sólidas que tem quarenta bilhões de quilômetros de diâmetro. Algumas destas partículas talvez sejam planetas e tudo isto a aproximadamente cinquenta anos-luz da Terra. Um longo caminho a percorrer. Meu avô me faria saltar da cama e ir até a janela para ver e nós ficaríamos acordados a noite toda, conversando sobre o assunto.

Veríamos Vênus e Júpiter quase em conjunção com a estrela Lambda Sagittarii. E o grande cavalo alado Pégaso, voando a sudoeste do céu. A trilha da nebulosa de Andrômeda logo ali, acima de nossas cabeças. A Via Láctea crescendo pelo firmamento, desde o verão, unindo leste e oeste. Uma estrela cadente bastaria para fazer com que meu avô começasse a falar sobre o cometa de Halley, que ele viu em 1910, e que provavelmente se tornou o objeto de maior curiosidade em toda a história do homem. E contaria que havia dois grupos: os que festejavam a visita do cometa e os que temiam e olhavam para o céu com as pernas bambas, trêmulos de medo do fim. Meu avô me faria prometer que

por nada deste mundo perderia a próxima passagem do cometa de Halley e que olharia para o céu pensando nele.

Madrugada adentro, falaríamos de Órion, o Grande Caçador, senhor do céu, com as estrelas Betelgeuse e Belatrix (cinturões nebulosos), mais Rigel e Saiph, apontando para Sirius, a mais brilhante estrela do firmamento. E falaríamos sobre os seres humanos, sobre o tempo que faz que olham para as mesmas estrelas pensando sempre as mesmas coisas, há tanto, tanto tempo. E sobre como será a vida por lá, se há vida por lá, e se, havendo vida por lá, haverá alguém olhando para nós. Será que brilhamos, vistos de longe? Seremos outro ponto da noite do céu de alguém – uma espécie de espelho e projeção de seus sonhos, desejos, anseios? Meu avô garantiria que sim, claro! Diria que somos parte de um conjunto igualmente inacreditável, mais deslumbrante ainda do que podemos imaginar. Meu avô diria que devemos sair e olhar para o céu de vez em quando, para não esquecermos que somos parte dele e para não perdermos o lugar. Só depois disso, então, meu avô iria dormir.

Você teria gostado muito do meu avô. E com certeza ele também gostaria de você, acho eu. Feliz Dia do Avô para ele, esteja onde estiver. Se você por acaso o encontrar por aí, peça a ele que o convide a olhar o céu numa noite destas. E não esqueça de dizer a ele que eu gostaria muito que ele aparecesse em casa para passar o Natal conosco.

NÃO ME SINTO MUITO À VONTADE falando assim do meu avô. Ele existe e não existe ao mesmo tempo, tudo dependendo do significado da palavra *real*. Você talvez se sinta confuso com o que estou contando. Eu, pelo menos, me sinto. Acho que não há de fazer mal algum se você tem um desejo tão forte, mas tão forte que, de algum modo, ele passa a ser uma coisa real, que você guarda no fundo do coração. Picasso dizia que “tudo o que alguém *imagina*, torna-se real”; e é assim que entendo os desejos.

De certo modo, nós fabricamos os nossos parentes. Pai, mãe, irmão, irmã e os demais aparentados. Principalmente se estão mortos ou distantes de nós. Tomamos deles os dados que conhecemos, que jamais são “a história toda”, acrescentamos o que queremos que sejam ou o que precisamos que sejam e costuramos tudo numa espécie de colcha de retalhos familiar, com a qual nos agasalhamos.

Chegamos ao cúmulo de fabricar até a nós mesmos, misturando o que somos com o que queremos ser e com o que talvez venhamos a ser. Não faço idéia de por que é assim, mas sei que é. E é bom sabermos que é. Pensar no avô que eu *queria ter tido* me ensina a ser o avô que gostaria de ser, o que é um modo de, partindo do que tenho, preparar-me para o avô que serei. É assim mesmo: um ensaio preparatório.

Assim, daqui a algum tempo, não muito tempo, quando ouvir uma criança gritar, “ei vovô!” saberei como responder e o que fazer.

HÁ UMA PESSOA QUE, faz muito tempo, perturba seriamente minha paz de espírito. Ela talvez nem me conheça, mas volta e meia aparece, atrapalhando meus negócios. Temos pouca coisa em comum. Trata-se de uma velha senhora albanesa criada na Iugoslávia; é uma freira católica que vive na Índia cercada de miséria. Discordo dela sobre a política de controle de natalidade, o lugar da mulher no mundo e a Igreja; não gosto também da ingenuidade com que ela se refere à “vontade de Deus”. Ela vive no centro de grandes e contraditórias noções e forças poderosas que modelam o destino humano. Me deixa maluco. Aborreço-me todas as vezes que ouço seu nome, leio o que ela escreve ou vejo seu rosto. Sequer gosto de falar a respeito dessa velha senhora.

No escritório onde trabalho, há uma pia de lavar as mãos. Sobre ela, um espelho. Paro ali várias vezes ao dia para lavar as mãos e fazer um breve exame do meu rosto. Ao lado do espelho há uma foto dessa velha senhora que me perturba. Cada vez que olho para mim mesmo no espelho, vejo também o rosto dela. Percebo naquele rosto mais coisas do que poderia lhe contar agora; e de quanto tenho percebido, depreendo ainda muitas outras coisas.

A fotografia foi tirada em Oslo, Noruega, a 10 de dezembro de 1980. E vejam o que aconteceu por lá:

Uma mulher pequenina, arquejada, vestida num sari azul bem desbotado e usando sandálias, recebia um prêmio. Das mãos de um rei. Um prêmio estabelecido e patrocinado pelo inventor da dinamite. Num ambiente luxuoso, decorado em veludo, ouro e cristais, cercado de gente importante em trajes de gala, casacas e vestidos longos. Os ricos, os poderosos, os inteligentes, os espíritos mais talentosos do mundo formando uma platéia requintada. E ali, no meio de todo aquele luxo, a pequenina mulher em seu sari e suas sandálias: Madre Teresa de Calcutá, Índia. Serve



aos pobres, adoecidos e moribundos. A ela, o Prêmio Nobel da Paz.

O prêmio não estava sendo entregue ao presidente, ao rei, a um general ou a um cientista; nem mesmo ao papa. Ou a um banqueiro, comerciante ou membro de cartel ou multinacional do petróleo ou aiatolá, porque nenhum deles conseguiu a chave para exercer tanto poder ou influência como ela. Pois ela tem em mãos a arma mais poderosa da qual dispomos para enfrentar os demônios deste mundo: um coração piedoso. E pertence a ela a única riqueza, dentre todas as que existem, que dura para sempre: o tesouro do espírito da compaixão.

Para atacar o desprazer dos cínicos deste mundo, carregar o fardo do amor descompromissado, curar as feridas dos homens, dar vida real à história do Bom Samaritano, viver a vida com tal intensidade a ponto de ser arrancada dos becos de Calcutá... é preciso coragem e fé. Coragem e fé que não somos capazes de admitir que existam em nós, mas sem as quais não sobreviveríamos.

Não conheço o idioma indiano, mas a eloquência de sua vida o torna perfeitamente compreensível para mim. E sinto-me, ao mesmo tempo, punido e abençoado. Não creio que um homem ou uma mulher, sozinhos, possam fazer grande coisa neste mundo. Mas a vi lá em Oslo, fazendo estremecer de emoção o planeta inteiro. Não creio no seu conceito de Deus, mas o poder de sua fé me emociona. E nela, sim, eu creio. Em Madre Teresa de Calcutá.

Dezembro, Oslo. A mensagem que o mundo recebe vinda de lá, em tempo de Natal, é de plena paz. Não a paz que nos foi trazida por uma criança que nasceu na manjedoura há séculos. Nem a paz que nos vem depois de um farto jantar e de uma soneca junto à lareira em 24 de dezembro. O que nos chega de Oslo é uma

mensagem de paz muito mais vital, mais vibrante, e nos chega por intermédio da extraordinária presença de uma mulher simples, vestida num velho sari azul desbotado. A paz de espírito que procede do trabalho de alguém e suas virtudes.

Alguns anos mais tarde, numa conferência de especialistas em física quântica e misticismo, no Hotel Oberoi Towers, em Bombaim, tornei a encontrá-la. Parado na porta do fundo do hall de entrada, senti sua presença junto a mim. E lá estava ela, Madre Teresa, sozinha. Chegara para fazer uma conferência a convite dos organizadores do encontro. Ela olhou para mim e sorriu. E até hoje continuo a ver seu rosto sorridente e compassivo.

Ela subiu ao palco e mudou o que previa a agenda do encontro: em lugar de discorrer sobre os aspectos intelectuais da religião, falou sobre o ativismo moral. Em voz firme, disse, diante da platéia deslumbrada:

– Não somos capazes de fazer grandes coisas. Mas podemos fazer pequenas coisas com grande amor.

As contradições da sua vida e sua fé não são nada se comparadas às minhas. Enquanto eu fico me remoendo de frustração pela impotência dos indivíduos, ela vai em frente e muda o mundo. Enquanto peço que Deus me dê mais recursos e poderes, ela usa o poder e os recursos que tem para fazer o que pode no momento, no limite de suas forças.

Ela me deixa cabisbaixo, aborrecido, envergonhado. *O que ela tem que eu não tenho?*

Se algum dia houver paz verdadeira na Terra, e homens de boa vontade, nós a deveremos a mulheres como Madre Teresa de Calcutá. A paz não pode ser apenas alguma coisa que você *deseja*;

a paz é algo que se *constrói*, que se *faz*, algo que se é e algo que você *entrega a seu próximo!*

O MODO COMO TERMINA MEU LIVRO FAVORITO nem parece um fim. É quando James Joyce deixa o *Finnegans Wake* no meio de uma frase, sem ponto final e sem maiores explicações. Há especialistas que acreditam que aquela última meia-frase se junta com a primeira do livro, criando a ilusão de um ciclo sem começo ou fim. Espero que tenham razão porque a idéia me agrada. Mas Joyce não se pronunciou a respeito, o que deixa você livre para concluir como quiser.

Em escala bem mais modesta, lembro das horas que gastei tentando contar histórias na hora de fazer meu filho mais velho dormir. Antes mesmo de eu começar a narrar o início da história, ele já queria saber o que acontecera *antes*. E, como você já deve estar prevendo, por mais conclusivos e apocalípticos que fossem os fins das histórias que eu inventava, e por mais sonolento que ele estivesse, sempre vinha aquela vozinha das profundezas da escuridão do quarto:

– E daí, papai, o que aconteceu *depois*?

Lá atrás, no começo deste livro, contei-lhe da agente literária que deu início a esta aventura querendo saber se eu tinha outros “escritos”. Eu tinha. Bem depois ela tornou a perguntar se eu tinha ainda outros e sim, eu tinha muitos mais. E continuei a escrever, sem parar, como continuei vivendo, também sem parar.

De qualquer modo, é hora de descansarmos. Se o tecido da existência não tem emendas ou rasuras, mesmo assim o costureiro precisa dormir.

Mas da próxima vez prometo falar sobre rãs; a senhorita Emily Phipps; um cartaz que vi numa doceria em Pocatello, Idaho; o mais desastroso casamento de todos os tempos; uma expressão grega, *asbestos gelos* (riso incontrollável); o Exército da Salvação; sobre o homem que já sabia tudo o que sabe hoje, agora; o menor

circo do mundo; a verdade sobre o curso ginásial; e sobre o dia em que, ao me deitar, percebi que a cama estava pegando fogo; e...

## SOBRE O AUTOR

---

ROBERT FULGHUM é um homem versátil. Entre tantas profissões exercidas, já foi vaqueiro de rancho, cantor de músicas *country*, vendedor da IBM, pároco titular, *barman*, professor de desenho e pintura, pai dedicado. Hoje, vivendo numa casa flutuante em Seattle, Washington, prefere definir-se como um filósofo da vida cotidiana. É um filósofo de sucesso. Seu livro ***Tudo que eu Devia Saber na Vida, Aprendi no Jardim-de-Infância*** ocupou em 1989 o primeiro lugar nas listas de *best-sellers* dos-Estados Unidos, por 60 semanas, e já teve os direitos vendidos para a Espanha, Grã-Bretanha, Itália, Alemanha, Holanda e Coréia.

## TUDO QUE EU DEVIA SABER NAVIDA APRENDI NO JARDIM-DE- INFÂNCIA

---

Existem livros que contêm inexplicável magia. É o caso deste já pequeno clássico, escrito para elevar e confortar espíritos e corações, e que pertence à mesma e extraordinária categoria de **O Pequeno Príncipe**, de Saint-Exupéry e **Fernão Capelo Gaivota**, de Richard Bach. Original coleção de reflexões incomuns sobre fatos banais, com exemplos extraídos da própria vida e reunidos durante anos por Robert Fulghum, este livro tem o poder de tocar emocionalmente qualquer pessoa que decida conhecê-lo. Não apresenta nomes ou fatos extraordinários. Ao contrário, mostra personalidades simples e pequenas verdades do cotidiano – o menino surdo que, procurando trabalho, recolhe com o rastelo as folhas que caem das árvores no outono; o índio simplório que dança com inocência e graça os ritmos mais modernos e sofisticados das discotecas. Espirituosos, bem-humorados, os pequenos ensaios de **Tudo que eu Devia Saber na Vida Aprendi no Jardim-de-Infância** despertam a ternura e a compreensão, tornando o leitor mais perceptivo e aberto. Um maravilhoso e inspirador trabalho para pessoas de todas as idades e crenças.